

Universidade Federal de Juiz de Fora
Pós-Graduação em Ciência da Religião
Mestrado em Ciência da Religião

Tatiene Ciribelli Santos

OS FUNCIONÁRIOS DE DEUS: A VOCAÇÃO RELIGIOSA A PARTIR DA
PSICOLOGIA PROFUNDA DE EUGEN DREWERMANN

Juiz de Fora
2010

Tatiene Ciribelli Santos

**Os *Funcionários de Deus*: A Vocação Religiosa a partir da Psicologia Profunda de
Eugen Drewermann**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, área de concentração: Filosofia da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Sidnei Vilmar Noé

Juiz de Fora
2010

Santos, Tatiene Ciribelli.

Os funcionários de Deus: a vocação religiosa a partir da psicologia profunda de Eugen Drewermann / Tatiene Ciribelli Santos. – 2010.

143 f.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião)–Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

1. Vocação religiosa. 2. Psicologia profunda. 3. Drewermann, Eugen.
I. Título.

CDU 271-1

Tatiene Ciribelli Santos

**Os *Funcionários de Deus*: A Vocação Religiosa a partir da Psicologia Profunda de
Eugen Drewermann**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Área de Concentração em Filosofia da Religião, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião.

Aprovada em 26 de agosto de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sidnei Vilmar Noé (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Luís Henrique Dreher
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Alberto da Silva Moreira
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

À Laís, pela paciência e carinho ao acolher todos os momentos mais difíceis, enchendo-os de suavidade, e ao Cristiano, por estar sempre ao lado, incentivando-me e demonstrando todo o seu amor...

AGRADECIMENTOS

A Deus, a quem busco escutar, todos os dias, em meu coração.

Aos *professores do PPCIR* pela seriedade e competência ao ensinar e estimular o gosto pelo mundo acadêmico, e ao secretário *Antônio Celestino* pela ajuda sempre eficiente.

Ao meu orientador *Prof. Dr. Sidnei Vilmar Noé* pela dedicação, orientação eficaz e presença sempre constante nesta caminhada.

Ao *Prof. Dr. Eduardo Gross* pela enorme ajuda no momento da Qualificação e por ter aceito o convite para a Banca de Defesa e ao *Prof. Dr. Alberto da Silva Moreira* por também ter concordado em estar reunido conosco neste momento tão importante, trazendo sua valiosa contribuição.

Ao *Prof. Dr. Victor Linn* pela colaboração e por dividir comigo seus conhecimentos a respeito de Eugen Drewermann.

Ao *Prof. Dr. William Castilho Pereira* pelo interesse na minha pesquisa, enviando-me materiais importantíssimos sobre o tema estudado.

A todos os *bispos, padres e seminaristas* que conheci neste tempo de trabalho, meu respeito, carinho e admiração.

Aos meus *pais* pelo dom da vida.

Ao meu irmão *Marco* por estar sempre por perto, incentivando a minha busca por conhecimento.

Aos colegas mestrandos e doutorandos *Alexandro, Déborah, Hermenegildo, Patrícia, Luciana, Lúcia Helena, Cynthia, Luiz Henrique* e a todos que conheci no PPCIR, meu agradecimento por dividir momentos de alegria, de troca e de ajuda mútua.

Aos amigos de longa data *Cláudia, Fabiana, Victor Hugo, Érica* por tornarem esta jornada mais alegre e entusiástica. E também pelas ideias, sugestões, revisões e dicas. Seus apontamentos foram de extrema valia.

À *Laís*, minha filha, pelo carinho, paciência e incentivo sempre presentes e ao *Cristiano*, meu marido, pela força, apoio e amor dispensados durante todo o tempo.

RESUMO

A Igreja Católica Apostólica Romana entende a vocação para a vida religiosa (como no caso de padres, freiras, irmãos consagrados) como um chamado específico somente para alguns homens e mulheres especiais. Esta vocação é fundamentada pela existência de três votos obrigatórios: a pobreza, a obediência e a castidade. Aqueles que são chamados para esta função são compreendidos como especiais a partir de Deus. Porém, Eugen Drewermann, em sua obra *Funcionários de Deus*, problematiza este modelo ideal. A partir da Psicologia Profunda, ele busca entender os motivos psicológicos inconscientes que levam um jovem a buscar como opção de vida a vocação religiosa. Partindo das constatações feitas pelo autor, o objetivo desta pesquisa é analisar algumas questões, como os motivos que levam um jovem a buscar como ideal de vida a opção pelo sacerdócio na Igreja Católica, quais aspectos psicológicos interferem nesta escolha, como se sente quem se julga chamado, verificar o seu entendimento a respeito dos três conselhos evangélicos e discutir as propostas feitas à Igreja Católica para que os conflitos vivenciados pelos “eleitos” sejam minimizados.

Palavras-chave: vocação religiosa, Psicologia Profunda, inconsciente, conselhos evangélicos, Eugen Drewermann.

ABSTRACT

The Roman Catholic Church understands religious vocation (as in the case of priests, nuns and consecrated brothers) as a specific calling for only a few special men and women. This vocation is established by the existence of three binding vows: poverty, obedience, and chastity. Those who are called to this function are comprehended as special from God. However, Eugen Drewermann, on his work "God's Servants", renders problematic this ideal model. Through Depth Psychology he seeks to understand the unconscious psychological motives that lead a young person to look for religious vocation as a way of life. Proceeding from the author's statements, the purpose of this research is to examine some issues, like the reasons that lead a young person to look for priesthood on the Catholic Church as a way of life, what psychological aspects affect this choice, and how does it feel for someone who judges himself called, to verify his understanding about the three evangelical counsels and to consider proposals made to the Catholic Church in order to minimize the conflicts experienced by the "elected".

Keywords: religious vocation, Depth Psychology, unconscious, evangelical counsels, Eugen Drewermann.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1: EUGEN DREWERMANN E A CONSTITUIÇÃO DE UM “FUNCIONÁRIO DE DEUS” – A PSICOGÊNESE DO CLÉRIGO.....	5
1.1- Apresentação de Eugen Drewermann e de sua obra <i>Funcionários de Deus</i>.....	6
1.2- A vocação religiosa e suas motivações, segundo o olhar de Drewermann.....	14
1.2.1- A atribuição dos papéis dentro da família e sua posterior influência na busca pela vida religiosa.....	19
1.2.1.1- O papel da mãe.....	19
1.2.1.2- O papel do pai.....	24
1.2.1.3- O papel dos irmãos.....	27
1.2.1.4- Por que ser um clérigo?.....	31
1.2.2- A Insegurança Ontológica.....	33
1.2.3- O Existir pela Função.....	35
1.2.4- O Sacrifício e a Responsabilidade.....	38
Conclusão	42
CAPÍTULO 2: A DECISÃO VOCACIONAL, A ENTRADA NA INSTITUIÇÃO E A FORMA DE SER DO CLÉRIGO, SEGUNDO DREWERMANN.....	44
2.1- O momento de entrada para o seminário ou convento da ICAR.....	45
2.2- As principais características de um clérigo. As marcas internas e externas que diferenciam aquele que é chamado.....	46
2.2.1- A forma de pensar do clérigo.....	47
2.2.2- O vestuário básico do clérigo.....	54
2.2.3- A leitura do breviário.....	55
2.2.4- A penitência ou confissão em público.....	55
2.2.5- A proibição de amizades pessoais.....	56
2.2.6- A separação da família de origem.....	57
2.2.7- O valor do juramento.....	59
2.2.8- A fuga no trabalho.....	60
2.2.9- Relações no anonimato.....	61
2.3- Os conselhos evangélicos e sua relação com as fases da organização da libido.....	67
2.3.1- O voto da pobreza e sua relação direta com a fase oral.....	69
2.3.2- O voto da obediência e sua relação direta com a fase anal.....	76
2.3.3- O voto da castidade e sua relação direta com a fase fálica ou edípica.....	82
Conclusão.....	92
CAPÍTULO 3 – EUGEN DREWERMANN E SUAS CONSIDERAÇÕES E PROPOSTAS DE TERAPIA ÀQUELE QUE OPTA PELA VIDA RELIGIOSA.....	94
3.1- A pobreza libertadora.....	97
3.2- A obediência sublime.....	101
3.3- O amor que faz sonhar.....	107
3.4- A formação ideal para os futuros clérigos, segundo Drewermann.....	115
3.4.1- A busca pela mística da natureza.....	115
3.4.2- A busca pelo caráter subjetivo da fé.....	121

Conclusão.....	129
CONCLUSÃO.....	131
BIBLIOGRAFIA.....	141

INTRODUÇÃO

De acordo com a tradição da Igreja Católica Apostólica Romana, vocação religiosa é um chamado especial onde o “eleito” é consagrado a Deus de um modo novo, comprometendo-se a viver com três votos ou conselhos evangélicos: na castidade consagrada, mantendo-se solteiro e abstendo-se das relações sexuais; na pobreza evangélica, já que o dom recebido é gratuito e deve ser doado desinteressadamente; e na obediência apostólica, a qual exprime a vontade de Deus que é manifestada ao presbítero, através dos legítimos superiores¹. “É função própria da vocação religiosa ser sinal capaz de atrair e animar os cristãos, a cumprir com alegria e dedicação os compromissos da vocação cristã”².

A Igreja Católica entende que “mediante a consagração sacramental, o sacerdote é configurado a Jesus Cristo enquanto Cabeça e Pastor da Igreja e recebe o dom de um ‘poder espiritual’ que é participação da autoridade com a qual Jesus Cristo pelo Seu Espírito conduz a Igreja”³. Portanto, todo aquele que for ordenado sacerdote encontra-se revestido de uma graça e de um poder, para dar continuidade à Igreja de Jesus Cristo, seguindo o seu exemplo.

Essa compreensão do chamado vocacional distingue o padre dentre as demais pessoas e o constitui em favor destas, caracterizadas de leigas, para anunciar a Palavra do Senhor, realizando os sacramentos em seu nome e pregando o Evangelho⁴. Por isso, o padre é visto como um ser diferente e revestido de um caráter especial. Essa é a concepção defendida pela Igreja Católica em relação à vocação religiosa.

Por outro lado, em função da formação em Psicologia, tenho ao longo da vida profissional realizado um trabalho de orientação, de discernimento, de psicoterapia individual e de dinâmica de grupo junto a um seminário católico diocesano. Fazendo parte da equipe de formação da diocese, busco atualmente entender a motivação

¹ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Directório para o ministério e a vida do presbítero*, p. 57-71.

² CNBB. *Formação dos presbíteros da igreja no Brasil*, p. 19.

³ JOÃO PAULO II, *Pastores dado vobis*, p. 48,49.

⁴ Cf. CNBB. *Formação dos presbíteros da igreja no Brasil*, p. 22.

psicológica ao sacerdócio, o que leva um jovem a buscar a Igreja e fazer parte do clero católico.

Minha pretensão sempre foi ajudar esses jovens a buscarem sua realização pessoal, a se sentirem coesos na sua escolha e a fazerem um exercício de lealdade e disponibilidade com o caminho que escolheram. Portanto, entender o que se passa na busca vocacional torna-se motivo primordial nesta jornada profissional.

Por essa razão, entendo ser importante conhecer a pessoa do vocacionado, quais são suas motivações, seus desejos, seus medos, suas angústias, afinal, quem é esse ser humano que se colocará sob as exigências da Igreja Católica e terá como opção de vida tornar-se um clérigo. Olhar o ser humano que deseja tornar-se sacerdote, através da abordagem psicológica, é o foco primordial para a motivação desta pesquisa.

Diante dessa problemática, um autor que se ocupou com o estudo da motivação vocacional à vida religiosa, segundo uma perspectiva psicológica⁵, é Eugen Drewermann. Natural da Alemanha, teólogo, filósofo, sacerdote, psicoterapeuta, requisitado em toda a Europa, “com mais de 70 publicações, compondo mais de 30 mil páginas escritas”⁶, ele procura desvendar a motivação vocacional para a vida religiosa em seu livro *Funcionários de Deus - Psicograma de um Ideal*⁷.

Drewermann fundamenta seus estudos na *Tiefenpsychologie*, termo alemão que no português, vem sendo traduzido por Psicologia Profunda. Através dessa abordagem teórica, ele irá analisar a constituição psíquica dos padres católicos romanos e as estruturas da instituição católica, buscando entender as motivações inconscientes que levam um jovem a buscar a vocação religiosa como ideal de vida.

Neste trabalho, que será bibliográfico, pretende-se concentrar a atenção sobre as seguintes questões, que podem ser levantadas a partir da leitura da obra de Drewermann: o que leva um jovem a buscar como ideal de vida a opção de ser sacerdote da Igreja Católica? Quais aspectos psicológicos, no vocacionado, são incitados para que ocorra a motivação à vida religiosa?

Esta pesquisa divide-se em três capítulos. No primeiro capítulo pretende-se apresentar, brevemente, o autor Eugen Drewermann, suas principais obras e o uso que

⁵ Importante frisar que conhece-se, também, outros autores e trabalhos que buscam compreender a vocação religiosa sob o viés psicológico. Alguns deles serão citados no momento oportuno desta dissertação.

⁶ Sidnei Vilmar NOÉ in Eugen DREWERMANN, *Religião para quê?* p. 5.

⁷ Esta é a obra traduzida para o português de Portugal que será utilizada neste trabalho. O título no original alemão é *Kleriker. Psychogramm eines Ideal*. Na edição traduzida em Portugal, o título recebeu esta denominação.

ele faz da Psicologia Profunda em seus estudos. Será feita também uma apresentação da principal obra analisada, *Funcionários de Deus*, e será abordado o modo pelo qual Drewermann entende a vocação religiosa.

Dentro deste capítulo, também haverá uma análise sobre a forma com que a família influenciará cada vocacionado. Para isso, será analisado como o autor abordou essas influências, compreendendo as circunstâncias a partir das quais se desenvolveu a estrutura psíquica do futuro religioso. O papel da mãe, do pai e dos irmãos será analisado para tentar compreender como o autor traçou a personalidade do futuro clérigo, levando em consideração as influências destes papéis na trajetória do vocacionado.

Também fará parte do primeiro capítulo, a descrição dos principais conceitos utilizados por Drewermann ao longo de sua obra, que são: a insegurança ontológica, o existir pela função, o sacrifício e a responsabilidade. Acredita-se que analisando esses termos fundamentais, se conseguirá vislumbrar uma melhor compreensão das ideias de Drewermann.

No segundo capítulo, será analisado como o jovem vivenciará seus conflitos depois de já inserido em uma comunidade religiosa, de acordo com o entendimento de Drewermann. O autor acredita que há uma semelhança no modo de viver entre todos os clérigos e, por esse motivo, precisarão ser abordados os fatores que caracterizam a vocação religiosa.

Também, no segundo capítulo, haverá uma interpretação dos três conselhos evangélicos (pobreza, obediência, castidade) sob o olhar da Psicologia Profunda, fazendo uma relação direta com a vida dos religiosos. É uma leitura nova que mostra o “outro lado” das obrigações propostas pela Igreja.

O terceiro e último capítulo irá apresentar as propostas que Drewermann faz à Igreja, chamadas por ele de “propostas de terapia”⁸. Essas propostas têm o objetivo de discutir a vivência dos conselhos evangélicos da pobreza, obediência e castidade sob o prisma de uma vivência salutar. Para o autor, não são os conselhos evangélicos em si os culpados por tantas insatisfações na vida clerical, mas sim a forma com que são pedidos hoje pela Igreja Católica. Por isso, Drewermann faz uma nova interpretação desses conselhos sob o foco da Psicologia Profunda.

⁸ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 355.

Neste capítulo também estão inseridas ideias de outros autores em relação à pobreza, obediência e castidade. Acha-se necessário o diálogo desses autores com Drewermann para demonstrar que suas ideias e propostas para a Igreja são atuais e pertinentes.

Drewermann quer mostrar que os religiosos são também pessoas comuns, “mas os seus conflitos não são somente de caráter pessoal, senão que provêm das estruturas do próprio estado clerical, o qual se torna discutível nos seus pontos fortes e fracos, nas suas vantagens e desvantagens, nas suas luzes e sombras”⁹.

O autor define o objetivo do seu livro da seguinte maneira: “trata-se única e exclusivamente de pretender pôr fim a velhíssimos tabus e de querer falar abertamente de problemas verdadeiramente existentes”¹⁰. Com esse propósito, o autor pretende quebrar a solidão de muitos religiosos e esclarecer que todos sofrem as mesmas dificuldades.

Drewermann defende que há que restaurar a autorização para poder falar nesse grande grupo que é a Igreja Católica. Para o autor, o fato de falar abertamente dessas questões é salutar, já que “tanto calar como recalcar são precisamente os fatores que criam conflitos e os tornam insolúveis”¹¹. Portanto, esses pontos também serão trabalhados nesta pesquisa.

⁹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 14.

¹⁰ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 15.

¹¹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 16.

CAPÍTULO 1: EUGEN DREWERMANN E A CONSTITUIÇÃO DE UM “FUNCIONÁRIO DE DEUS” – A PSICOGÊNESE DO CLÉRIGO

O primeiro capítulo tem o objetivo de apresentar o autor estudado, Eugen Drewermann, e compreender como ele formulou sua hipótese ou perspectiva de análise proposta no livro *Funcionários de Deus*. O seu interesse foi procurar entender a psicogênese do vocacionado que busca a realização pessoal, ao optar por fazer parte do clero da Igreja Católica Apostólica Romana¹².

Drewermann argumenta que todo aquele que busca o caminho do sacerdócio na ICAR já foi motivado para essa vocação desde a época de seu nascimento, desde as primeiras relações com aqueles que foram responsáveis pela sua criação, especialmente a mãe. Portanto, para o autor, a existência de questões inconscientes é que levará o jovem a procurar, como realização de vida, a inserção na instituição da ICAR.

A relação com a família, com a escola, com as amigas é de fundamental importância no sentido de direcionar a vida do sujeito na escolha vocacional. Para aquele que opta por tornar-se um clérigo, o caminho não é diferente. Drewermann foca seu estudo nos aspectos psicológicos, humanos, e não pretende levar em consideração, pelo menos na obra principal utilizada para esta pesquisa, o fator “sobrenatural”¹³ responsável por nomear o vocacionado de um “eleito” de Deus.

Para isso, o autor começa destrinchando a relação da criança, especialmente, com sua mãe. Será a partir dessa relação primária que Drewermann tirará subsídios para conceituar os termos-chave da sua teoria, que são, entre outros, a insegurança (termo apresentado na edição portuguesa de *Funcionários de Deus*, e que se optou por manter neste trabalho) ontológica, o sacrifício e a responsabilidade que o futuro clérigo acredita que possui em relação aos outros. Esses aspectos, de acordo com o autor, fazem com

¹² A partir deste ponto, usar-se-á a sigla ICAR toda vez que referir-se à Igreja Católica Apostólica Romana.

¹³ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 16.

que o clérigo viva suas funções de forma somente exteriorizada, e, conseqüentemente, a solidão torna-se a sua companheira inevitável.

Pretende-se, com a primeira parte do trabalho, olhar no detalhe as afirmações do autor, focando na construção de uma personalidade adequada a vir a ser um eleito, um escolhido, portanto, um “funcionário de Deus”, utilizando-se da própria linguagem de Drewermann.

1.1- Apresentação de Eugen Drewermann e de sua obra *Funcionários de Deus*

Eugen Drewermann nasceu em 20 de junho de 1940, na cidade de Bergkamen, Alemanha. Filho de mãe católica e pai protestante, ele vivenciou os horrores da Segunda Guerra Mundial profundamente, pois o pequeno vilarejo onde vivia foi destruído. Essa, talvez, seja uma das experiências mais marcantes para o autor, influenciando diretamente suas teorias e obras¹⁴.

Na adolescência, decidiu dedicar-se à vida religiosa, sendo admitido em um seminário católico. Fez as faculdades de Filosofia e Teologia na própria instituição e, mais tarde, a formação em Psicanálise. Foi ordenado sacerdote em 1966¹⁵.

Além de padre, atuou paralelamente como psicoterapeuta e professor de Teologia Dogmática em Paderborn. Suas posições em relação à interpretação da Exegese enfureceram as autoridades da ICAR, sendo afastado da prática de lecionar para os professores de ensino religioso, em 1982¹⁶. Importante frisar que esses conflitos começaram pelo fato de Drewermann pretender fazer a relação entre a interpretação da Bíblia e a Psicologia, acreditando que a Exegese pudesse ser mais bem compreendida levando-se em conta a interpretação psicológica.

De acordo com Victor Linn¹⁷, a partir da publicação de *Psicologia Profunda e Exegese*¹⁸ (1984) e *Clérigos*¹⁹ (1989), a perseguição da hierarquia católica tornou-se constante, fazendo com que Drewermann fosse proibido de atuar como professor em

¹⁴ Cf. Victor Waldir LINN, *Entre o sonho e a palavra*, p. 20-31. Linn afirma que o tema frequente estudado por Drewermann é a questão do mal, focando primadamente a maldade humana. Esta preferência parece ter sido influenciada diretamente por suas experiências dolorosas na Segunda Guerra Mundial. Em função disso, sua posição atual é de pacifista e anti-militarista.

¹⁵ Cf. Victor Waldir LINN, *Entre o sonho e a palavra*, p. 20-31.

¹⁶ Cf. Victor Waldir LINN, *Entre o sonho e a palavra*, p. 20-31.

¹⁷ Cf. Victor Waldir LINN, *Entre o sonho e a palavra*, p. 20.

¹⁸ Título original no alemão: *Tiefenpsychologie und Exegese*. Tradução livre da autora.

¹⁹ Título original no alemão: *Kleriker*. Tradução livre da autora.

Paderborn, em 1991. Em 1992 foram cassados seus direitos de pregação. Por isso, em 1995, sua decisão foi renunciar espontaneamente ao exercício do sacerdócio.

Desde o conflito com a hierarquia da ICAR, Drewermann tornou-se popular nos meios de comunicação e suas obras são lidas por milhares de europeus, sendo traduzidas para o francês, italiano, português de Portugal, espanhol. Atualmente, trabalha como psicoterapeuta e escritor, sendo muito requisitado como conferencista por toda a Europa²⁰.

Seus livros tornaram-se, quase todos, *best-sellers*, possuindo várias edições. “Drewermann é o teólogo mais lido atualmente na Alemanha e começou sua publicação de calhamaços com os três volumes de sua tese de doutorado, em que aborda a questão do *mal* sob o tríplice aspecto exegético, psicológico e teológico”²¹.

Suas principais obras englobam aspectos variados e complexos, e são elas²²: oito volumes de *Os Contos de Fadas dos irmãos Grimm Interpretados a partir da Psicologia Profunda*²³, três volumes intitulados *Psicanálise e Teologia Moral*²⁴, dois volumes com o título *Psicologia Profunda e Exegese*²⁵, dois volumes de *O Evangelho de Marcos - imagens da Redenção (Salvação)*²⁶, os quais provocaram a ira de muitos exegetas por terem a interpretação psicanalítica como pano de fundo. Sobre mitologia egípcia antiga escreveu *Eu embarco na barca do sol*²⁷. Publicou uma obra com experiências biográficas intitulada *O que eu penso*²⁸, relatando suas divergências com as autoridades da ICAR. Ainda possui obras que tratam da figura das mulheres na Bíblia e sobre Giordano Bruno.

A principal obra analisada neste trabalho, *Funcionários de Deus – Psicograma de um Ideal*²⁹, foi publicada no ano de 1989, na Alemanha, contando com mais de 900 páginas. Em pouco tempo, alcançou sucesso e ficou durante várias semanas na lista das mais vendidas do país, sendo reeditada várias vezes.

²⁰ Cf. Victor Waldir LINN, *Entre o sonho e a palavra*, p. 20-31.

²¹ Alberto MOREIRA, *Eugen Drewermann e a psicanálise da igreja clerical*, p. 395.

²² Cf. Alberto MOREIRA, *Eugen Drewermann e a psicanálise da igreja clerical*, p. 395, 396.

²³ Título original no alemão: *Grimms Märchen tiefenpsychologisch gedeutet*. Esta e as traduções abaixo dos títulos das obras são traduções livres da autora, pois as respectivas obras não foram traduzidas para o português.

²⁴ Título original no alemão: *Psychoanalyse und Moralthologie*.

²⁵ Título original no alemão: *Tiefenpsychologie und Exegese*.

²⁶ Título original no alemão: *Das Markusevangelium. Bilder der Erlösung*.

²⁷ Título original no alemão: *Ich steige hinab in die Barke der Sonne*.

²⁸ Título original no alemão: *Was ich denke*.

²⁹ Título original no alemão: *Kleriker. Psychogramm eines Ideals*.

Há séculos que não existe dentro da Igreja Católica tabu mais forte do que o do próprio estado clerical. Precisamente aqueles que deveriam irradiar e personificar um máximo de espontaneidade e de liberdade é que, para sobreviver, parecem necessitar de um bem estranho cordão hermético de barreiras e proibições – como se, tal como aos frescos antigos, os ameaçasse a desintegração à primeira lufada de ar fresco.³⁰

Com essa citação, Drewermann inicia o livro *Funcionários de Deus*, justificando a finalidade de um estudo psicanalítico sobre os clérigos da ICAR, designados por ele de “funcionários”. Seu principal objetivo é conhecer a história pessoal daqueles que optaram pela vida religiosa e relacioná-la diretamente com as motivações inconscientes que levaram os jovens a fazerem tal escolha. E para isso, buscou traçar o que ele nomeou já no subtítulo do livro, ou seja, o psicograma ou o perfil psicológico do jovem vocacionado à vida religiosa, buscando entender as motivações psicológicas inconscientes.

Durante toda a obra, Drewermann irá empregar o termo “clérigo” como um conceito mais extenso, englobando o bispo, os sacerdotes, monges, religiosos, religiosas, freiras. Portanto, não se aterá às diferenciações jurídicas explicitadas no direito canônico³¹. Devido a isto, optou-se por adotar também, neste trabalho, o termo citado ao referir-se aos religiosos de uma forma geral.

As hipóteses defendidas na obra acirraram o conflito entre Drewermann e a ICAR, pelo fato do autor traçar o perfil dos vocacionados com “uma vivacidade de tal modo penetrante e profunda que não deixam de impressionar os menos crentes”³². Apesar de saber que a obra seria vista como perigosa pela ICAR, Drewermann não temeu as possíveis represálias e a lançou, já prevendo uma série de críticas. Porém, ele acredita que prestou um serviço positivo à ICAR, tornando explícitas as motivações inconscientes do ideal clerical, pois a partir daí possíveis soluções poderão ser encontradas, no sentido de oferecer uma maior realização pessoal para os clérigos.

“Ninguém presta o mínimo favor à Igreja, passando respeitosamente ao largo dos pontos nevrálgicos das angústias que passaram a fazer parte da sua própria instituição; antes pelo contrário, é para bem da mesma Igreja que será preciso romper a forma limitada como ela se apresenta, e que será preciso promover, tanto quanto

³⁰ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 74.

³¹ Cf. Alberto MOREIRA, *Eugen Drewermann e a psicanálise da igreja clerical*, p. 396.

³² Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, contracapa.

possível, a força sublime do discurso livre”³³. O objetivo então, para Drewermann, é apontar o que ele vê como errado na instituição católica e oferecer propostas para futuras mudanças, levando-se em conta o perfil psicológico dos clérigos.

Drewermann fez uma “investigação psicanalítica do ideal clerical”³⁴ tendo como marco teórico a *Tiefenpsychologie* ou Psicologia Profunda. Esse conceito foi originado na Psicanálise após os estudos de Sigmund Freud, que foi um dos responsáveis por introduzir a noção de profundidade em Psicologia, sendo um dos principais pesquisadores a estudar as manifestações do inconsciente de maneira metódica³⁵. A Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung e a Psicologia Individual de Alfred Adler também são consideradas como escolas psicológicas expoentes da Psicologia Profunda.

Dentro de sua vasta obra e, também, no livro *Funcionários de Deus*, o pensamento de Drewermann é marcado por diversas influências teológicas e filosóficas. Entre elas, o pensamento existencialista de Kierkegaard e o Romantismo Alemão. Porém nesta pesquisa, o foco teórico será a própria Psicologia Profunda, abordagem com a qual Drewermann vai analisar as estruturas psíquicas dos vocacionados à vida religiosa.

Drewermann argumenta que precisou recorrer à Psicologia Profunda para buscar respostas que a ICAR não lhe dava. Seu intuito, ao tornar-se clérigo, era ajudar e ser útil às pessoas, porém com o decorrer de sua vida sacerdotal, ele percebia que não era possível atingir seu objetivo utilizando-se da linguagem e das ferramentas que a ICAR dispunha. Também percebeu que não podia compreender o ser humano somente através do uso da razão ou da Filosofia³⁶.

Foi por esse motivo que procurou ajuda no campo da psicologia e buscou a formação em Psicanálise. Ele acredita no papel fundamental do inconsciente na vida de todo ser humano. Sua acolhida à teoria proposta por Freud foi por acreditar que uma pessoa não pode ser direcionada somente por processos conscientes, em que cada ação é explicada e conhecida totalmente por aquele que a executa. Para Drewermann, há aí algo mais, algo que não se tem capacidade de conhecer no momento que se realiza ou se escolhe. Este algo é o inconsciente, defende o autor.

³³ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 14.

³⁴ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 14.

³⁵ Cf. Roland DORON; Françoise PAROT, *Dicionário de psicologia*, p. 630

³⁶ Cf. Eugen DREWERMANN, *Dios Inmediato*, p. 11-16.

Então, a ideia central da Psicologia Profunda é que, sob a superfície da psique consciente, existiriam camadas mais profundas, e que seriam esses processos inconscientes, os responsáveis pelos efeitos significativos da vida de uma pessoa. Essa ideia já havia despontado nas filosofias de Nietzsche, Kierkegaard, Schopenhauer e também na literatura do Romantismo³⁷.

Para Drewermann “não resta dúvida de que a psicologia profunda, bem longe da suspeita de ser uma pura introspecção, mudou o semblante da cultura ocidental em vários pontos essenciais”³⁸. Considera-a um instrumento muito eficaz de transformação, pois esta se encontra e permanece sempre ligada ao seu fim, que é o desenvolvimento psíquico salutar do indivíduo.

De acordo com o autor, a Psicologia Profunda não quer e nem pode trabalhar com censuras, acusações ou exigências; “ela só pode e quer chamar a atenção para conexões, tendências, causas remotas e estruturas, para depois, segundo as possibilidades da pessoa, tudo se reorganizar de forma mais conveniente”³⁹. O autor acredita que uma investigação, partindo dessa abordagem, seja sobre qualquer tema, não será uma polêmica “política”⁴⁰, mas pura e simplesmente a tentativa de compreender um determinado fato. E, para isso, nada melhor que utilizar os seus métodos e técnicas.

Drewermann faz um destaque da importância terapêutica das investigações através da Psicologia Profunda. Para ele, qualquer nova opinião, só se forma a partir do diálogo, baseado na confiança, entre o psicólogo do profundo e o paciente. “Só perante alguém que não censure, que não dirija e não manipule, mas que tolere e aceite o que houver de verdade na alma de uma pessoa, é que é possível a essa mesma pessoa vir a tornar-se honestamente aberta perante si mesma, ganhando a coragem para adotar novos pontos de vista”⁴¹. Essa abordagem constitui, para ele, uma abstração daquilo que representa o encontro humano direto, e faz com que as experiências pessoais tornem-se formuláveis, possíveis de serem expressas em palavras.

A liberdade pessoal é outra questão que Drewermann aponta na sua abordagem. De acordo com ele, uma investigação psicanalítica ou da Psicologia Profunda mostra o quanto é pequena a margem da liberdade pessoal, tendo em vista a psicodinâmica do inconsciente, “assim se deslocando de antemão o centro das

³⁷ Cf. Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 13-27.

³⁸ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 14.

³⁹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 14.

⁴⁰ Grifo do autor.

⁴¹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 15.

considerações a fazer, do âmbito do consciente capaz de reflectir, para a esfera do inconsciente”⁴².

Por outro lado, mostra que não existe o inconsciente como valor fixo, mas este é dinâmico e formado de acordo com a biografia do indivíduo. Ele vai modelando-se e relacionando-se com as condições da formação social, nelas refletindo-se depois.

É para tentar entender o ser humano ao invés de julgá-lo, que Drewermann recorre à psicanálise e encontra na noção fundamental dessa teoria, ou seja, na noção do inconsciente, o conceito que lhe permite uma compreensão do ser humano, enquanto sujeito dividido entre sua vontade racional e as forças pulsionais que nele agem. O ser humano passa a ser visto como um sujeito em conflito. É esse conflito que estrutura o sujeito e o determina em suas angústias, sua capacidade de amar, de confiar e, enfim, em toda sua qualidade de vida.⁴³

Para Drewermann, a compreensão da motivação vocacional para a vida religiosa, utilizando-se da Psicologia Profunda, não diminui a grandeza e o mistério de Deus.

A melhor maneira de “demonstrar” ou de “louvar” a Deus na sua grandeza não é elevando a sua actividade ao plano duma excepção sobrenatural, ou rebaixando-a a um processo de preencher as lacunas dos nossos conhecimentos científicos; Deus actua dentro da natureza e através dela, e quanto mais procurarmos compreender as bases e as leis da sua criação, longe de nos afastarmos dele, mais dele nos aproximamos; são elas, essas bases e essas leis, que nos permitem ao menos fazer uma idéia da sua grandeza e da sua sabedoria.⁴⁴

Drewermann acredita que procurar as motivações inconscientes da vocação religiosa pode levantar inúmeras críticas, pois, para a ICAR os clérigos participam de um mundo à parte, onde não é possível sua interpretação humana. Ele observa que “o caminho de um eclesiástico seria o de um chamamento operado pela graça divina; tratar-se-ia pois de um *mysterium sui generis*, um segredo no sentido restrito da palavra”⁴⁵. No seu entendimento, a ICAR postula que a vocação religiosa “começa por ser considerada como humanamente ‘inexplicável’, para depois se ‘explicar’ pelo carácter inexplicável da vontade divina”⁴⁶.

⁴² Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 16.

⁴³ Victor Waldir LINN, *Teologia e psicanálise na obra de Eugen Drewerman*, p. 174.

⁴⁴ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 27.

⁴⁵ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 25.

⁴⁶ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 25, 26.

Para o autor, é por causa desse tipo de entendimento que existe a dificuldade de humanizar, de debater esse tema focando o lado humano daquele que encaminha-se para a vida religiosa. Os homens e mulheres que optam por integrarem à instituição da ICAR são vistos como extraordinários, por terem sido escolhidos por Deus e, por esse motivo, as teorias da psicologia não podem ser aplicadas nesses indivíduos.

Consequentemente, o autor lembra que, a partir disso, forma-se uma “Teologia de dois andares”⁴⁷, onde no andar inferior estariam os traços humanos, profanos e no superior estaria a graça de Deus, que atuaria independentemente do primeiro andar. Representa assim os “dois andares, nas quais o humano e o divino, a ordem da vida profana e a ordem da graça divina se comportam reciprocamente”⁴⁸. Essa atitude de divisão já seria, para Drewermann, objeto de análise da Psicologia Profunda.

A questão de se saber como chega alguém a “declarar” como “actuação divina” algo sujeito aos limites do espaço e do tempo é já em si uma questão de ordem psicológica, e o recurso a Deus apresentado como explicação é o que antes de mais nada deverá ser explicado psicologicamente; sob o ponto de vista teológico não se põe a questão de saber quais os acontecimentos que na vida de alguém se interpretam verdadeiramente como “vocação divina”, mas quais os dados que se podem ou devem explicar por meio desta expressão.⁴⁹

Diante da apresentação tanto do autor quanto da obra analisada, será trabalhado o conceito da Psicologia Profunda da forma como já foi conceituado e como Drewermann o concebe: levando em conta a existência do inconsciente e de que os atos humanos acontecem por causa desses conteúdos. Portanto, optou-se, nesta pesquisa, por usar os termos Psicologia Profunda e Psicanálise com o mesmo sentido, sempre se referindo ao modo como Drewermann entende a importância do inconsciente. O próprio autor utiliza os dois termos com o mesmo sentido.

Então, para Drewermann, a Psicologia Profunda “penetra em zonas psíquicas profundas que abalam a superfície calma de uma Antropologia reduzida à vontade e ao pensamento consciente”⁵⁰. Sendo, portanto, um meio eficaz de mudança, fazendo com que o indivíduo tome consciência do seu desenvolvimento psíquico.

Outra preocupação de Drewermann são aqueles que ele pretende alcançar com sua obra. Ele espera que seu livro atinja um espaço maior do que somente o dos

⁴⁷ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 26.

⁴⁸ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 26.

⁴⁹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 26.

⁵⁰ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 14.

próprios clérigos. Os pais destes, os principais formadores desde a época do nascimento, são os alvos também da obra. Os leigos necessitam saber como estão criando seus filhos e como estão influenciando na formação da personalidade destes que, mais tarde, procurarão refúgio na ICAR.

A família é o primeiro lugar que influenciará a estrutura psíquica de uma criança, de acordo com Drewermann. A maneira como essa influência ocorre e como o futuro vocacionado reagirá a ela serão analisados pelo autor. O conteúdo espiritual transmitido será de fundamental importância, sendo, na maioria das vezes, levado pela vida afora do clérigo.

A sociedade em geral também pretende ser atingida, já que o autor entende que “comunidade viva, a Igreja, encontra-se envolvida numa multiplicidade de correlações e influências mútuas que têm a ver com as realidades e acontecimentos à sua volta”⁵¹. As pessoas em geral mostram-se, segundo Drewermann, interessadas em conhecer a maneira como a ICAR trata seus vocacionados, quem são os “eleitos” que lhe transmitem mensagens de fé e trabalham com a questão espiritual.

A estrutura utilizada, como o autor nomeou, foi descobrir a “orientação de vida”⁵² do clérigo, tentando entender o que se passa na sua história. O objetivo não é analisar “nem o conteúdo nem o facto em si de uma motivação, mas a história dessa mesma motivação é que constitui o elemento tocante à pessoa, humanamente excitante e autenticamente pessoal”⁵³. Os processos motivacionais e como eles guiaram a história pessoal do futuro clérigo foram as direções dadas por Drewermann em seu estudo.

Pelo fato do autor também acreditar que sua obra será um meio de promover futuras mudanças e melhorias na própria ICAR, ele argumenta que seu objetivo é o de defender e compreender os clérigos, mostrando a eles que seus problemas são puramente humanos.

Este livro pretende ser um discurso de defesa não só em favor dos eclesiásticos a braços com problemas vitais e que se julgam por isso mesmo indignos, fracassados [...] e que nas suas frustrações e batimentos se sentem degradados a seres sem apoio, viciosos, “perversos” [...] para lá de tudo isto pretende este livro intervir em defesa das facetas não vividas do espírito humano, porque rejeitadas por sentimentos de culpa, na vida oculta dos

⁵¹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 17.

⁵² Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 19.

⁵³ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 19.

eclesiásticos; e deseja portanto retirar o carácter de fracasso puramente pessoal.⁵⁴

1.2- A vocação religiosa e suas motivações, segundo o olhar de Drewermann

Olhando e conhecendo sua história de vida e sua formação acadêmica, pode-se perceber que, ao escrever a obra *Funcionários de Deus*, Eugen Drewermann busca o entendimento da gênese psicológica da vocação religiosa. É importante frisar que, durante a produção do livro, o autor ainda fazia parte do clero da ICAR alemã. E nesse mesmo período, ele já oferecia seu trabalho como psicoterapeuta aos clérigos. Então, ele tinha acesso à vida íntima de muitos de seus colegas como padre e, também, como psicoterapeuta. Portanto, seu olhar crítico é o de quem também vivenciava todas as normas e regras estabelecidas pela instituição da qual fazia parte.

Então, para tentar compreender os motivos que levam um jovem a ser um clérigo da ICAR, Drewermann trilhará a história deste. Irá analisar desde a época do nascimento e buscará compreender como se deu a sua educação e quais foram as influências familiares e sociais que recaíram sobre ele. Dessa maneira, quer enfatizar que o clérigo não nasce daquela forma, pronto, formado. Será a atividade inconsciente produzida, a partir dessas influências e vivências, que direcionará o rapaz ou a moça que pretende seguir a vida religiosa, acredita o autor.

Para Drewermann, a falha estrutural da ICAR é partir da ideia de um ser humano ideal e perfeito para viver suas regras. E será justamente essa falha que fará com que os clérigos vivam um comportamento dúbio, que tanto os faz sofrerem: não conseguirão realizarem-se como pessoas, nem como religiosos. Dessa forma, se sentirão sempre infelizes, tanto pessoalmente, quanto exercendo o ministério sacerdotal.

A separação imposta entre a sociedade e a instituição da ICAR, fazendo com que os clérigos sintam-se em um mundo à parte, protegidos e diferentes, faz com que esses indivíduos identifiquem-se com o papel de perfeição, esquecendo-se de sua individualidade. A própria estrutura eclesial limita o indivíduo, fazendo-o identificar-se com esse ideal imposto, de acordo com Drewermann.

O autor deixa claro que a interpretação que irá fazer não será a teológica que, ao longo da história explicou a escolha que Deus faz dos seus eleitos, segundo o plano divino da salvação. Drewermann quer analisar o desenvolvimento psicológico do futuro

⁵⁴ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 16.

clérigo, a partir da Psicologia Profunda, para entender o porquê dessa escolha vocacional, compreendendo as circunstâncias da motivação religiosa. Para ele, nessa obra, não estão em jogo os aspectos sobrenaturais que perfazem a vocação religiosa.

A questão aqui posta é a de saber como é possível que alguém, na idade, digamos, de vinte e cinco anos, passada a puberdade e a adolescência, se considere eleito de Deus. Não se trata de saber se essa convicção objectivamente se justifica ou não no plano teológico: o fim de uma investigação psicanalítica é saber como é que surge essa convicção. E vice-versa, como é que tal convicção se reflecte nos atingidos, isto é: como se sente quem se julga eleito, o que é que ele próprio entende por isso, e quais as consequências que daí tira.⁵⁵

Outra característica de seu estudo é não utilizar os métodos estatísticos, não se utilizando de números para explicar suas convicções, pois ele acredita que “não faz sentido que, para excluir a possibilidade de errar, se apresentem factos e mais nada, e se procure depois refúgio numa documentação estatística o mais exacta possível. Tentativas destas tem-nas havido muitas vezes, e nada modificaram na Igreja”⁵⁶. Ao invés disso, levará em conta os exemplos tirados de sua prática clínica, já que muitos religiosos o procuraram para atendimento psicoterápico. Foi através desses exemplos que Drewermann traçou o psicograma dos clérigos de uma maneira geral.

Segundo o autor, seu foco são as emoções, o que leva um homem ou uma mulher a buscar a vida religiosa, os sentimentos que motivaram essa escolha, “para colocar a nu toda a estrutura psíquica, a dinâmica afetivo-sexual e o mundo interior e exterior dos ‘escolhidos’⁵⁷ .

[...] todo aquele que puser a mão na zona do sagrado, mesmo que o faça para a proteger, se expõe automaticamente a uma represália [...] Ninguém presta o mínimo favor á Igreja, passando respeitosamente ao largo dos pontos nevrálgicos das angústias que passaram a fazer da sua própria instituição; antes pelo contrário, é para bem da mesma Igreja que será preciso romper a forma limitada como ela se apresenta, e que será preciso promover, tanto quanto possível, a força sublime do discurso livre.⁵⁸

O principal diagnóstico do autor é que a ICAR não leva em consideração o inconsciente de cada um dos seus membros, não reconhecendo que é dessa instância psíquica que partem as vontades, e não da consciência. O inconsciente dita as regras,

⁵⁵ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 29.

⁵⁶ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 18.

⁵⁷ Alberto MOREIRA, *Eugen Drewermann e a psicanálise da igreja clerical*, p. 396.

⁵⁸ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 14.

portanto a teoria do livre-arbítrio fica abalada. Serão a família, os condicionamentos sociais, a história particular de cada um que irá direcionar a pessoa.

A teoria do “sucesso fracasso”⁵⁹ expressa bem o que o autor pensa sobre a culpa pessoal que é colocada sobre a pessoa, e não sobre um sistema. O clérigo que faz sua escolha em um determinado momento da vida e que, posteriormente não consegue vivê-la, é quem está com sérios problemas. A culpa recai sobre a pessoa, e não sobre a instituição. A pessoa que não tem condições de fazer parte da ICAR, por não ter se adaptado às regras. Para Drewermann, essa é uma compreensão errada do ser humano, sendo uma das causas de infelicidade dos clérigos.

O autor discute sobre a forma com que a ICAR monta seu sistema de hierarquia, regras impostas, identificando aí, talvez, a causa do sofrimento psíquico dos clérigos, já que “na medida em que consolida a problemática onde ela tem manifestamente a sua origem, ou seja, nas estruturas objectivamente existentes, e dentro das quais a Igreja Católica ‘regulamenta’ a vida dos seus fiéis e devotados servidores”⁶⁰. As angústias vividas pelos clérigos são humanas, pessoais, porém a estrutura institucional formada aguça e reforça esse sofrimento. Por esse motivo, vê-se uma complexa rede de causas, tanto de caráter pessoal, quanto da própria instituição.

Drewermann tem o cuidado de alertar que não é só a ICAR que conhece o chamamento divino para uma função sacerdotal ou sagrada, pois muitas outras religiões o reconhecem também. Ele mostra que dentro da história das religiões, sobretudo, nos sonhos de iniciação do Xamanismo, que surge a forma mais primária e mais conhecida daquilo a que se chama de experiência da “vocação” ou do “chamamento”, através dos poderes divinos. “Trata-se de experiências vividas por meninos de oito ou nove anos [...] Ser xamã é para eles a única forma de escapar à destruição que os ameaça – vocação verdadeiramente sagrada, tal como a de qualquer verdadeiro poeta, músico ou pintor”⁶¹.

O autor compara a vocação onírica xamanista com a vocação de um clérigo da ICAR, destacando duas diferenças essenciais: “os elementos psíquicos que constituem subjetivamente a vivência da vocação são transportados do sonho para o âmbito da ‘decisão’ consciente, e a missão pessoal é substituída por um ministério objetivo”⁶².

⁵⁹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 16.

⁶⁰ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 16.

⁶¹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 30.

⁶² Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 31.

Olhando dessa forma, segundo Drewermann, esses dois pontos são de pouca importância, mas na realidade “significam um condicionamento totalmente diferente no que respeita à formação e desenvolvimento daquilo que, dentro de cada sistema religioso, costuma ser tomado por vocação divina”⁶³.

No primeiro ponto, o autor lembra que é comum escutar dos clérigos que, desde que se decidiram pela vida religiosa e ingressaram em uma instituição católica, é que a sua vida começou a ter sentido. Para Drewermann, é notável constatar que os verdadeiros fatores da vocação de um clérigo não são ligados subjetivamente às influências da primeira infância e aos conflitos da puberdade, mas que sobre eles é proibido falar, sendo necessário esquecer toda a história de vida antes da entrada para um seminário ou convento. Isso, segundo Drewermann, leva o futuro clérigo a ter uma atitude de infantilidade perante a ICAR.

Para os clérigos, seria estranho considerar que as razões decisivas da vocação estabilizaram-se e formaram-se antes mesmo do início da puberdade, já que para eles não é permitido o conhecimento desses fatores. E também é preciso que não se conheça e exista o inconsciente e sua importância no ditame do encaminhamento das escolhas pessoais.

Hoje, se um estudante de Teologia, partindo de certa experiência onírica, quisesse fundamentar o seu desejo de vir a ser sacerdote, mais suscitaria um abanar de cabeça ou uma gargalhada, do que confiança e assentimento; de qualquer modo, no caso de uma conversa de apresentação ou de um concurso para o estudo da Teologia, não serão vistas com bons olhos tais excursões ao passado dos dias da infância.⁶⁴

Segundo o autor, para tornar-se um clérigo da ICAR, é preciso, por um lado, tomar a decisão de forma livre e pessoal; e por outro, é preciso também que Deus, com a sua graça, chame e eleja o seu escolhido e o acompanhe e o conduza à perfeição. Drewermann acredita que existe aqui uma limitação da participação da pessoa na escolha vocacional. Ignora-se todo o âmbito do inconsciente, ou seja, “as marcas psíquicas e sociais do meio familiar e do ambiente, a história da assimilação subjectiva das influências ocorridas, pra não falar das predisposições e particularidades de carácter hereditário”⁶⁵.

⁶³ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 31.

⁶⁴ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 32.

⁶⁵ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 33.

A repressão do inconsciente fará uma separação e um contraste entre o que Deus exige do eleito e os desejos humanos, acredita o autor. Em sentido psicanalítico, repressão é uma “operação psíquica que tende a fazer desaparecer da consciência um conteúdo desagradável ou inoportuno”⁶⁶. Drewermann entende esse conceito como um mecanismo de defesa para o vocacionado frente às exigências da ICAR, permitindo a ele não demonstrar, para a instituição e para os seus superiores, o conhecimento das motivações vocacionais inconscientes.

E dessa forma, acredita o autor, que o fato de precisar reprimir os conteúdos inconscientes não faz com que os conflitos que aparecem, no decorrer do caminho da formação vocacional, sejam trabalhados de maneira construtiva. Pelo contrário, eles serão pura e simplesmente conservados, perpetuados, impedidos de serem conhecidos e trabalhados.

O segundo ponto onde Drewermann relaciona o clérigo e o xamã é sobre o fator da função. Para ele, a função, no caso do clérigo, significa a transformação do estado religioso em uma instituição, gozando o apoio e segurança oferecido pela ICAR.

Um sacerdote da Igreja Católica é chamado a concretizar sinais rituais sob a forma de sacramentos, não provenientes pois da sua própria alma, mas da tradição controlada pelo magistério católico; estas imagens são sinais de fé, mas incapazes de, por meio dessa fé, tratar eficazmente males da alma ou do corpo [...] um eclesiástico católico abraça o estado da sua vocação pelo preço de uma profunda cesura entre pessoa e função; a função a assumir não provém da sua pessoa, mas de estruturas eclesiásticas objectivamente estabelecidas.⁶⁷

Será aqui que Drewermann vai empregar o termo *funcionário*, compreendendo que o clérigo assumirá o encargo do ministério, “de forma a somente poder operar algo de divino através da sua incumbência objectiva, e não em virtude da sua própria pessoa”⁶⁸. Chega-se, assim, a uma forma de religião onde são eliminados os elementos proféticos em favor dos elementos burocráticos e administrativos.

O autor, então, constata que quem entra para a vida religiosa da ICAR vai viver duas características extremamente opostas: a paz e tranquilidade que goza a vida de um funcionário e a renúncia exatamente desse tipo de vivência, pois a ICAR exige um ideal antiburguês. Será uma contradição, à qual o vocacionado terá que estar preparado para

⁶⁶ LAPLANCHE, PONTALIS, *Vocabulário da psicanálise*, p. 457.

⁶⁷ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 35.

⁶⁸ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 35.

assumir⁶⁹. É justamente essa disparidade na vivência da função que fará com o que o clérigo sofra, lembra Drewermann.

1.2.1- A atribuição dos papéis dentro da família e sua posterior influência na busca pela vida religiosa

Durante toda a análise feita por Drewermann para traçar as características psíquicas básicas de um clérigo, ele assinala duas particularidades essenciais presentes na biografia deste: a insegurança ontológica e o excesso de responsabilidade, temas que serão trabalhados nos próximos subitens deste capítulo. Porém, essas características têm um início e uma causa. E onde elas formam-se é justamente no ambiente familiar, desde a época do nascimento da criança.

Por esse motivo, o autor concede ênfase à atribuição básica dos papéis dentro da família, onde vai crescer o futuro clérigo da ICAR. “Quais as condições inerentes a uma família e capazes de predispor alguém a aceitar a posição de eclesiástico dentro da ‘grande família’ que é a Igreja?”⁷⁰ Essa foi a questão que serviu de base para que o autor fosse buscar a influência das bases familiares como hipótese para a futura escolha vocacional.

1.2.1.1- O papel da mãe

O ideal é que uma criança seja aceita e amada incondicionalmente no seu ambiente familiar. Porém, às vezes, não é isso que ocorre, e o fato de sentir-se rejeitada determinará a sua vida futura. Drewermann ressalta que o sentimento de não ser aceita e de sentir-se não desejada é a base para a existência tanto da insegurança ontológica como do excesso de responsabilidade vivenciados posteriormente.

Mas a rejeição sofrida, de acordo com Drewermann, no caso do futuro clérigo, não seria ocasionada por pais crueis ou malvados, que teriam essa atitude por vontade própria. A rejeição seria causada pela dificuldade dos pais em demonstrar amor por serem tão sobrecarregados psicologicamente. Aqui o autor foca, principalmente, na figura

⁶⁹ Cf. Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 35.

⁷⁰ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 153.

da mãe e os primeiros contatos dela com o filho e as razões para isso serão apresentadas paulatinamente.

Para Drewermann, os pais gostariam de poder amar verdadeiramente e demonstrar esse amor para o filho, porém dificuldades emocionais impedem tal aproximação. Não tendo o amor espontâneo, esses pais se veem na obrigação de demonstrar sentimentos de uma maneira forçada moralmente, criando emoções ambivalentes e fazendo com que a criança não encontre uma harmonia entre o seu verdadeiro ser e seu autêntico querer.

Dessa forma, a criança criará um sentimento de culpa por achar que é um peso na vida dos pais, principalmente da mãe. Sentir-se-á culpada por tanto sofrimento causado à mãe. Com isso, fará de tudo para salvá-la, já que ela encontra-se tão sofrida. Por conseguinte, será fácil, para essa criança, identificar-se com sentimentos de sacrifício e responsabilidade pelo outro, adotando na vida adulta, atitudes de renúncia a si mesmo e repressão das próprias emoções, a fim de ajudar os outros e reparar sua culpa.

Drewermann entende que crianças que sofreram rejeição na época do aleitamento materno têm mais propensão a sofrerem de depressão na idade adulta. Por esse motivo, ele acredita que a maior rejeição sofrida pela criança ocorre quando a mãe nega-lhe o seio, ocasionando um desmame abrupto. Esse quadro faz com que a criança, mais tarde, venha a entender que foi a principal culpada pela sua própria rejeição, e desse modo, passa a acreditar que somente sacrificando-se que irá ser merecedora de amor e atenção, já que a própria mãe negou-lhe o amor essencial para o seu desenvolvimento⁷¹.

“Para a formação da psique de um futuro eclesiástico, parece ser mesmo um factor favorável que a criança se desenvolva à sombra de uma mãe cuja índole ‘maternal’ poderia transmitir à criança a necessária sensação de abrigo, mas que não consegue satisfazer tal exigência”⁷². Essa situação foi tipicamente descrita pelo autor, focando a mãe que sente como um peso a vida do próprio filho.

Ela seria a “boa mãe”⁷³ que sente-se culpada por não conseguir amar verdadeiramente seu filho e tenta compensar essa atitude cumprindo friamente e

⁷¹ Cf. Everton BOOTZ, “*Consultei a Deus, ele me respondeu, e me livrou de todos os temores*”, p. 283, 284.

⁷² Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 155.

⁷³ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 155.

automaticamente esse papel, visto por ela como seu dever e obrigação. Tendo uma mãe com esse perfil, o futuro clérigo transferiria esta falta de amor pela

esperança absoluta de, pelo menos em Deus [...] se encontrar a unidade paradisíaca; depois de ultrapassados todos os impedimentos terrestres, o mundo será/seria grandioso, risonho, seguro – numa palavra, “celestial” [...] é preciso ter-se tido a experiência de uma mãe suficientemente próxima, de forma a despertar as mais intensas esperanças, e ao mesmo tempo suficientemente afastada, de forma a poder infligir o traumatismo da decepção. É da experiência desta contradição que provém a ambivalência característica da psique dos eclesiásticos.⁷⁴

Para Drewermann, a mãe representa o apoio necessário que a criança necessita para desenvolver-se de forma sadia. Ele utiliza o termo “libido objectal anaclítica”⁷⁵ para demonstrar a necessidade da figura materna. Esse termo é utilizado na linguagem psicanalítica para designar o apoio necessário a partir do qual se faz a escolha de um objeto. Freud introduziu esse conceito para designar o paralelo entre as funções primitivas de autoconservação e as funções sexuais. Em um primeiro momento, as funções sexuais precisam apoiar-se nas funções de autoconservação para, em um próximo momento, tornarem-se independentes⁷⁶.

Drewermann faz esse paralelo em relação à mãe demonstrando que, num primeiro momento, a criança depende inteiramente do apoio da mãe para depois tornar-se independente. A criança dividir-se-á entre dois sentimentos opostos: o medo de perder a mãe, tendo que agarrar-se a ela de qualquer forma, e a necessidade da própria independência, onde a criança sente-se invadida pelas ordens da progenitora, necessitando afastar-se para seu autocrescimento.

Dessa forma, o autor centra sua hipótese, de uma possível opção pela vida religiosa, na forma como se deu a relação do filho com a mãe, focando na importância dessa relação em um período bem inicial, ainda quando recém-nascido e bebê, ou seja, no chamado período pré-edípico, indo, assim, na contramão de Sigmund Freud.

De acordo com Freud, o momento exato para a formação da personalidade do indivíduo tem seu auge vivenciado, principalmente, entre os três e os cinco anos de idade. Esse seria o momento, também, onde se dá o complexo de Édipo. Durante essa fase, é formado um triângulo composto pela criança, sua mãe e seu pai⁷⁷.

⁷⁴ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 155, 156.

⁷⁵ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 171.

⁷⁶ Cf. LAPLANCHE, PONTALIS, *Vocabulário da psicanálise*, p. 30-32.

⁷⁷ Cf. LAPLANCHE, PONTALIS, *Vocabulário da psicanálise*, p. 30-32.

É a partir dessa triangulação que a criança, tanto o menino quanto a menina, desenvolverá sua sexualidade, escolherá seu objeto de amor e constituirá a instância psíquica denominada por Freud de superego, conceito fundamental para o entendimento da teoria de Drewermann e largamente utilizado por ele.

O superego, para Freud, é uma das importantes instâncias da personalidade que tem como objetivo fiscalizar a vida anímica do sujeito, impondo as normas necessárias para que o ser humano viva na e em sociedade. Ele é consequência direta do complexo de Édipo e forma-se a partir da interdição das leis impostas pelas figuras parentais durante a infância. “A criança, renunciando à satisfação dos seus desejos edípicos marcados de interdição, transforma o seu investimento *nos* pais em identificação *com* os pais, interioriza a interdição”⁷⁸.

Em relação ao conceito de superego, Drewermann também o entende como uma instância inconsciente, reguladora e que abarca a moralidade humana, porém sendo formado bem antes, nas primeiras relações da mãe com o bebê. Na obra *Funcionários de Deus* ele também relaciona a instância do superego às regras vindas do exterior, nesse caso, vindas da ICAR. Então, o autor utiliza esse conceito tanto para falar sobre uma das instâncias do aparelho psíquico quanto para explicitar as normas exigidas pelas instituições sociais, principalmente a ICAR.

Para Drewermann, “o problema decisivo na formação do superego não reside na veemência do processo de desligamento entre filho e mãe, mas remonta a todas as projecções e introjeções da fase oral da primeira infância, pondo-se aqui o problema de saber com que veemência a insegurança ontológica obriga a criança a agarrar-se à mãe, no desejo de se fundir o mais possível com ela”⁷⁹.

Apesar de Freud, durante seus estudos, já parecer notar a importância da fase anterior ao complexo de Édipo, ele não dá a mesma importância a essa fase, a pré-edípica, fazendo com que ela tenha um peso inferior na sua teoria⁸⁰. E será aí a divergência entre o que tratou Freud e o entendimento de Drewermann sobre a importância do período pré-edípico⁸¹.

⁷⁸ LAPLANCHE, PONTALIS, *Vocabulário da psicanálise*, p. 498.

⁷⁹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 179.

⁸⁰ Cf. LAPLANCHE, PONTALIS, *Vocabulário da psicanálise*, p. 77-81.

⁸¹ Essa importância aos períodos pré-edípicos também vai ser olhada, no detalhe, por alguns psicanalistas pós-freudianos, como no caso de Melanie Klein e Donald Winnicott. Esses autores dão importância primordial aos primeiros contatos do bebê com a mãe, focando esse período como o decisivo no processo da formação da personalidade no indivíduo. Klein, por exemplo, esboça o conceito do “superego arcaico”, onde este não viria a ser o resultado do Complexo de Édipo, mas sim do reconhecimento da existência do

Seria um erro grave, e significaria uma imperdoável simplificação da respectiva problemática psíquica, se quiséssemos tomar os conflitos sexuais da “exigência à castidade” como ponto de partida e chegada de todas as nossas considerações, pelo facto de ser esta a questão que mais dá nas vistas, e que por isso mesmo Sigmund Freud descobriu primeiro [...] O caminho de um futuro eclesiástico não é determinado em primeiro lugar pela temática sexual, mas por questões decisivas sobre salvação ou perdição, ser ou não-ser, êxito ou fracasso da existência [...] A questão fundamental não é a da concorrência com o pai ao amor da mãe, mas a da salvação da mãe, que com o sacrifício da sua vida procura salvar a família; é daqui que quase sempre procede o excesso do sentimento de responsabilidade e de sacrifício dos eclesiásticos da Igreja Católica tendo em vista a salvação do mundo.⁸²

Consequentemente, Drewermann acredita que, por causa dessa relação com a mãe, a criança sente-se na obrigação de sempre fazer alguma coisa pelos outros, para que a sensação de ser um peso ou de não ser merecedora da própria vida possa ser afastada. Essa é uma característica básica da personalidade clerical elencada pelo autor e que teve seu início já quando bebê.

O “sentimento de não ser necessário”⁸³ torna-se uma constante na vida do futuro clérigo, não permitindo que ele sintasse confortável nas suas relações posteriores. A mãe mostra-lhe o tempo todo que, apesar de estar próxima e de manter os cuidados essenciais, somente faz isso por obrigação.

Diante dessa situação, a criança não vê a mãe como uma pessoa ruim, mas como sofredora, por ter que suportar tão pesado fardo. Para Drewermann, essa criança acredita que “o simples facto de existir sobrecarrega já a vida com um pesadelo e um mortal sentimento de culpa; os desejos e necessidades da criança representam uma

progenitor indiferenciado (pai ou mãe) já nos primeiros períodos da sua vida, onde a criança reconhece e identifica aquele que lhe dá suporte para sobreviver, porém não diferencia o sexo dele. Por isso, os primeiros contatos com a mãe são também muito importantes na teoria dessa autora. Outro psicanalista pós-freudiano que embasa sua teoria na relação mãe-filho é Donald Woods Winnicott. Para ele, a criança, ao nascer e até completar seis meses de vida, encontra-se na fase de “dependência absoluta” em relação à mãe. A mãe que exerce essas funções de forma eficiente transmite à criança segurança e faz com que ela desenvolva uma boa saúde psíquica. Essa é chamada pelo autor de “mãe suficientemente boa”. Já a oposição, ou seja, a “mãe insuficiente boa” é aquela que não corresponde às necessidades inatas do bebê, não respeita suas vontades e gestos espontâneos, não tendo capacidade de captá-los. Essas falhas vão ter consequências na vida posterior da criança, provocando carências e dificuldades de transpor muitos dos obstáculos enfrentados na vida adulta. A falta de sustentação dada à criança irá provocar uma angústia enorme, segundo Winnicott, sentida como medo de despedaçar-se, de não relacionar-se com o próprio corpo, ocasionando uma personalidade patológica. Essas duas visões estão em sintonia com a teoria de Drewermann, focando a importância da mãe na estruturação da personalidade do filho. O próprio autor cita Klein e Winnicott como referências em sua obra. Cf. J. D. NASIO, *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*, p. 152, 153, 188, 189.

⁸² Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 165.

⁸³ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 154.

sobrecarga enorme para a mãe, mas o seu amor ‘infinito’ pelo filho impele-a a sacrificar-se por ele”⁸⁴.

Por esse motivo, Drewermann acredita que “toda a existência de um eclesiástico é literalmente suportada e possibilitada por meio de um sacrifício original, que não foi em primeiro lugar o sacrifício de Cristo, mas sim o sacrifício da própria mãe, para libertar o ‘homem’, ou seja, ‘o filho’, da culpa de existir”⁸⁵. Dessa forma, então, “a psicologia clerical provém necessariamente da experiência de um sacrifício fundamental (da mãe) no começo da vida (da criança)”⁸⁶.

É a identificação (inconsciente) da criança com a mãe, ou seja, com o “espírito” da sua atitude de sacrifício, que mais tarde vai impelir essa pessoa à vida de sacerdote. A missão que se lhe põe é manter viva e salvar portanto da morte aquela mãe que se sacrificou pela sua família, imitando o seu comportamento e adotando a sua atitude moral e espiritual. Verdadeiramente, só no sacrifício (“voluntário”!) do filho se poderá consumir a “obra” da mãe, pois só assim poderão desaparecer os sentimentos de culpa de ter contribuído talvez para a morte dela; só adotando a sua atitude de renúncia e repressão pessoal é que a “redenção” da culpa da existência virá a tornar-se realidade [...] sob o ponto de vista psicogenético, é precisamente a mãe que, através do seu comportamento, faz compreender ao futuro eclesiástico, já durante a primeira infância, o papel de Cristo.⁸⁷

Finalmente, pode-se perceber que Drewermann direciona sua indagação sobre como a mãe tem um papel ativo e importantíssimo na formação da personalidade e nas influências inconscientes que perdurarão na vida posterior do vocacionado. Tudo o que ele procurará ser, ou seja, um clérigo da ICAR, é fruto das primeiras experiências vividas com a mãe. Essa relação será lembrada pelo resto da vida do clérigo e marcará, mesmo que inconscientemente, toda a sua trajetória de vida clerical.

1.2.1.2- O papel do pai

Voltando à questão sobre a importância dos primeiros contatos da criança com seus pais, Drewermann não acredita que somente a temática sexual tenha influência sobre a escolha vocacional religiosa. Para ele, a escolha por viver a castidade não seria o

⁸⁴ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 158.

⁸⁵ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 158.

⁸⁶ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 160.

⁸⁷ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 163, 164.

único fator responsável por tantas angústias ou sofrimentos na vida do clérigo. Seria necessário ter já vivenciado, desde o nascimento, sentimentos de sacrifício, renúncia, salvação.

Como já foi exposto, o autor não concorda que o desenvolvimento da criança possa ser considerado “normal” até a idade dos quatro, cinco anos, idade da vivência do complexo de Édipo, e só depois disso a problemática sexual determine a vocação religiosa. Ele acredita que essa seja uma explicação muito simplista, que não leva em conta os primeiros contatos e vivências psíquicas da criança.

Por causa dos primeiros contatos, que foram vividos de forma insatisfatória, cria-se na criança a necessidade de servir aos outros, de empenhar-se profundamente nisso, de sacrificar-se na tentativa de proteção á mãe, acreditando que essa é a verdadeira forma de viver, sendo essa a vida autêntica. Por esse motivo, faz-se importante definir o papel do pai na formação da psique do futuro clérigo. Necessário frisar que Drewermann leva muito em conta a situação da família alemã no contexto da Segunda Guerra Mundial, onde o pai saía em combate, deixando os cuidados da família sob a responsabilidade da esposa.

Partindo desse contexto, o pai, na maioria das vezes, estava ausente. E aí que se entende, talvez, a sobrecarga psíquica da mãe, já que ela, mesmo sofrendo por ter o marido distante na Guerra, tinha que ser a única responsável pela criação dos filhos. Para Drewermann, é nessa situação de desamparo que a mãe agarrar-se-á à religião, à fé e à crença de que o marido irá voltar são e salvo para casa. Essa insegurança será transmitida para a criança e ela irá desenvolver a tarefa de consolar a mãe, de também ser forte na esperança de que tudo terminará bem. Não poderá ser um peso nem uma sobrecarga para a mãe, que já sofre tanto.

Este contraste entre resignação e esperança é importante sobretudo devido às suas implicações religiosas. Por um lado a real angústia da mãe, e por outro a sua obstinada esperança em certas possibilidades que, apesar de tudo, se não esvanecem, são factores que podem suscitar uma tensão tal no consciente de uma criança, que só a esperança religiosa no além lhe oferecerá solução [...] Nesta evocação da infância é importante o facto de a própria mãe procurar consolação religiosa para a sua angústia existencial; mas, sob o ponto de vista psicológico, o mais importante é a participação da criança na angústia e no abandono íntimo da sua mãe [...] Para que na psicogênese de um futuro eclesiástico se ponha em funcionamento esse mecanismo de angústia, sentimento de culpa, e responsabilidade, basta esta circunstância objectiva: a pessoa mais importante nas relações humanas de uma criança só poderá conseguir uma certa probabilidade de sobreviver se

descurar inteiramente a sua própria vida [...] O essencial neste contexto é o facto de a criança, em substituição do pai ausente, tomar na vida da mãe a posição central, literalmente “salvadora”, que confere à sua vida conteúdo e sentido.⁸⁸

Drewermann enfatiza que o contexto apresentado também refere-se ao pai que, mesmo morando e convivendo com a família, mostra-se “ausente” nas atitudes com os familiares, não interessando-se pelo dia-a-dia da esposa nem dos filhos. Da mesma forma, a mulher nutrirá a esperança de que o marido seja mais afetuoso, mais presente na educação dos filhos, recorrendo, também, à religiosidade e à ICAR.

Por outro lado, outro exemplo dado pelo autor é o caso do pai que fica muito próximo dos seus familiares, aquele que não permite à esposa e aos filhos terem liberdade para tomarem suas próprias decisões. Nesse quadro, a mãe também se sentirá angustiada, transmitindo esse sentimento ao filho.

Nestas circunstâncias, uma vocação eclesiástica só seria possível, tendo em vista a sobrecarga que o pai representa para a família, se a mãe, com toda a sua dedicação e empenho, fosse capaz de manter até um certo ponto a ordem e a estabilidade [...] uma vocação eclesiástica só se pode desenvolver, se a insegurança ontológica se mantiver dentro de limites ainda suportáveis. Mas então não é raro que o factor decisivo que leva o filho em direcção à vida eclesiástica seja sobretudo a proximidade do pai, trazendo consigo um exagerado sentido da responsabilidade.⁸⁹

Responsabilidade essa, segundo o autor, sentida pelo filho, como ter a obrigação de salvar a mãe, pois o pai está sobrecarregando-a muito. Passa-se para o filho a responsabilidade de salvar o casamento dos pais. Será esse filho que ficará como ponte entre a mãe e o pai, quando estes estão às voltas com seus sofrimentos, carências e, por isso, impossibilitados de comunicação um com o outro.

Drewermann acredita, também, que o ponto crucial na formação da escolha vocacional religiosa é considerar o entendimento que o filho possui a respeito de como a mãe ou o pai dá importância à religião e à crença na ICAR durante sua rotina diária. E por isso, de acordo com o autor,

de criança tinha sido preciso tentar compreender o incompreensível, suportar o insuportável e aspirar ao impossível: a esperança de se encontrar a paz harmoniosa do céu onde ela não podia existir. Sem uma certa e determinada medida de hipoteca psíquica deste gênero, não é possível

⁸⁸ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 166, 167.

⁸⁹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 168.

formar-se a combinação específica de insegurança ontológica e sentimento de responsabilidade que é necessária para alguém se tornar eclesiástico da Igreja Católica.⁹⁰

Importante frisar a hipótese do autor de que todas essas circunstâncias não estão claras na mente dos clérigos. É necessário, às vezes, muitos anos de análise para que essas situações tornem-se conscientes.

Mas já muito se ganhou, se finalmente há a permissão de, apesar dos inevitáveis sentimentos de culpa que isto arrasta consigo, se tomar consciência do que foi realmente a vida dos pais em toda a gravidade da sua problemática, e de aceitar a realidade dos factos, em vez de acalmar e consolidar ainda mais as angústias provenientes da infância dentro das estruturas compulsivas da grande família que é a Igreja.⁹¹

1.2.1.3- O papel dos irmãos

Outro papel importante na formação da psique do futuro clérigo é o do irmão. Este irá determinar profundamente a futura escolha vocacional não simplesmente pela harmonia ou rivalidade entre os irmãos, mas, principalmente, pela relação que cada filho tem com os seus pais, sobretudo com a mãe. A forma como os pais demonstram o afeto por cada um dos filhos também será marcante para o futuro clérigo, acredita Drewermann.

O autor denomina a relação do futuro clérigo com os irmãos de “problema de Caim e Abel”⁹². “A história bíblica de Caim e Abel (Gn 4, 1-16) é a melhor ilustração para a luta de morte que se processa entre irmãos mergulhados dentro de um mesmo mundo de insegurança ontológica”⁹³.

Na história de Caim e Abel, o mesmo homem que, pouco antes, oferecera no altar de Deus o melhor da sua colheita, é aquele que pouco depois, contra a vontade desse mesmo Deus e contra os seus próprios princípios, se transforma no assassino do seu irmão, pelo simples motivo de este se encontrar pelos vistos numa posição mais favorável [...] Atrás de toda essa luta de competição não há senão um fim em vista: ser-se amado; mas a trágica contradição que daí resulta é que os esforços provocados por essa má-vontade têm que necessariamente ser considerados como perversos aos

⁹⁰ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 170.

⁹¹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 170.

⁹² Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 171.

⁹³ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 172.

olhos precisamente daquela pessoa por amor da qual tais esforços são feitos.⁹⁴

A história de Caim e Abel é apresentada por Drewermann para demonstrar a relação de competição existente entre dois irmãos, intitulada por ele de “competição entre o bom e o mau”⁹⁵. Nessa relação, o sentimento mais evidente é o ciúme, fazendo com que seja criado um clima de rivalidade. E o principal alvo da competição existente é o amor da mãe. Cada um dos irmãos tentará mostrar suas boas ações com o principal objetivo de fazer com que a mãe ame-o e escolha-o como o filho preferido.

“Qual deles é o que mais se presta a desempenhar o papel de salvador da mãe, e é por isso mesmo o melhor de todos? Ou então, utilizando a linguagem bíblica, qual deles é o que oferece a Deus o sacrifício mais agradável?”⁹⁶. Um deles sentir-se-á rejeitado, já que a mãe não o aceitará pelo fato dele ter tentado afastar o outro irmão. Essa atitude de raiva por um dos filhos fará com que este entenda que não tem valor como ser humano, e que por isso não é capaz e merecedor de receber o amor da mãe.

Drewermann ressalta novamente a falta de capacidade da mãe de demonstrar o amor pelo filho que se sente excluído. Apesar de todos os esforços, ela não irá convencê-lo de seu verdadeiro sentimento. Dessa forma, virá o sacrifício por parte do filho, já que ele acreditará que através de suas boas ações far-se-á merecedor do carinho da mãe. Para o autor, a criança já apresenta o comportamento dúbio, mostrando em um momento ser “Caim”, ou seja, o mau, porém, “através da dissociação e da interiorização”⁹⁷ ela tenta mostrar-se como “Abel”, o bom e “santo”.

O conceito de dissociação é utilizado, nesse caso por Drewermann, para demonstrar que houve uma separação da personalidade. A parte separada funciona de forma autônoma do resto da personalidade. Esse fato faz com que a parte dissociada comporte-se como sendo outra pessoa⁹⁸.

Já a interiorização é a incorporação de conteúdos que não são próprios da pessoa, fazendo com que esta se entenda como possuidora legítima desse conteúdo. Este, por sua vez, irá fazer parte da constituição do superego da pessoa inconscientemente e ela irá comportar-se de acordo com suas diretrizes⁹⁹.

⁹⁴ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 173.

⁹⁵ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 172.

⁹⁶ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 174, 175.

⁹⁷ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 174.

⁹⁸ Cf. Álvaro CABRAL, Eva NICK, *Dicionário técnico de psicologia*, p. 93.

⁹⁹ Cf. Álvaro CABRAL, Eva NICK. *Dicionário técnico de psicologia*, p. 195.

Por isso, Drewermann acredita que, sabendo das vantagens em portar-se como “Abel”, a criança faz com que sua parte “Caim” se separe da sua personalidade, dando condições para que ela comporte-se com docilidade e amabilidade para angariar o amor da mãe. As “ambivalências psíquicas entre os sentimentos de angústia, agressividade, dedicação, medo de competição e vontade agressiva do poder”¹⁰⁰ são as características principais da personalidade de “Caim”. Através delas, Drewermann acredita que esse filho não está fazendo nada mais do que chamar a atenção da mãe, para que ela doe-lhe o amor do qual ele tanto necessita.

Então, o comportamento de “Abel” seria a simples oposição do comportamento de “Caim”, de acordo com o autor. Para Drewermann, “a atitude de sacrifício própria dos ‘caracteres de Abel’ não provém de modo algum da sua riqueza de alma nem da sua generosidade natural [...] representa uma certa e determinada estratégia, para, dentro do campo da competição crivada de angústia, poderem ser eles os primeiros a alcançar consideração, atenção e amor – mesmo à custa dos outros, sendo necessário”¹⁰¹.

O “Abel” necessita do “Caim” para mostrar à mãe e aos outros a sua bondade. Um não tem condições de apresentar-se ao mundo sem o outro. Somente analisando o paralelo entre eles é que Drewermann consegue chegar a essa conclusão. Para ele, a mistura da insegurança ontológica do filho com a exigência do sacrifício por parte dos pais é que faz possível essa competição entre os irmãos, onde, mais tarde, um deles terá como opção de vida a vocação religiosa.

Se até uma dada altura a divisa fora: eu só sou bom (isto é, digno de amor e aceitação) se me sacrificar (segundo o modelo da mãe e para salvação dela), a partir de agora, e como reacção passa a ser: eu tenho que ser um “Abel”, para que não me venha a transformar num “Caim” – sendo este “Caim”, na biografia da maior parte dos eclesiásticos, idêntico com um irmão realmente existente; sob o ponto de vista psicológico, é evidente que “Caim” representa as forças antagonistas das camadas profundas da própria psique.¹⁰²

Nessa situação de competição entre os irmãos, um quadro muito comum, observado por Drewermann, é a competição entre o irmão mais velho e o mais novo. O ciúme, em um primeiro momento, é considerado normal, já que o mais velho tinha toda a atenção e carinho da mãe antes da chegada do novo bebê. Porém, Drewermann alerta que “sob o ponto de vista psicanalítico, essa ‘normalidade’ só se torna problemática

¹⁰⁰ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 175.

¹⁰¹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 178.

¹⁰² Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 177.

quando a angústia a faz subir a um ponto tal que não resta outra solução à criança, a não ser a fuga no recalçamento”¹⁰³.

Esse recalque é entendido levando-se em consideração a comparação entre as atitudes do filho mais velho com as atitudes de “Abel”. Ele buscará ter ações boas e amáveis para conseguir conquistar a atenção da mãe e se essas ações forem recompensadas, ele conseguirá recalcar os aspectos negativos da relação com o irmão mais novo, afastando do seu consciente os conteúdos indesejáveis dessa relação. Dessa forma, o recalque o ajudará a ter um comportamento aceitável perante a família, fazendo com que a mãe fique feliz, dando-lhe o carinho que ele acredita merecer, independente da existência do irmão menor.

O filho mais novo também pode ser alvo de sofrimento ocasionando, a ele, o que o autor chama de “síndrome de pequenez”¹⁰⁴. Ele pode sentir-se culpado por fazer com que o mais velho sofra tanto. Dessa forma, poderá desenvolver a culpa e necessidade de sacrificar-se para ajudar o mais velho. Drewermann esclarece que

no caso de crianças sensíveis, pode encontrar realização no caminho da vida eclesial: em vez de disfrutar a posição privilegiada de ser o mais novo, este acha que os mais velhos são tão “maus”, tão grosseiros e perversos, que é necessário ir em busca da sua “forma humana”, intervir pessoalmente mesmo à custa da mutilação [...] para eles se libertarem da maldição paterna.¹⁰⁵

Outro tipo de competição entre irmãos, esboçada por Drewermann, é entre o irmão saudável e o irmão que é ou encontra-se doente. O filho doente, dando conta de que é possuidor de uma situação mais frágil, que o faz necessitar de mais cuidados, sente-se no direito de demandar mais carinho e mais afeto por parte da mãe.

E, com isso, o irmão saudável sente-se excluído e gostaria de estar no lugar do doente para receber os carinhos maternos. Porém, ao mesmo tempo, sente-se culpado por desejar a falta de saúde porque, dessa forma, sobrecarregaria ainda mais a mãe. Essa ambivalência de sentimentos faz com que a criança sinta-se na obrigação de ter uma saúde perfeita e de ser forte.

A competição entre o irmão belo e o irmão feio também mereceu a atenção do autor. Uma criança bonita chama muito mais atenção do que aquela que a sociedade rotula como feia ou portadora de uma deformação congênita ou provocada, observa

¹⁰³ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 181.

¹⁰⁴ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 184.

¹⁰⁵ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 185.

Drewermann. Ele, nesse caso, chama a atenção para a obesidade em crianças, tão comum nos dias atuais.

Para o autor, no caso de filhos obesos, haveria uma relação da criança com uma mãe depressiva, onde a comida teria uma valorização demasiada contrastada com a falta de carinho e calor humano. Dessa forma, a criança encontra o que lhe falta, como atenção, abrigo, consolo, na alimentação. A gordura chega como meio de proteger-se do mundo. A busca pelo seminário ou convento pode ser a solução encontrada por aqueles a quem o olhar do outro o condena como o “gordo”.

O inverso também acontece, de acordo com Drewermann. No caso de alguns pais, ter um filho bonito ou uma filha bela transforma-se numa perturbação incrível. Ao invés de valorizarem a beleza dos filhos, esses pais veem o belo como meio de perdição e culpam o filho, a todo o momento, por isso. A criança cresce entendendo que sua beleza é um peso e faz de tudo para camuflá-la.

Nessa situação, aparece o seminário ou o convento como porto seguro para esconder sua beleza, que tanto incomoda. Muitos pais e mães sentem-se aliviados pela escolha vocacional do belo filho nesse período, já que ele não se tornará um perigo. É um escolhido de Deus e estará protegido, não sendo mais uma preocupação mundana para aqueles pais desesperados, acredita Drewermann.

1.2.1.4- Por que ser um clérigo?

Depois de toda a análise feita, desenvolvendo os papéis atribuídos à família e sua relação direta na escolha para a vida religiosa, Drewermann pensou a respeito justamente do porquê da escolha religiosa. O jovem tem um vasto campo profissional a ser conhecido e explorado. Mas por que é a vida religiosa que ganha seu destaque? “A maneira como o eclesiástico interpreta a sua própria vida não deixa margem a dúvidas: trata-se de dar realização e forma à existência inteira a partir da afirmação religiosa dentro da vida clerical”¹⁰⁶.

Sob o pressuposto da insegurança ontológica e de um exagerado sentido da responsabilidade, as forças conjuntas de identificação, protesto e construção antitética destinadas ao desprendimento “espiritual” são suficientes para poderem determinar a vocação eclesiástica. A decisão em favor da Igreja Católica está nitidamente relacionada com a busca de uma nova mãe capaz

¹⁰⁶ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 192.

de dissolver os laços com a mãe da terra, continuados depois com a Mãe do Céu. Mesmo na idade adulta podem ocorrer conversões assim, quais erupções inesperadas e sem motivo aparente, que deixam atônitos os que as testemunham.¹⁰⁷

Diante dessa explicação, percebe-se que Drewermann entende a busca pela vocação religiosa como meio que o futuro clérigo tem de proteger-se do mundo, já que a insegurança pessoal é um traço marcante de sua personalidade. A ICAR funciona, assim, como uma verdadeira mãe, que protege, dá carinho e direção para aquele que foi um filho tão carente, quando criança. A esperança de que encontrará no plano divino e na ICAR tudo aquilo que lhe faltou, desde pequeno, o direciona até o seminário ou o convento.

A motivação para a vida religiosa também pode ocorrer entre filhos de pais distantes da ICAR, que não vivenciaram diretrizes católicas na família de origem. Drewermann explica essa opção dos filhos como uma esperança surgida dentro de um quadro de abandono emocional, por causa da falta de calor humano por parte dos pais. Nesse caso, o filho vivencia uma contradição de sentimentos em relação aos seus progenitores e tende a projetar para a esfera do divino aquele dos pais (o autor acredita que, na maioria das vezes, é a mãe) que ele entende como mais próximo e mais querido.

Drewermann enfatiza que “só será ‘chamado’ à vida eclesiástica quem já na primeira infância e dentro do seu meio familiar tiver aprendido a compensar, por meio das mais variadas tendências de reparação, o sentimento de insegurança ontológica e da falta de justificação da existência”¹⁰⁸. Por isso, ele acredita que essa iniciativa e facilidade em aceitar ideias religiosas surjam antes do complexo de Édipo, na ligação do filho com a mãe.

O sentimento de uma exagerada responsabilidade, acompanhado das respectivas fantasias de se desempenhar um papel de salvação, a ilimitada disponibilidade do ego para se identificar totalmente com as exigências do superego, o cultivo da idéia narcísica de uma posição excepcional fundada sobre a convicção de se ser particularmente eleito, o recalçamento de domínios psíquicos inteiros, inclusivamente das recordações da situação familiar do tempo da infância e da sua substituição e sublimação pela convicção de se ser objecto de um destino divino feito de vocação e apelo providencial, e ainda, não menos importante, a tendência para demonstrar aos outros a bondade e o valor pessoal, ficando eles, no campo da competição, reduzidos a simples objectos da actividade pastoral – todos estes factos são a prova de que o ego infantil, com todas as suas angústias e

¹⁰⁷ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 193.

¹⁰⁸ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 196.

sentimentos de culpa, não viu outra saída para recuperar o amor inseguro, ou julgado perdido, da pessoa mais importante das suas relações humanas (geralmente a mãe), a não ser através de uma extrema disponibilidade de adaptação e doação de si mesmo. Perante este pano de fundo, é absolutamente normal que uma criança tenha necessidade das promessas de salvação apresentadas pela religião, e que por seu lado o ego infantil as aceite sem reservas.¹⁰⁹

Essas são as características principais da psique de um indivíduo que terá como vocação pessoal a de ser clérigo da ICAR, segundo Drewermann. Juntando-se a elas, está a necessidade de terem-se as condições necessárias para viver de acordo com as diretivas dos conselhos evangélicos, que são a pobreza, a obediência e a castidade. A análise desses conselhos, a partir da visão do autor, será esmiuçada no capítulo 2. Porém, desde já, fica evidente que há, necessariamente, a junção dos traços psicológicos com as normas estabelecidas pelos conselhos evangélicos para suscitar-se a vocação religiosa.

Nesse ponto da dissertação, tem-se a necessidade de explicar melhor alguns conceitos e expressões utilizados por Drewermann ao longo de sua obra. A insegurança ontológica, o existir pela função, o sacrifício e a responsabilidade são pontos de extrema importância para a compreensão da motivação à vida religiosa.

1.2.2- A Insegurança Ontológica

Relembrando o que já foi visto, Drewermann constata na vocação religiosa duas características básicas e opostas vivenciadas pelo clérigo, que são uma cômoda função empregatícia e um estilo de vida antiburguês, onde estão inseridos os conselhos evangélicos. Essa oposição é um dos motivos que levaram o autor à escrita da obra *Funcionários de Deus*, pois, através dela, Drewermann construiu sua hipótese de trabalho, sempre levando em conta a clivagem existente em todas as dimensões da vida religiosa.

O autor pergunta, então, quem são essas pessoas que estão prontas a assumir essa vida contraditória, que querem, por um lado, ser fora do comum, ser diferentes, sentirem-se excepcionais, e por outro, terem a segurança de tudo regulamentado. Como podem ser conciliadas essas duas metas tão opostas? Drewermann sugere que as respostas para essas questões podem e devem ser procuradas no campo psicológico.

¹⁰⁹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 196, 197.

Como já foi visto, para o autor, alguém que nutre a vontade de vir a ser diferente e especial já foi, desde a infância, estimulado psiquicamente a ser uma exceção, a ser excepcional. E esse desejo, acredita Drewermann, foi relacionado com a obrigação de colocar-se dessa forma no meio familiar. Então, o vocacionado seria uma pessoa que, “em consequência da história da sua infância, se sente coagida a ser algo de excepcional, mas que, demasiado frágil para viver esse destino pela força de sua personalidade, se refugia ao mesmo tempo na objetividade de uma missão especial”¹¹⁰.

Por esse motivo, a função para a qual o jovem irá dedicar-se não pode ser qualquer uma, ela tem que ser importante, ter um conteúdo missionário. Essa função, no entender de Drewermann, significa a própria pessoa do vocacionado, preenche-o, pois sem ela não consegue ser alguém.

O termo usado por Drewermann, “insegurança ontológica”, reflete bem esse estado. Para ele, o clérigo “devido ao medo do seu nada fundamental, necessita da singularidade de uma função oficial, de um encargo público, a fim de impor-se como pessoa, indo buscar ao excepcional a estimação do seu próprio valor, e à normalidade o seu direito a existir”¹¹¹.

Os clérigos, então, elevam o que é normal à categoria de singular, especial, transformando-se em algo de extraordinário e excepcional. Essa é a compensação da insegurança ontológica, já que a escolha pela vida religiosa esvazia e destrói a pessoa, acredita Drewermann, e para abrandar isso, somente identificando-se com esse papel e ligando-se a ele. Para o clérigo, essa função torna-se a verdade dele mesmo, guarda-o e protege-o. A qualidade do ser clérigo é que se torna a principal forma da existência, não mais a pessoa em si, frisa o autor.

Só sendo possível produzir pessoas totalmente inseguras de si mesmas, e persuadindo-as ao mesmo tempo a adoptarem como último arrimo a pressão do oficial e do funcionalizado, é que se poderá considerar assegurado o caminho de sobrevivência da classe eclesiástica da Igreja Católica [...] Todos os sofrimentos, humilhações, medos, ansiedades, expectativas nunca confessadas, tudo tem agora o seu sentido, tudo se aproxima de um pressentimento de realização – é como se, por um caminho indirecto, mas mais próximo ainda, tudo aquilo que tão inacessível parecia, tão fora do alcance, como amor e reputação, consideração e respeito diante de Deus e dos homens, tudo voltasse agora – na batina do sacerdote, no véu da venerável irmã, no hábito do reverendo padre.¹¹²

¹¹⁰ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 37.

¹¹¹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 45.

¹¹² Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 45.

O autor acredita que a função da religiosidade pregada pela ICAR é de reforçar a insegurança ontológica e a angústia fundamental da existência humana, para dar origem a muitos conflitos psicológicos e fazendo com que a atuação clerical seja necessária para o alívio destes. Para “curar” esses problemas é que há a necessidade da existência do clérigo, de acordo com Drewermann.

Isso faz com que esses mesmos conflitos saiam do aspecto individual e migrem para o coletivo chamado ICAR, fazendo com que esta seja o lugar ideal de proliferação desses problemas. “A religião, que dantes se destinava a atenuar a angústia primordial da existência humana, necessita agora de insignificantes angústias na vida diária, a fim de assegurar a si mesma o direito de existir e a vantagem de ser indispensável”¹¹³.

O medo, designado como preventivo pelo autor, é que irá impedir um clérigo de descobrir-se a si mesmo e ao mundo, fazendo com que ele depre-se com sua própria identidade, seu próprio eu. Drewermann acredita que um clérigo prender-se-á ao seu estatuto de funcionário e não irá preocupar-se com sua autodescoberta. Mesmo os que estão no alto da hierarquia, como os bispos, permanecerão sempre dependentes de regras vindas de cima. Sempre estarão no nível de funcionário. Essa é a realidade psíquica dos religiosos para o autor estudado.

Essa realidade já foi encontrada nos primeiros dias do futuro clérigo, na relação com a mãe. Como foi visto, Drewermann centra sua hipótese sempre focando nas primeiras relações da criança com a mãe. E uma das consequências dessa relação, quando não bem trabalhada, é a sensação de insegurança. E ela acompanhará sempre a vida daquele que a vivenciou.

“A história dos efeitos psíquicos desta maneira de pensar mostra claramente, não quaisquer sinais de alegria de viver, mas apenas terríveis sentimentos de indignidade, de ódio a si mesmo, da sensação constante de culpa, e da obrigação também constante de sacrifício pessoal”¹¹⁴.

1.2.3- O Existir pela Função

O pensamento clerical e as estruturas em que se baseia também é outro ponto que mereceu atenção especial de Drewermann. Para ele, esse pensamento não é capaz

¹¹³ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 47.

¹¹⁴ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 158.

de abrir-se para novas orientações, evoluções, nem para as contradições. O pensamento oficializado, segundo o autor, é o pensar através da função, que é e foi transmitido ao longo dos tempos. Sua imposição é feita autoritariamente, não dando margem para uma forma pessoal de pensar, de entender e de questionar-se sobre a própria vida e sobre a estruturação da ICAR.

Dentro da ICAR, esse tipo de pensamento surge como uma contradição em si. “Não se trata aqui da regulamentação das exterioridades da vida com meios administrativos também exteriores, mas sim da exteriorização daquilo que no homem é interior, espiritual e livre”¹¹⁵. A forma de pensar fica ligada ao elemento oficial, à hierarquização da vida da ICAR, transformada em doutrina puramente abstrata.

A presença da hierarquia é uma constante na vida de um clérigo da ICAR. Ele é ordenado pelo seu bispo, e a partir daí, promete-lhe uma incondicional obediência, e, dessa forma, fica ligado definitivamente às suas ordens. Isso, para Drewermann, significa a constante obrigação de solidarizar-se e identificar-se com aquele que tem o poder. O pensamento do clérigo, portanto, não tem como objetivo principal, a busca da verdade e nem da veracidade, mas a obrigação é a sintonia com quem manda.

Trazendo essa questão para a infância do clérigo, pode-se lembrar que Drewermann acredita que esse tipo de pensamento já foi afirmado como certo pela própria mãe. As diretivas sempre partiam dela, não sendo oferecida à criança a possibilidade de escolher o melhor que a conviesse. Tudo já estava pronto, a mãe escolhia por ela.

Portanto, a hierarquia imposta pela ICAR representa a própria lei materna, no sentido de que não é oferecida ao clérigo a viabilidade de escolha. Ele precisa seguir as normas já prontas e preparadas pelo papa, pelo bispo. Somente dessa forma, o clérigo sentir-se-á, de acordo com Drewermann, pessoa e seguirá sua vida de forma entrelaçada com a hierarquia que lhe controla.

Esquecer quem se é para entregar-se totalmente à função de ser clérigo será a grande realização daquele que se sente chamado, já que, a partir dessa escolha, poderá sentir-se seguro por fazer parte de uma família equilibrada, uma família que o compreenderá e que lhe dará aquilo que tanto lhe falta: o amor, o carinho. E essa família é a ICAR.

¹¹⁵ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 60.

Segundo Drewermann, os clérigos somente serão dignos de crédito, a partir do momento em que tomarem a posição de pensar, ousando mostrar como verdade o que pensam interiormente. Só assim chegariam à síntese entre o ideal e o real, entre o objetivo e o subjetivo, entre o pensamento e a ação. Dessa forma, deixariam de ser somente funcionários, obrigados a assumir sua função dentro dessa estrutura onde reina a hierarquia, que usa da autoridade.

Para isso, o clérigo teria que ter a “coragem da opinião pessoal, a honestidade intelectual do pensamento livre, o direito a tirar lições da experiência que foi adquirida no contacto com os outros, e, sendo necessário, a força de exercer oposição por amor da verdade”¹¹⁶. Só assim seria possível a modificação das estruturas da ICAR, fazendo desaparecer a ambivalência espiritual, social e teológica de uma vida e de um pensamento dividido em dois lados incompatíveis.

Para Drewermann, não poderá existir liberdade enquanto o pensamento ficar ligado somente a questões institucionais, pois o sacerdote não exterioriza sua própria verdade, suas próprias opiniões, colocando a verdade fora dele mesmo, na ICAR. Dessa forma, surgem consequências psíquicas sobre seu esquema de pensamento, fazendo dessa característica o pensamento clerical a serviço da função.

O pensamento clerical acaba sempre por fazer a separação, até aos últimos detalhes, entre “os que sabem” e “o povo”, objectivando e cimentando institucionalmente desta maneira a sua própria dualidade. No fim, são os leigos que não entenderam a opinião dos eruditos; que não foram capazes de encontrar o que deveriam crer, sob o amontoado de tantas expressões desarticuladas. A culpa é deles.¹¹⁷

A Psicanálise poderá ser uma ferramenta eficaz na busca do autoconhecimento do clérigo, segundo o autor. Esse assunto será tratado mais adiante neste trabalho, mas Drewermann acredita que através da análise pessoal, o clérigo poderá dar-se conta da história dos impulsos individuais, ou seja, o plano do inconsciente e,

para um bom êxito da terapia é de pelo menos igual importância fortalecer o ego no sentido de ele ser capaz de vir a reconhecer como tais as formas racionalizadas dos seus próprios recalques e restrições, para depois as substituir por um esquema de pensar e julgar, mais conforme à realidade. Nenhuma terapia psicanalítica pode portanto deixar de se transportar ao

¹¹⁶ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 65.

¹¹⁷ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 69.

mundo filosófico ou religioso do paciente, a fim de destrinçar as contradições que lá encontrar.¹¹⁸

1.2.4- O Sacrifício e a Responsabilidade

Para Drewermann, “é a identificação (inconsciente) da criança com a mãe, ou seja, com o ‘espírito’ da sua atitude de sacrifício, que mais tarde vai impelir essa pessoa à vida de sacerdote. A missão que se lhe põe é manter viva e salvar portanto da morte aquela mãe que se sacrificou pela família, imitando o seu comportamento e adoptando a sua atitude moral e espiritual”¹¹⁹. Essa atitude vai perfazer o que é chamado pelo autor de “Síndrome do Salvador”¹²⁰.

Em muitas das afirmações dos clérigos atendidos em análise, Drewermann constata que há sempre a presença da imagem de um Deus mau, contrastando com um Deus que ama, perdoa e dá tudo de bom que o ser humano necessita. Essa contradição vem desde a Teologia do Sacrifício, a partir do Novo testamento, que mostra o contraste psicológico do amor de Deus que demanda sacrifício, sofrimento, enfocando que todo o sofrer de Jesus Cristo não deve ser em vão¹²¹.

Essa é a experiência que deve ser seguida, segundo as diretrizes da ICAR. Eis a fórmula para Drewermann: “vida de sacerdote – vida de sacrifício”¹²². Então, o clérigo não tem o direito de gostar das coisas do mundo das pessoas ditas comuns, só sendo-lhe permitido viver sacrificando-se por ele mesmo e pelos outros, enfatiza o autor.

O desenvolvimento dos sofrimentos, dos temores sentidos tão comumente pelos clérigos, para Drewermann, é consequência de renúncias e sacrifícios feitos pretendendo algo sobrenatural, algo que vem de Deus, não levando em conta a própria individualidade e o lado humano. Esses traços não poderão ser trabalhados fora de uma análise. Para o autor, serão exatamente esses traços que farão com que a criança ou adolescente sintam-se “escolhido”, possuindo uma vocação religiosa, já que o vocacionado achará natural e até confortável não ser o responsável pelas suas escolhas. Será Deus quem o chama.

¹¹⁸ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 52.

¹¹⁹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 163.

¹²⁰ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 163.

¹²¹ Cf. Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 53.

¹²² Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 53.

De acordo com Drewermann,

não haverá religioso ou religiosa que não esteja profundamente convencido da verdade das palavras de Jesus sobre o perdão, sentindo mesmo uma profunda nostalgia ao ouvir dizer que Deus está sempre disposto a perdoar [...] todo aquele ou aquela que presta à vida eclesial é porque já de criança foi sacrificado em largos domínios do desenvolvimento da sua personalidade.¹²³

Por esse motivo, o clérigo vai identificar-se com o sacrifício e com as renúncias, que serão comuns em sua vida. Terá uma grande necessidade de apegar-se à ideia do sacrifício, não poderá pensar nele próprio, e sim em Cristo, o seu centro tem que ser Cristo. Para um clérigo que se vê coagido a viver totalmente para o outro, é inevitável sua existência ambivalente.

Todos os sábados [...] ele absolve “pecados” aos outros, que não absolve a si mesmo; perdoa culpas que a si próprio tem constantemente que reprovar; procura, em virtude da sua função, encorajar os outros a procurarem um pouco de felicidade que ele não se atreve a viver. E todas estas contradições nem mesmo o inquietam demasiado, pelo contrário, até são a prova da sua diferença – uma moral dupla, de cujo oculto orgulho ele mal se pode aperceber, tal o peso com que ele próprio se reprime e humilha.¹²⁴

O sacrifício já foi “ensinado” durante a infância do futuro clérigo, como já foi aprofundado nesta pesquisa, quando a criança entende-se como um fardo carregado pela mãe. A partir daí, essa criança desenvolve a necessidade de sacrificar-se para salvar a mãe, que lhe é tão importante. Esse tipo de responsabilidade irá guiar toda a vida do clérigo, acredita Drewermann, culminando na já citada “Síndrome do Salvador”¹²⁵.

Para o autor, a missão de sacrificar-se e de responsabilizar-se pelos outros afetará a valorização da própria individualidade do clérigo, não deixando com que ele volte o olhar para si mesmo, mas somente para aqueles que vão ser “salvos”. Dessa forma, o grande objetivo da vida clerical, segundo Drewermann, é o de ir atrás da ovelha perdida para que se possa salvá-la, fazendo com que ela valorize a ICAR.

A única possibilidade, vista por Drewermann, para reverter esse quadro é a realização da terapia psicanalítica para os clérigos. Somente dessa maneira, eles irão descobrir que não é possível querer fazer feliz os outros, enquanto não assumir o direito de também querer ser feliz na própria vida. E também perceberão que esse modo de viver tem relação direta com tudo o que eles viveram, desde que nasceram.

¹²³ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 56.

¹²⁴ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 58.

¹²⁵ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 163.

Às vezes, lembra o autor, uma mudança autêntica na vida de um clérigo acontece a partir de impulsos vindos de fora, através de experiências acontecidas com pessoas ditas comuns e que mostram a contradição do seu próprio comportamento pessoal.

Para Drewermann, a dimensão individual é que se faz importante aqui. Os conselhos evangélicos (pobreza, obediência e castidade) continuarão a ser determinados de maneira funcional, e por isso, é um erro sacrificar a pessoa à instituição, o individual ao funcionalizado.

Não é possível realizar o que quer que seja de libertação e “redenção” humana, enquanto se for puro funcionário, interiormente não redimido. Quem tem medo do amor não pode ensinar esse amor; quem não ousar a sua própria existência não pode comunicar aos outros a coragem de se desenvolverem eles mesmos – só é possível acompanhar alguém até àquele ponto aonde pessoalmente se chegou.¹²⁶

O objetivo é, então, fazer com que os clérigos descubram o valor e a grandeza da sua própria personalidade, e depois, a partir disto, vivam e sigam os conselhos evangélicos. Para o autor, a própria ICAR não deveria querer despersonalizar o indivíduo, sob o pretexto de uma vida perfeita, segundo os conselhos evangélicos. Esses mesmos conselhos deveriam ser compreendidos como parte da realização pessoal, e não como formas de recalçamento. A análise dos conselhos evangélicos, de acordo com a teoria de Drewermann, será feita mais detalhadamente no capítulo 2.

Para o autor, “a redenção do mundo não consiste em sacrificar o ego individual, antes pelo contrário, consiste em investí-lo dos seus direitos e liberdades, e em equipá-lo com as virtudes da independência, da abertura e da firmeza”¹²⁷. A Psicologia Profunda é, portanto, instrumento eficaz que deve alertar para os efeitos dos conflitos existentes, por causa de toda a exteriorização religiosa.

A partir daí, o autor fará propostas de terapia, para que a ICAR repense sua maneira de lidar com os clérigos, tema do último capítulo. Sabendo, porém da dificuldade de se programar um plano desse porte na instituição citada, já que o tradicionalismo e o conservadorismo são os seus marcos. Todavia, Drewermann continua categórico em suas afirmações e enfatiza:

¹²⁶ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 366.

¹²⁷ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 368.

Deveria a igreja pôr fim a querer construir um “Estado”, fazendo dos seus eclesiásticos os funcionários de Deus sobre a terra. Em vez de os impelir a uma função, deveria ela ensinar aos das suas fileiras essa ‘pequena pobreza’ que os deixa a cada um em posse das suas particularidades, fazendo com que essas particularidades lhes transmitam a certeza de se sentirem necessários. Deveria lançar mão de métodos de formação que, intensificando a descoberta pessoal e o processo de maturação, corresponderem à auto-análise que, na especialização em Psicologia das Profundidades, se prolonga por vezes durante anos [...] É este o ponto decisivo em que a Igreja Católica tem que mudar, para não vir brevemente a reconhecer que o tempo a terá ultrapassado [...] É no trato com os seus eclesiásticos que se decide hoje o que será feito da Igreja católica do futuro.¹²⁸

¹²⁸ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 416.

Conclusão

Neste capítulo inicial, frisou-se a gênese da vocação religiosa e viu-se que, segundo Drewermann, ela localiza-se já nos primeiros momentos da vida do bebê. Para o autor, o ponto crucial de toda escolha vocacional reside nos primeiros contatos da criança com a mãe, de modo especial.

Já a Psicanálise clássica coloca como principal relacionamento o da criança com o pai. O complexo de Édipo é o acontecimento mais importante da vida da criança, sendo este o que irá determinar toda a personalidade e trajetória posterior da vida do indivíduo. Porém, para Drewermann, o que será determinante na vida de um indivíduo são os primeiros momentos, quando ainda bebê, e como a mãe transmite-lhe o afeto e carinho.

Dessa forma, o futuro vocacionado é o resultado de toda uma trajetória de vida, onde o que determinará suas escolhas são os conteúdos inconscientes, muitas vezes ignorados por ele. Tudo o que ele vivenciou, desde a mais tenra idade, o influenciará na sua opção de vida sacerdotal.

O seminário ou o convento serão lugares onde o jovem buscará reencontrar todo o amparo e suporte que ele tanto procurou ter, enquanto criança, com a figura materna. A ICAR tornar-se-á o suporte afetivo procurado desde quando ele ainda era uma pequena criança. Porém, a mesma instituição que lhe dá suporte e amor é a que lhe cobra sacrifícios e renúncias.

Então, a instituição irá reforçar a insegurança ontológica, constatada por Drewermann, fazendo com que o candidato sintam-se bem ao responder às ordens e leis impostas pela ICAR. Assim, o sacrifício em favor dos outros se coloca como a grande missão pessoal do clérigo. Ele possibilitará o reviver do sacrifício feito pela mãe.

Agora, serão os paroquianos e a comunidade em geral que irão ocupar os afazeres daquele que irá doar-se completamente a serviço desta função. Somente dessa forma, o clérigo sentir-se-á no direito de receber afetos de outras pessoas, não se sentindo culpado por receber o reconhecimento daqueles que o “amam”, assim como fez com sua mãe uma vida inteira.

A opção por viver uma missão muito especial é observada, levando-se em conta a relação direta da vivência da insegurança ontológica e a sua possível compensação. Por esse motivo, mediante o “chamado” em tornar-se clérigo, sendo este

visto como algo excepcional, a insegurança ontológica pode ser diminuída. A partir daí, o jovem vocacionado acredita que vai tornar-se, verdadeiramente, uma pessoa digna de crédito e merecedora de amor.

Os conselhos evangélicos da pobreza, da obediência e da castidade, da forma como a ICAR os entende hoje, serão compreendidos como meios naturais e de proteção para os sacerdotes, por permitirem a despersonalização, reforçarem a insegurança pessoal e fazerem com que os clérigos escondam-se atrás de todo um conjunto de normas que lhes dão proteção, defende Drewermann. Este é o assunto do próximo capítulo.

CAPÍTULO 2: A DECISÃO VOCACIONAL, A ENTRADA NA INSTITUIÇÃO E A FORMA DE SER DO CLÉRIGO, SEGUNDO DREWERMANN

O segundo capítulo tem o objetivo de analisar e compreender a trajetória do vocacionado a partir do momento em que ele toma a decisão de ingressar no seminário ou convento da ICAR, conforme Drewermann. O autor concentra sua atenção nos aspectos psicológicos vivenciados durante esse processo. Para ele, todas as experiências da infância que ocasionaram a insegurança ontológica, o sacrifício e a responsabilidade, o existir pela função, a solidão, serão reforçados na juventude pelas normas impostas pela ICAR.

O seminário ou o convento atrai justamente o tipo de personalidade analisada e apresentada no primeiro capítulo deste trabalho. Conforme se demonstrou no primeiro capítulo, segundo Drewermann, a busca pela vida religiosa seria um reviver das situações sofridas enquanto criança. A relação com a mãe é reeditada; porém, com uma diferença fundamental: agora é a instituição “Igreja” que ocupa seu lugar.

“Na classe eclesiástica é normal encontrar-se o paradoxo de pessoas que se comportam de maneira segura, aplicada e inteligente, em tudo o que não lhes diz respeito, mas a quem parece impossível conseguir a mesma coisa dentro da sua vida privada; a explicação encontra-se sempre no facto de elas terem sido impedidas de viver a sua própria vida”¹²⁹.

Para tornar-se um clérigo da ICAR é necessário vivenciar os conselhos evangélicos da pobreza, da obediência e da castidade. Somente vivendo de acordo com esses três conselhos que é possível optar pelo sacerdócio. Devido a essa exigência, Drewermann concentrou-se na análise dos votos, sob o viés psicanalítico.

O autor, mais uma vez, reedita as primeiras relações do clérigo com sua mãe para relacionar os três conselhos evangélicos com as fases do desenvolvimento libidinal postuladas pela Psicanálise: fase oral, anal e fálica. Drewermann acredita que um futuro

¹²⁹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 187.

clérigo só é “formado” levando-se em conta a forma como se deu a passagem, enquanto criança, por essas três fases.

“A psicogênese do estado eclesiástico só terá ficado cem por cento analisada quando tivermos esclarecido os motivos que podem levar alguém a considerar os ‘conselhos evangélicos’ como um ideal a seguir, deles fazendo o fundamento de toda a sua existência”¹³⁰. Por esse motivo, buscar-se-á entender as relações feitas pelo autor com a Psicanálise, quanto à opção por viver pobre, obediente e casto.

2.1- O momento de entrada para o seminário ou convento da ICAR

Só quem sentir a necessidade interior de deixar que a sua existência seja voltada do avesso, e de consentir que o campo pessoal seja transmutado para o institucional, e ainda por cima veja em tudo isso a graça da libertação não só de si mesmo como em vista a si mesmo – só esse é que corresponde totalmente ao estado ideal da psique clerical. É o ponto de vista de uma submissão total, de uma resignação verdadeiramente desesperada.¹³¹

Drewermann acredita que, ao decidir-se pela vida religiosa, o jovem entende que a escolha veio de Deus, que ele, pessoalmente, não teve nenhuma influência nessa decisão. O “chamado” é reconhecido como algo sobrenatural, que não teve e não pôde ter tido influência da vontade própria, do desejo racional do vocacionado. “Ser eclesiástico não é uma coisa mais dentro agora da sua vida, mas o decisivo de toda a sua existência, e que ele deve não a si mesmo, mas única e exclusivamente à graça divina”¹³².

O objetivo em tornar-se um clérigo, a partir desse momento, direciona a vida do jovem, fazendo com que ele necessite esquecer seu passado. Nada mais importa, os acontecimentos da sua infância e juventude não têm mais importância. O que fica evidente é que Deus o chamou e que essa graça é o direcionamento e meta principal na vida dele. Para Drewermann, é nesse momento que ocorre a morte para o mundo humano, pois o jovem passa a somente vivenciar experiências a partir da graça e ter sua vida moldada através do exemplo de Jesus Cristo.

Drewermann entende que a vida do vocacionado será inteiramente voltada para a função do ser clérigo. O jovem sente-se feliz somente quando está protegido pela

¹³⁰ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 197.

¹³¹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 51.

¹³² Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 51.

batina ou pelo hábito, sentindo-se constrangido quando não está vestido desta forma. Retirando de Wilhelm Reich o conceito de couraça, Drewermann dá o nome de “couraça clerical”¹³³ à proteção exterior do clérigo.

Reich conceitua a couraça de caráter como uma proteção, formada pelo indivíduo, para defender-se das ameaças sofridas pelo seu meio. Essa couraça “significa um conjunto de fenômenos atuando de forma automática, padronizada ou rígida que não toma em consideração as diferenças do meio; isto é, que já não se regula ou se gradua de acordo com o meio, mas sim que funciona do mesmo jeito em todos os casos”¹³⁴.

Reich salienta que, com a couraça, o homem defende-se de si mesmo, pois essa proteção ocorre tanto para o mundo interno quanto para o externo, fazendo com que o indivíduo não tome conhecimento de seu inconsciente, nem de seus sentimentos e emoções. A couraça regulariza a entrega do indivíduo ao prazer, ao mundo de sonhos e desejos, fazendo com que a vida torne-se bloqueada no que diz respeito ao seu próprio funcionamento, resultando na vivência da angústia, que se dá por acúmulo de energia interna. Então, o primeiro objetivo da couraça é consumir a angústia resultante desse processo.

Drewermann retira desse conceito reichiano seu entendimento sobre a possível proteção que o clérigo busca através de todo o estereótipo, obrigatoriamente utilizado por ele. Tudo que puder proteger seu corpo, seus sentimentos e seu interior psíquico vai tornar-se uma couraça ou escudo de proteção para o clérigo.

2.2- As principais características de um clérigo. As marcas internas e externas que diferenciam aquele que é chamado

Devido ao fato de Drewermann entender que o clérigo precisa proteger-se do mundo e de si mesmo utilizando-se de meios de proteção regulamentados, ele traçou algumas maneiras e alguns objetos característicos utilizados na ICAR para que o clérigo possa sentir-se protegido. Essa proteção é específica do clérigo e fará com que ele diferencie-se das outras pessoas, segundo o autor. A seguir, haverá a explicação de cada uma das proteções elencadas por Drewermann.

¹³³ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 58.

¹³⁴ Disponível em: <http://www.arteorg.com.br/metodologia/glossario2.htm#couraça>. Acesso em: 08 de setembro de 2009.

2.2.1- A forma de pensar do clérigo

Para Drewermann, o plano do pensamento ou a forma de pensar de um clérigo funciona em “esquemas de auto defesa”¹³⁵. O religioso precisa pensar de acordo com a função vivida por ele, isto é, de acordo com as normas impostas pela instituição, sendo o “pensamento oficializado”¹³⁶ a base do seu dia-a-dia.

De acordo com o autor, o pensamento oficializado é “essencialmente dependente, solidificado, e só na organização dos seus meios de demonstração e na habilidade das suas aplicações é que pode ser flexível e criativo”¹³⁷. Dessa forma, o clérigo é obrigado a interiorizar aquilo que é exterior, que são as normas e regras da ICAR, e exteriorizá-las, assumindo-as como naturais e verdadeiras.

Por esse motivo, a ICAR utiliza-se da hierarquização para manter a sua ordem, pois, dessa maneira, todo o clero pensa da mesma forma, acredita Drewermann. A expressão “Igreja somos ‘nós todos’”¹³⁸ evidencia a necessidade de se ter um único tipo de pensamento para todo o clero para que se mantenha a segurança da instituição, e também, mostra a existência da solidariedade entre os membros e entre estes com seus superiores. Esse comportamento é denominado por Drewermann de “apatia do recalado”¹³⁹ e ele torna-se explícito quando existe uma total dependência ligando os membros aos seus superiores.

O pensamento exercido dessa forma não tem o objetivo de demonstrar a verdade pessoal, mas serve apenas para exercer a sintonia com os superiores da hierarquia. Na maioria das vezes, de acordo com o autor, o clérigo não concorda com determinada norma da ICAR, mas sente-se obrigado a não manifestar sua própria opinião por conta da represália que obterá no caso de exteriorizar sua ideia. “São precisamente os eclesiásticos que deveriam perguntar a si mesmos qual a melhor maneira de ‘servirem’ a Igreja de Cristo: se através de uma fidelidade exterior praticada oficialmente, ou através da verdade pessoal e da veracidade das suas vidas”¹⁴⁰.

Para Drewermann, o tipo de pensamento fundamental da ICAR é o de cima para baixo, sendo as verdades e os mandamentos divinos, os ocupantes da parte superior. Essa parte é considerada infalível, não podendo a sua validade ser contestada.

¹³⁵ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 60.

¹³⁶ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 60.

¹³⁷ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 60.

¹³⁸ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 60.

¹³⁹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 61.

¹⁴⁰ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 63.

A parte inferior seria ocupada pelos clérigos, as pessoas responsáveis por transmitir essas verdades, porém não sendo levadas em consideração as experiências reais de suas vidas.

“Não há liberdade, enquanto o pensamento permanecer exterior a si mesmo. Colocar a verdade fora de si, isto é, na exterioridade da instituição, em vez de a colocar na clareza do pensamento, faz parte da característica essencial do pensamento clerical ao serviço da função; é um tipo de pensamento que já se considera muito corajoso, quando se arrisca até à ambivalência”¹⁴¹. Para Drewermann, o pensamento do clérigo deveria refletir a sua vida interior, com seus sentimentos e desejos mais profundos.

Porém, tendo que agir como um bom religioso, ele só deve atuar de acordo com a verdade da ICAR, portanto com o pensamento da doutrina. O clérigo não pode e não deve ter suas próprias ideias e pensamentos, portanto não tem o direito a uma vida privada, onde possa colocar seus ideais em prática.

Na tentativa de analisar psicologicamente essa forma de pensar, Drewermann mostra que o que está inserido nesse tipo de pensamento é a relação de total identificação do ego com o superego do clérigo. Para identificar-se com as verdades impostas pela ICAR, isto é, com o superego, o clérigo anula suas próprias crenças e experiências pessoais, ou seja, seu próprio eu ou seu ego, para dar crédito a todas as normas impostas pela instituição.

Diante dessa constatação. Drewermann acredita que

o tipo de pensamento ditado pelo superego dos eclesiásticos em serviço da sua função toma essencialmente a forma de um pensamento de justificação incondicional, isto é, esse tipo de pensamento está ligado a uma obrigação imperiosa de construir ideologias de toda a espécie [...] A reivindicação a uma verdade inultrapassável, última e exclusiva, faz parte de qualquer tipo de pensamento ideologicamente fixado, e que parte portanto da absolutização dos seus próprios conteúdos, em vez de partir de autênticas experiências humanas.¹⁴²

Para chegar a essa explicação, Drewermann leva em consideração o estudo de Freud sobre Psicologia de Grupo, onde foram analisados a Igreja e o Exército, denominados de “grupos artificiais”¹⁴³. Freud enquadra a ICAR neste tipo de classificação pelo fato dela possuir uma força externa que a impede de desagregação e

¹⁴¹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 66.

¹⁴² Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 71-73.

¹⁴³ Sigmund FREUD, *Psicologia de grupo e análise do ego*, p. 105.

de modificação. Essa força faz com que haja a ilusão, nos crentes, de que existe um chefe que comanda a instituição.

Na ICAR, Jesus Cristo é o “chefe”. E seu amor é dividido entre todos os “irmãos” igualmente. Pode-se entender que se trata de uma formação familiar, onde Deus é entendido como pai. Os próprios crentes denominam-se “irmãos em Cristo”. Porém, Freud ressalta que, nesse grupo Igreja, a individualidade e a liberdade individual cessam, entrando em seu lugar a restrição da personalidade.

É de notar que [...] cada indivíduo está ligado por laços libidinais por um lado ao líder (Cristo, o comandante-chefe) e por outro aos demais membros do grupo [...] Pareceria que nos achamos no caminho certo para uma explicação do principal fenômeno da psicologia de grupo: a falta de liberdade do indivíduo no grupo. Se cada indivíduo está preso em duas direções por um laço emocional tão intenso, não encontraremos dificuldade em atribuir a essa circunstância a alteração e a limitação que foram observadas em sua personalidade.¹⁴⁴

Nesse aspecto, Drewermann concorda com Freud em relação ao modo de pensar do clérigo, o pensamento a serviço da função, sem levar em conta a experiência de vida e a subjetividade de cada um. A verdade da ICAR deve ser absoluta e o clérigo tem a obrigação de identificar-se totalmente com ela e entendê-la como oriunda de Deus, sendo fiel também a essas diretivas.

O pensamento funcionalizado, para Drewermann, teria então três características básicas: “a impessoalidade do pensamento uniformizado, a racionalização e a acentuação do historicismo, e a pressão do poder administrativo substituindo a convicção que se serve de argumentos”¹⁴⁵.

A impessoalidade do pensamento pode ser reconhecida especialmente na linguagem, onde predomina a abstração e a solenidade das palavras proferidas pelos clérigos. Para Drewermann, não é oferecida uma atuação dessas premissas no cotidiano do crente. Este se sente fraco, pecador e dependente da total explicação dos clérigos a respeito da teoria proposta. Em outras palavras, o que o clérigo fala não consegue ser profundamente captado pelos que o ouvem, isto é, os crentes não conseguem captar o sentido das palavras do clérigo pelo fato daquela teoria exposta não ser perpassada pela sua vivência pessoal.

¹⁴⁴ Sigmund FREUD, *Psicologia de grupo e análise do ego*, p. 107.

¹⁴⁵ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 73.

O traço decisivo do seu pensamento em função do superego consiste em não serem capazes de tomar como ponto de partida as experiências da vida, para a partir delas compreenderem o que significa Deus e o que significa revelação, em vez de, ao contrário, tomarem Deus como ponto de partida, ou seja, os conteúdos fixos da revelação divina comunicados de uma vez para sempre, e só depois se dirigirem à realidade humana. O formal, o artificial, o forçado, o enfadonho, tudo isto não é algo de casual, simples falta de estilo e de gosto, mas sim a expressão e a manifestação de uma importantíssima estrutura patogênica própria do estado eclesiástico.¹⁴⁶

Drewermann chama essa forma de pensar de “adestrada”¹⁴⁷ por não levar em conta a humanidade do clérigo, mas sim de reconhecer somente dogmas e normas estabelecidas pela instituição. É a incapacidade de possuir o pensamento simbólico. É o olhar somente para a realidade exterior, do espaço e do tempo, esquecendo-se da vivência humana.

Para o autor, essa característica é consequência direta da insegurança ontológica. Com medo de reviver a insegurança sentida desde seus primeiros anos de vida, o clérigo torna-se alguém que se recusa a pensar. Portanto, um pensamento pré-estabelecido, determinado por dogmas, é fonte segura para ele. Através dessa forma de pensar, o clérigo sente-se protegido por não precisar fazer escolhas, por não correr riscos, por não necessitar buscar na sua experiência pessoal a resposta para os anseios daqueles que o procuram. Tudo está pronto, pré-determinado.

A incerteza da existência humana, consequência necessária da vida espiritual, e só possível de assumir plenamente por quem ousa lutar em busca da verdade, provoca nos eclesiásticos uma tal inquietação, que eles só encontram sossego quando tiverem sido definidas “por decreto” as verdades cristãs, quando tiverem sido anatematizados os que discordam, e quando tiverem sido corrigidos os que continuam a duvidar. Psicologicamente assiste-se à degeneração da essência e dos conteúdos da religião, transformados em anti-espiritualidade administrativamente organizada, em atrofia mental, e num sistema opressivo de falsas garantias.¹⁴⁸

Quanto à questão da racionalização e do uso do historicismo, o autor aborda sua crítica ao método interpretativo que vem sendo utilizado pela Teologia acadêmica há mais de um século. “Drewermann considera o método exegético denominado de Método Histórico Crítico (MHC), que se impôs durante os últimos cem anos na Teologia acadêmica européia como forma de lidar com textos bíblicos, uma das causas

¹⁴⁶ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 75.

¹⁴⁷ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 78.

¹⁴⁸ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 80.

da perda de capacidade da Teologia de responder adequadamente à sua função e, por isso, precisa de uma revisão”¹⁴⁹.

Esse método é conhecido como Histórico-Crítico porque “é o método de estudo e pesquisa bíblica que procura levar em conta o contexto histórico que envolve o texto, fazendo uma avaliação acurada (crítica) de todas as relações desta informação com o sentido do texto”¹⁵⁰. Nessa abordagem o que é levado em consideração são os fatos históricos e a época original em que os textos bíblicos foram escritos. O MHC é desenvolvido há mais de 250 anos e ele surgiu como consequência do Iluminismo e do Racionalismo¹⁵¹.

Para Drewermann, o MHC não leva em consideração a existência do inconsciente, sendo racionalista e justificado somente pela História. O autor explica a atitude racionalista no sentido de não olhar para a subjetividade pessoal, para a individualidade da experiência humana com o objetivo de não ser preciso focar na própria angústia e na própria existência. O uso do MHC é típico do pensamento oficializado do clérigo, de acordo com Drewermann. Ele acredita que o discurso clerical sobre Deus, olhado sob o ponto de vista do MHC, é um discurso proposto para assegurar a vida normativa daqueles que fazem uso dele, ou seja, dos clérigos.

O autor acredita que “todas essas componentes surgem psicanaliticamente como um aparelho fantástico destinado a apaziguar a angústia, que tem que tomar tais dimensões porque se destina a limitar em todos os sentidos aquilo que de maior e mais belo se produziu neste planeta ao longo da evolução, mas que por isso mesmo é o que é mais de temer: a personalidade individual”¹⁵².

Para Victor Linn, o que Drewermann defende e apoia não é “uma proposta anti-científica, que desconsidera a importância das questões históricas, mas de uma hermenêutica que procura inserir o sujeito da leitura na leitura para que a sagrada escritura, ou seja, o texto possa mediar o acontecimento do sagrado e não apenas falar sobre ele”¹⁵³.

Em relação à discussão da terceira característica do pensamento clerical, que é o uso de argumentações frágeis pela cúpula da ICAR, Drewermann acredita que os argumentos desse tipo de pensamento são muito fracos, tendo que compensar essa

¹⁴⁹ Victor Waldir LINN, *Entre o sonho e a palavra*, p. 55.

¹⁵⁰ Disponível em: <http://www.hermeneutica.com/principios/introducao.html>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2010.

¹⁵¹ Disponível em: <http://www.mackenzie.br/dilema.html>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2010.

¹⁵² Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 89.

¹⁵³ Victor Waldir LINN, *Entre o sonho e a palavra*, p. 57.

fragilidade através da “pressão do poder administrativo”¹⁵⁴. Os clérigos, ao se depararem com as pessoas que os procuram, percebem que a Teologia e suas teorias não são adequadas para darem uma resposta pertinente à vivência humana. Eles, então, veem a fragilidade dessas teorias e, segundo Drewermann, sentem-se inseguros e impotentes perante a busca de uma resposta aos problemas individuais humanos.

Segundo Drewermann, é a partir desse quadro que podem surgir os clérigos “perigosos”, aqueles que não aceitam as determinações impostas e discutem com a comunidade formas de contextualizar as normas da ICAR. Os clérigos que escutam seus paroquianos e procuram valorizar suas experiências individuais, são olhados pela hierarquia como “traidores” e “hereges”.

A hierarquia procura fortalecer-se frente a esse quadro impondo ainda mais suas regras, mostrando a força da instituição e de seu pensamento, acredita o autor. “Quanto menos uma determinada visão do mundo for capaz de penetrar a realidade, tanto mais essa mesma realidade se torna autônoma perante o conteúdo da doutrina em questão, e tanto mais necessário se torna para os dirigentes responsáveis compensar a falta de força convincente dessas suas doutrinas utilizando os meios de poder”¹⁵⁵. Portanto, para Drewermann, a hierarquia e o pensamento clerical fortalecem-se, justamente, pelo fato de serem contrários à realidade humana.

Dessa forma, para o autor, o pensamento clerical característico, tendo a total identificação do ego com determinados conteúdos do superego, já foi vivenciado na infância do futuro clérigo. E na idade adulta, por já ter um ego fragilizado, o jovem é pressionado pela ICAR a adaptar-se às suas normas. Por isso, lembra o autor, a instalação do fanatismo não fica descartada, pois

cada eclesiástico por si, em vez de se deixar guiar pelo seu próprio pensamento, procura o seu apoio na doutrina da Igreja, assim também a busca de apoio e firmeza se vai mudando de baixo para cima, acabando por se revelar o que ela é: a desesperada tentativa de reduzir a questão da verdade à decisão do poder, ou seja, uma compensação da insegurança ontológica através do fanatismo do pensamento autoritário.¹⁵⁶

Para Drewermann, esse tipo de pensamento induz à violência, tanto interna, entre os próprios integrantes do clero católico, quanto externa, contra as pessoas em geral, por proporcionar poder, tentativas de uniformização, exclusão dos considerados

¹⁵⁴ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 98.

¹⁵⁵ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 98.

¹⁵⁶ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 102, 103.

hereses e todas as crueldades cometidas em nome da função. O autor acredita que, dessa forma, “o fanatismo não é mais do que uma recaída nesta mentalidade arcaica que domina em cada um de nós, e que de nós se apodera, sempre que demasiadamente nos identificamos e adaptamos a qualquer grupo”¹⁵⁷.

Segundo o autor, os jovens que procuram um seminário ou um convento chegam à ICAR cheios de ilusões, de idealismo, com verdadeira vontade de servir ao Reino de Deus. Porém, logo após os primeiros anos na comunidade vocacional, esses jovens veem-se com dúvidas em relação à fé, em relação à própria vocação. O autor defende que esse fato deve-se à “falta de personalidade”¹⁵⁸, pois não puderam vivenciar, no decorrer desse período, nada que fosse essencialmente humano, e sim embasaram sua permanência na instituição através de dogmas, conceitos prontos, frases feitas.

O entusiasmo inicial, muitas vezes, que vem pelo fato dos jovens terem vivido experiências prazerosas na sua comunidade paroquial, acaba por terminar devido à falta de valorização da subjetividade, da proibição em conhecer as próprias vontades e desejos, a negação da própria realização como pessoa. “O perigo máximo do pensamento clerical é a forma como esta Teologia despersonaliza, destruindo não só a pessoa individual, como também a própria fonte da fé e da religiosidade [...] a religiosidade ao serviço da função constitui para os próprios eclesiásticos o maior dos perigos”¹⁵⁹.

Mesmo diante de toda essa problemática, o autor acredita na boa vontade e no empenho que os clérigos possuem ao buscarem viver a vocação religiosa. A luta, o interesse em vivenciar as normas e as regras exigidas pela ICAR é verdadeiro. Porém, a falta de espaço em viver as suas experiências pessoais é que causa tanta angústia e dificuldade na vida dos clérigos.

Mas uma coisa é certa: aos eclesiásticos da Igreja Católica não faltaram nunca em princípio nem a boa vontade nem o empenho. Aqueles que, no meio da insegurança ontológica de sua existência, só na vocação eclesiástica reconhecem valor e confirmação pessoal, procurarão desesperadamente fazer todos os possíveis por cumprir as exigências que lhe são impostas; a falta de personalidade é que se transforma em armadilha a que não podem escapar, e que acaba por fazer tortos os caminhos direitos. O que essencialmente determina o estilo de vida do eclesiástico é

¹⁵⁷ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 105.

¹⁵⁸ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 107.

¹⁵⁹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 107.

precisamente a eliminação de tudo o que é pessoal, ou então a sua repressão ou transformação em factor de hierarquia.¹⁶⁰

Não foi só o plano do pensamento clerical que mereceu atenção na descrição das características básicas dos clérigos, na teoria proposta por Eugen Drewermann. Outros dados foram observados também como parte de toda uma caracterização dos clérigos católicos. Far-se-á uma explanação sucinta de cada um deles.

2.2.2- O vestuário básico do clérigo

De acordo com Drewermann, todas as peças que compõem o vestuário de um clérigo são o oposto da simplicidade da maneira de se vestir de Jesus Cristo e também, por exemplo, de Francisco de Assis, que chegou a despir-se em praça pública em revolta à riqueza de seu pai. Porém, ao contrário de toda essa simplicidade, o Vaticano ostenta verdadeiras obras de artes e pedrarias que compõem seu guarda roupa.

Todo esse artefato serve para, segundo Drewermann, marcar a diferença entre os clérigos e os leigos, demonstrando a superioridade dos primeiros. Outro fator também colocado pelo autor diz respeito ao controle social que é exigido dos clérigos. Vestidos de forma apropriada, eles são vistos e proibidos de terem certas atitudes, entrar em uma casa de dança, barzinhos, cinema, e outros lugares tidos como inapropriados para eles.

Em relação às religiosas, Drewermann aponta a questão do vestuário com maior ênfase, pois delas são tirados todos os pertences para, então, lhe ser entregue o hábito, que será seu vestuário desde então. Muitas das vezes, elas são obrigadas a cortarem o cabelo bem curto, sendo-lhe retirados os sinais de feminilidade. Drewermann relaciona esse fato ao suicídio, demonstrando que aí ocorreu um “suicídio velado”¹⁶¹, o que lhe permitiu escapar de um “suicídio físico”¹⁶², tamanha sua fragilidade psíquica, a mesma que a fez procurar por um convento.

Retomando o estudo de Freud *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*, este também observa que o uniforme do Exército tem a função de unificar os militares e de determinar a hierarquia através dos símbolos utilizados nas fardas. Para Drewermann, o vestuário dos clérigos é visto como expressão da falta de personalidade e de total

¹⁶⁰ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 108.

¹⁶¹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 110.

¹⁶² Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 110.

despersonalização daqueles que entram para a instituição. Tudo o que eram é deixado para trás, restando-lhes agora assumir sua função e perder sua individualidade, uniformizando-se junto com seus irmãos em Cristo.

2.2.3- A leitura do breviário

Do mesmo modo que o vestuário, a obrigatoriedade da leitura do breviário é outra forma utilizada pela ICAR para despersonalizar a vida dos clérigos, defende Drewermann. O breviário é um livro que contém todas as orações que um clérigo precisa fazer durante o dia e, segundo o autor, ele foi confeccionado de acordo com o esquema das horas, de forma a acompanhar o percurso do Sol durante o dia.

Para Drewermann, essa oração tem o objetivo de despersonalizar o indivíduo que a utiliza porque não há o comprometimento pessoal ou as intenções individuais do próprio clérigo, mas a repetição de frases feitas que, às vezes, nem são compreendidas por aqueles que as pronunciam. Essa experiência não é livre, fazendo com que o clérigo seja obrigado a rezar conforme o que lhe é pedido. Drewermann acredita na oração espontânea e pessoal, onde a pessoa parte de suas próprias experiências e demandas pessoais.

A idéia é poética e bela [...] a questão não era saber o sentido da oração, mas rezar segundo as prescrições. A obrigação da leitura do breviário não tem em vista a pessoa que reza, nem os seus sentimentos ou as suas experiências, mas tão-somente a integridade objectiva da oração em si. O que era de mais pessoal e mais lírico transformou-se num rito formal, a ser realizado segundo um plano pré-estabelecido [...] rezar funciona assim como meio de alheamento, visto não permitir aquilo que é o mais importante: a expressão pessoal de cada um feita numa linguagem própria e directa.¹⁶³

2.2.4- A penitência ou confissão em público

Em vez de transmitir uma sensação libertadora de perdão, a confissão freqüente e ritualizada provoca um sentimento crônico de culpa, assim como a sensação de se estar sempre dependente do conselho e assistência dos confessores, mesmo em assuntos de importância totalmente secundária; aumenta assim cada vez mais a necessidade formal do controle e da censura do pensamento através de uma autoridade exterior.¹⁶⁴

¹⁶³ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 112.

¹⁶⁴ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 113.

Drewermann acredita que a obrigatoriedade da penitência consiste em desviar a atenção das coisas verdadeiramente importantes, que são a subjetividade, a vida pessoal de cada um dos clérigos. Essa forma de confissão faz com que pequenas coisas do dia-a-dia ganhem uma força que não têm, sendo olhadas com predominância.

A ICAR recomenda que todo clérigo tenha o seu diretor ou confessor espiritual para a realização da penitência frequente. Sendo assim, Drewermann acredita que a confissão dá permissão ao confessor de chamar a atenção do clérigo para questões em que, na verdade, seria necessária a compreensão. Muitas das vezes, esclarece o autor, o clérigo vai para a confissão cheio de dúvidas a respeito de sua vida pessoal e gostaria de receber de seu confessor apenas o esclarecimento de algum fato ou, ainda, apenas a compreensão do que vem acontecendo.

De acordo com o autor, a sexualidade é um tema frequentemente comentado na penitência. Na maioria das vezes, o clérigo não tem com quem conversar sobre esse tema e faz isso durante a confissão. Para Drewermann, ao invés do confessor dar abertura ao tema, ele faz com que o clérigo sinta-se ainda mais culpado e angustiado por não ter sua sexualidade trabalhada de forma correta.

“O preço são quase sempre prolongadas depressões, cujo motivo ninguém suspeita [...] é considerado como culpa individual aquilo que não é mais do que o resultado de um sistema desapiadado de noções morais desumanas, de falsas imagens de Deus, e de cruéis torturas psíquicas”¹⁶⁵.

2.2.5- A proibição de amizades pessoais

O amor, para Drewermann, é o sentimento que mais demonstra a parte afetiva de um ser humano. E é justamente esse o sentimento tão ameaçador para o clérigo. Diferente de Jesus Cristo, que tinha uma proximidade e amizade enorme com os seus discípulos e com muitas mulheres, a ICAR vê com preocupação a aproximação de um clérigo tanto de amigos homens quanto de amigas mulheres, ressalta o autor.

A Igreja procura responder à angústia e às necessidades dos homens que a ela se dirigem, não com os meios usados por Jesus, não com o diálogo baseado na confiança, mas com os métodos da segurança institucional; acaba assim por mobilizar a maior das angústias, dela fazendo instrumento

¹⁶⁵ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 114.

de domínio, e que é o medo de cada um ousar a sua própria vida vivida de forma independente e responsável.¹⁶⁶

Uma das grandes críticas de Drewermann, no que diz respeito à ICAR, é a “simples fórmula de uma troca de planos, isto é, tornando colectivo o que é pessoal, e tornando pessoal o que é colectivo”¹⁶⁷. E essa crítica também diz respeito à questão das amizades dentro de um seminário ou convento.

Para o autor, além de a própria ICAR proibir as amizades entre os clérigos e os leigos, o próprio clérigo, por causa da insegurança ontológica que lhe é característica, tem dificuldade nos relacionamentos humanos. Então, torna-se viável para ele ter a proteção da ICAR e privar-se de certas amizades. Torna-se uma defesa o fato de esconder-se atrás da instituição para não relacionar-se com os outros, ou relacionar-se de uma forma superficial.

De certo modo, isto significa para eles o enorme alívio de não terem que procurar saber se esta ou aquela pessoa poderia ou não retribuir quaisquer sentimentos de simpatia; e põe ponto final no constante medo de desilusões, vence a crônica sensação de não se ser amado, acalma a velha e profunda suspeita de não se pertencer a ninguém e de se estar desacompanhado no mundo.¹⁶⁸

Porém, ressalta o autor que esse sistema acalma as angústias num primeiro momento, mas, com o decorrer do tempo, essa tranquilidade é transformada em mal-estar, por reforçar a solidão, a despersonalização, a não evolução da personalidade. Levando-se em conta a privação das amizades pessoais, pode-se entender melhor a próxima característica básica do clérigo, que é a necessidade de afastar-se da família de origem.

2.2.6- A separação da família de origem

Trazendo à tona novamente a questão da insegurança ontológica, Drewermann afirma que os clérigos têm várias limitações em relação ao matrimônio, e em especial ao matrimônio dos próprios pais. Essa característica será enfocada quando for tratada a questão da sexualidade e do celibato. Porém, já serão apresentados alguns argumentos do autor para tratar desse assunto.

¹⁶⁶ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 117.

¹⁶⁷ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 117.

¹⁶⁸ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 117.

Por causa de sua trajetória pessoal dentro de sua família de origem, como foi dito no capítulo 1, o clérigo desenvolverá insegurança e culpa em relação a seus pais. Ele acredita que foi um “peso” na vida daqueles que o criaram. A partir desse sentimento, terá uma noção pessimista do matrimônio, acreditando que não é saudável constituir uma família, que esta seria um lugar onde as pessoas sofrem e que não podem desenvolver sua personalidade.

Para Drewermann, fica claro que “a decisão de entrar para a vida eclesiástica corresponde filosoficamente a uma crítica indirecta à instituição do casamento, e psicologicamente a uma crítica directa ao casamento dos pais”¹⁶⁹. E, para o autor, os pais sentem essa censura já no momento da decisão vocacional do filho.

A entrada para um seminário ou convento obriga o jovem a substituir a família de sangue por outra, agora a família espiritual. Os companheiros são os “irmãos”, sendo o reitor ou madre superiora o “pai” ou a “mãe”. O jovem imagina que, nesse lugar, não há discussões, intrigas, rancores, culpa. Tudo acontece a partir da união entre os seus membros, vivendo-se em uma eterna fraternidade. Sendo, portanto, diferente da sua família de origem, onde as brigas, as irritações, as lamentações eram frequentes.

Porém, a troca da família de sangue pela família espiritual perpetua os problemas causados pela proibição de se conhecer a influência realizada pela primeira família na escolha vocacional do jovem. Drewermann acredita que a proibição de confrontação com a família de origem é um grande tabu da ICAR, pois, dessa forma, nega ao jovem o esclarecimento dos motivos psíquicos que estão na raiz da busca pela vocação religiosa. Negando as motivações familiares, reforçam-se as motivações divinas de que a vocação clerical se dá somente a partir do chamado de Deus, esclarece o autor.

Drewermann sustenta seu argumento afirmando que, a partir do momento que um jovem opta pelo celibato, ele renuncia para si mesmo a possibilidade de contrair seu próprio casamento. Isso não quer dizer que o jovem tenha aversão ao matrimônio em geral, mas ele não quer reviver o casamento conhecido por ele desde a infância, que é o experienciado pelos seus pais.

Negar os laços parentais significa negar sua trajetória pessoal, sua história de vida, seu próprio inconsciente, acredita Drewermann, pois ele entende que estes são os lugares onde estão as marcas deixadas pelas relações familiares. Significa colocar o

¹⁶⁹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 121.

próprio passado como insignificante. Com isso, o autor afirma que “pessoas que nunca verdadeiramente possuíram um lar não deixam por isso de sentir dele a nostalgia; e se a decisão de entrar para a vida eclesiástica proveio em grande parte dessa nostalgia, é de imaginar como as inevitáveis desilusões em breve impelem para o seu ponto de partida as velhas aspirações”¹⁷⁰.

Pois, logo após os primeiros momentos de pura satisfação no contato com a nova “família”, o jovem se decepciona. Ele não consegue mais encontrar refúgio em um lugar onde lhe é cobrado somente a aparência e a vivência exteriorizada, tentando fazer com que ele se esqueça de sua realidade psíquica e de suas vontades pessoais, enfatiza Drewermann.

O jovem perceberá, muito rapidamente, de acordo com o autor, que a comunidade vocacional também é perpassada por relações problemáticas, onde existe inveja, ciúme, angústia, culpa. Aquela segurança que ele estava procurando encontrar na ICAR também está longe de ser-lhe dada.

2.2.7- O valor do juramento

A liberdade humana é uma questão pertinente no pensamento de Drewermann. E neste tópico ela é abordada, pois o autor se pergunta quais os meios adotados pela ICAR para que os seus membros mantenham-se fiéis e não a abandonem. Para ele, essa instituição lança mão de vários subterfúgios a fim de manter a fidelidade de seus membros. E o juramento é um deles.

Não há grupo humano que [...] não tenha recorrido à violência interiorizada: será preciso que os membros do grupo transformem a sua liberdade individual num laço indissolúvel; isto é possível, se todos eles [...] forem obrigados a prometer solenemente, sob a forma de juramento, que a sua liberdade ficará para todo o sempre ligada e presa às exigências da função.¹⁷¹

A função do juramento, segundo o autor, é retirar a liberdade da pessoa de fazer escolhas próprias. A instituição, usando desse meio, está denunciando que é frágil em seus propósitos, que não oferece atração sobre as pessoas, necessitando, por isso, de toda uma estrutura de juramentos, de medos e castigos para aqueles que não a obedecerem, colocando Deus como o “chefe” que vê tudo e condena o que está errado.

¹⁷⁰ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 123.

¹⁷¹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 124.

O batismo, a primeira eucaristia, a crisma são exemplos de juramentos que são feitos na ICAR durante a vida do ser humano. Estes têm o objetivo de sempre confirmarem a participação da pessoa como membro da referida igreja. Já os clérigos também são obrigados, desde o momento de entrada na instituição, a fazerem vários tipos de juramentos para mostrarem fidelidade à sua doutrina. Durante a caminhada do vocacionado, do seminarista e, depois, do padre existem muitas cerimônias com esse objetivo.

A identificação total com a Igreja como pressuposto para se servir a Deus como cristão – eis a máxima daqueles que interiorizaram os seus juramentos em conformismo absoluto [...] o juramento corrompe o carácter daqueles que são obrigados a prestá-lo. A perfídia do juramento consiste no facto de ele declarar um futuro (sempre) incerto como algo que fosse possível planejar, controlar e predizer.¹⁷²

Drewermann argumenta que a ICAR tenta e controla todos os aspectos da vida daqueles que optam por serem clérigos. As limitações são impostas tanto ao passado como ao presente e ao futuro deles. Assim afirma o autor quanto a essa questão:

A liberdade de movimentos no espaço é limitada pelo vestuário [...] o presente é limitado pelo ritmo da reza das orações canônicas; o passado é limitado pela restrição do contacto com os familiares; vem agora finalmente a limitação do futuro: para garantir a continuidade da instituição, é necessário que à liberdade de desenvolvimento do indivíduo seja retirado o futuro.¹⁷³

2.2.8- A fuga no trabalho

O trabalho, para o homem comum, é uma atividade que é realizada dentro de um horário pré-fixado, remunerado e essencial para a sobrevivência pessoal e familiar. Para o clérigo, a vocação não pode ser vista como uma profissão. A vocação é a própria vida do clérigo e esse “trabalho” deve ser feito durante todo o tempo, enquanto houver forças para realizá-lo, critica Drewermann.

O autor acredita que, atualmente, com o pequeno número de novas vocações, os padres e freiras têm um ritmo acelerado de trabalho. Já os fiéis que buscam a ICAR cobram desses clérigos um esforço intelectual tremendo, pois precisam prender a atenção daqueles que ainda vão à missa, fazer belas homilias, mostrar-se em sintonia

¹⁷² Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 126.

¹⁷³ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 126.

com a realidade. E, além disso, os clérigos precisam assumir responsabilidade de empresário para, por exemplo, administrar uma obra ou comprar artigos para a paróquia.

Porém, essas atividades que fazem parte da vida do clérigo transformam-se, depois de um tempo, em causa de sofrimento, vazio e angústia, acredita Drewermann. Elas não dão subsídios para a busca pela espiritualidade. O grande problema resultante do trabalho de um clérigo é o fato dele precisar ser exercido sem que se faça uma identificação com ele. O trabalho fica muito distante dos verdadeiros objetivos do clérigo, ficando aquém da sua vida emocional.

A verdadeira dimensão do sofrimento de muitos eclesiásticos só se pode avaliar se tomarmos em consideração o seu ponto de partida: o sentimento fundamental de insegurança ontológica havia-lhes feito surgir a vida eclesiástica como libertação e como possibilidade última de salvação; a actividade como sacerdote (ou religiosa) fora a única compensação para a sua personalidade. Se este caminho resultar também em frustração, recai a ameaça de uma descompensação de todos os ideais da pobreza, da humildade, da castidade, da doação total e do amor a Deus, isto é, começam a germinar no subsolo psíquico os vícios secretos e as auto-punições masoquistas.¹⁷⁴

Com uma vida transbordando de tantos trabalhos, o clérigo dificilmente encontra tempo livre para fazer aquilo de que realmente gosta, como ler um bom livro, escutar música, cuidar de um animal de estimação, entre outras coisas. Drewermann alerta para o fato de que a insatisfação e o excesso de trabalho podem proporcionar o vício, como o do cigarro, das drogas, do álcool, dos medicamentos.

O estresse causado pelo trabalho rotineiro na vida do clérigo tem sido tema de alguns estudos importantes no âmbito da psicologia. Alguns deles serão citados no próximo capítulo, quando forem tratadas as propostas feitas por Drewermann à ICAR para a possível solução desse problema.

2.2.9- Relações no anonimato

“Como será o tipo de relações entre pessoas que tiveram que renunciar ao seu nome e à sua origem, que foram totalmente uniformizadas na vida e na morte, e impedidas a todos os níveis de desenvolver o seu ego e de dar realização à sua

¹⁷⁴ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 133.

personalidade?”¹⁷⁵. Esta é uma das questões propostas por Drewermann em relação à vivência do homem e da mulher que escolheram a opção religiosa como forma de vida. Após essa escolha e com a entrada para o seminário ou convento, muita coisa muda na vida do eleito. E as relações interpessoais parecem ser uma das grandes mudanças apontadas pelo autor.

Drewermann salienta que o papel representado por cada membro na comunidade religiosa vai dizer muito a respeito da individualidade de cada um. É normal que, nesses lugares, seja estabelecida uma escala de papéis e atividades onde cada membro assume seu lugar. E novamente a crítica de Drewermann faz-se presente, pois o clérigo não conseguirá identificar-se com a função estabelecida para ele. Então, é necessário que o clérigo coloque-se totalmente a serviço da instituição, vivenciando o que o autor chama de “disponibilidade incondicional”¹⁷⁶.

Essa disponibilidade é fruto de uma existência vazia, onde o que valem são as ordens impostas “de cima”, argumenta Drewermann. O que a pessoa quer não tem importância, e sim a vontade de seus superiores. Para Drewermann “o indivíduo é, por assim dizer, uma espécie de matéria prima, sem forma e não trabalhada, à qual a Igreja confere a sua razão de ser [...] a pessoa de cada eclesiástico é como um balde de água que é necessário esvaziar, para depois se voltar a encher com os desejos e os caprichos dos superiores”¹⁷⁷.

O que acontece, acredita Drewermann, é uma neutralização dos próprios sentimentos em favor de ordens impostas pelo poder. Há uma substituição do poder de Deus pelo poder da instituição fazendo com que a única conduta autorizada seja a submissão. Dessa forma, as relações entre os clérigos revelam a existência do que o autor chama de “agressividade reprimida e recalçada”¹⁷⁸.

A agressividade aparece, principalmente, nas relações de cortesia, onde, na verdade, eram para ser prevalecidos comportamentos de resignação ou indiferença. O clérigo precisa fingir que está feliz ao aceitar as normas de seus superiores. Dessa maneira, ele reprime e recalca a sua raiva e a vontade de rebelar-se contra as autoridades. Esse quadro faz brotar o que Drewermann chama de um “típico cinismo de funcionário”¹⁷⁹.

¹⁷⁵ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 135.

¹⁷⁶ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 136.

¹⁷⁷ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 136.

¹⁷⁸ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 137.

¹⁷⁹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 137.

O comportamento cínico de um clérigo pode ser observado, de acordo com o autor, no tratamento com os seus superiores. Quando estão de frente com os bispos ou com aqueles que estão em cargos superiores, o clérigo comporta-se muito bem, alegre e concordando com tudo que lhe é imposto e pedido. Logo após, ao se ver sozinho ou com outro colega, o clérigo lança críticas duras ao superior, não concordando com nada do que lhe foi falado. Mas nada disso pode ser vivenciado explicitamente, mas sempre às escondidas.

Drewermann acredita que toda essa estrutura imposta pela ICAR fará com que se desenvolvam sentimentos de ambivalência nos próprios clérigos, como amor e ódio, aproximação e afastamento, docilidade e agressividade. E, como forma de expressar esses sentimentos tão ambíguos, o comportamento de muitos clérigos se dá em forma de anedotas, piadas de humor negro. Eles acham graça das pessoas comuns, de atitudes simples do dia-a-dia. O que é simplesmente humano torna-se motivo de grandes risadas. Essa ambivalência também vai manifestar-se no contato com os superiores, salienta Drewermann.

Freud, em *Totem e Tabu*, alerta para a ambivalência emocional ocasionada pelo contato com sacerdotes, reis, governantes. Para ele, essas figuras são resultado de um tabu que as coloca como frutos de um poder mágico, causando a morte ou sofrimento de quem entra em contato com elas. Ao mesmo tempo, elas são extremamente necessárias para a própria proteção do indivíduo ou de uma comunidade inteira.

Diante desse quadro, vai existir uma ambivalência de sentimentos perante essas pessoas, onde, ao mesmo tempo, há o desejo de aproximação e, por outro lado, o receio do contato, resultando no medo. Conseqüentemente, existe a vontade de eliminá-los, por ocasionarem esse medo, mas ao mesmo tempo, a comunidade precisa protegê-los, pois são necessários naquele lugar. Para Drewermann, esse quadro é visível nas relações entre o clérigo e seus superiores.

Dessa forma, o autor salienta que “todos os encontros se reduzem a uma atitude de obediente lealdade – mas uma lealdade despersonalizada, cumprida segundo determinadas formalidades e marcada pelo dever; de resto, o subordinado o que quer é escapar-se”¹⁸⁰. São essas relações que vão caracterizar a dinâmica própria na hierarquia da ICAR, que é reconhecida como “uma mentalidade de carácter monárquico”¹⁸¹, argumenta Drewermann.

¹⁸⁰ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 140.

¹⁸¹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 141.

Drewermann diz que um leigo nunca consegue dirigir-se ao verdadeiro eu de um clérigo, mas sim à sua “*persona*, ao papel do seu superego”¹⁸². De acordo com a teoria junguiana, que utiliza-se frequentemente deste conceito, *persona* significa uma máscara, uma imagem ou até um papel através do qual o indivíduo apresenta-se à sociedade, de acordo com a necessidade do momento ou do ambiente. Dessa forma, a *persona* tem relação direta com a exteriorização do comportamento, não lhe sendo necessário o conhecimento direto do seu inconsciente ou do seu mundo interior¹⁸³.

Então, aproveitando desse conceito, Drewermann acredita que através da imagem transmitida, o clérigo passa a ideia de ser um pai, com o qual todos irão se identificar. São nessas relações que serão desenvolvidas muitos tipos de transferências, onde os leigos depositarão toda a sua confiança.

A total identificação exigida aos eclesiásticos da Igreja católica com o papel que desempenham não corresponde psicologicamente a um processo evolutivo, mas a uma repressão sistemática e à atrofia do elemento pessoal; deste modo, são precisamente aqueles que levam a sério a sua função exercendo o ministério da melhor maneira possível, os que maior perigo correm de suscitar esperanças que irão depois desiludir cruelmente – o que significa uma verdadeira tragédia para todos os implicados.¹⁸⁴

E, dessa forma, os dois lados não correspondem às expectativas criadas, pois o clérigo não conseguirá transmitir aos leigos tudo o que estes desejam e os leigos não devolverão em forma de carinho e gratidão aquilo que o religioso espera receber.

É o inverso da insegurança ontológica: os eclesiásticos não somente se agarram desesperadamente a determinadas ordens e directivas consideradas de valor absoluto, como também desejam constantemente saber o efeito que produzem nas outras pessoas em busca de amor e reconhecimento, instintivamente respondam aos sinais provenientes dessa nostalgia [...] é através da sua atitude profissional e dos seus próprios desejos recalcados que o sacerdote desperta nos outros esperanças e ansiedades que ele não pode satisfazer, enquanto não tiver aprendido a ser humanamente mais aberto e mais leal.¹⁸⁵

O que Drewermann quer deixar claro é que a grande maioria dos leigos pode se decepcionar ao procurar um clérigo, na busca por uma resposta na resolução dos seus problemas. O clérigo em questão, por não poder dar vazão aos seus próprios sentimentos e às suas próprias vontades, não conseguirá captar o verdadeiro sofrimento

¹⁸² Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 144.

¹⁸³ Cf. Paolo Francesco PIERI, *Dicionário junguiano*, p. 377-381.

¹⁸⁴ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 144.

¹⁸⁵ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 145.

daquele que o procura, não podendo ajudá-lo psiquicamente nem espiritualmente, pois “não é possível acompanhar uma pessoa para além do ponto aonde se chegou pessoalmente”¹⁸⁶.

“Cisternas secas”¹⁸⁷ é o termo usado por Drewermann para designar os clérigos de uma forma geral, por estarem totalmente vazios, pregando sobre uma vida psíquica equilibrada, com amor e vivendo totalmente o contrário, a angústia e o medo. São esses homens que não vão propiciar, nem a eles nem aos fieis, uma verdadeira relação com Deus, pautada na confiança em si mesmo. Esse quadro é consequência da total identificação da pessoa individual com o papel que ela precisa representar enquanto clérigo.

O encontro verdadeiramente humano é proibido de ser experimentado pelos clérigos. Falta-lhes calor humano, amizades verdadeiras, possibilidades de penetrar no mais íntimo de sua alma, de seu inconsciente. Essa vivência faz com que o pensamento clerical transforme-se numa forma “esquizóide da angústia da proximidade”¹⁸⁸, por causa de toda a falta de liberdade individual a que ele se vê forçado. Drewermann aponta que essa esquizoidia é diferente da estrutura esquizóide existente na Psicanálise. Ele explica a sua forma de classificar da seguinte forma:

Aqui se vê como a total identificação com a função eclesiástica dá ensejo a dissociações de sensibilidade e de comportamento no âmbito dos contactos humanos; tais dissociações são depois sentidas e intelectualizadas subjectivamente como uma problemática esquizóide, embora a sua verdadeira estrutura mais se assemelhe à de uma neurose obsessiva que dissocia obrigação e inclinação, desejo e dever, ter gosto e ser obrigado.¹⁸⁹

Bergeret explica que a esquizoidia é decorrente da estrutura psicótica, a qual se desenvolveu a partir de frustrações ocorridas na infância precoce, principalmente dos contatos entre mãe e filho. A estrutura psicótica tem como principal característica a fixação do indivíduo na fase oral. A Psicanálise pós-freudiana debruçou-se mais profundamente sobre a linhagem estrutural denominada esquizoidia, principalmente os discípulos de Melanie Klein¹⁹⁰. Bergeret mostra que

um ego que sofreu sérias fixações e permanece bloqueado, ou então regressa em seguida a esse nível, *pré-organiza-se* muito rapidamente, em

¹⁸⁶ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 145.

¹⁸⁷ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 146.

¹⁸⁸ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 149.

¹⁸⁹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 149.

¹⁹⁰ Cf. Jean BERGERET, *A personalidade normal e patológica*, p. 67, 68.

uma primeira etapa [...] segundo a linha estrutural psicótica, posta assim em funcionamento de modo bastante determinante [...] É nesta fase de organização pré-estrutural do Ego, segundo um modo psicótico bastante específico, que agora se prenderá a posição evolutiva dita esquizóide, descritas pelos autores kleinianos.¹⁹¹

Já Drewermann entende que a esquizoidia é uma forma básica de medo, com seu início já nas primeiras semanas de vida, onde a criança se vê num ambiente totalmente desconhecido e inseguro. A partir daí, podem ser ocasionados comportamentos de solidão, autismo, frieza nos relacionamentos, sendo, para o autor, o medo mais difícil de ser sanado na idade adulta¹⁹². Esse seria um quadro muito comum dentro da ICAR, segundo ele.

Porém, Drewermann aponta que há diferenças entre um clérigo e um esquizóide. A diferença seria que o primeiro não teve os seus sentimentos sempre bloqueados no inconsciente que os fizeram manter distância dos relacionamentos interpessoais. A ordem para essa distância veio mais tarde, do exterior e das autoridades, fazendo com que o clérigo se distancie das outras pessoas e desenvolva a “esquizoidia” comentada por ele.

O autor afirma que o clérigo, por causa da fuga das relações humanas, desenvolverá uma “solidão forçada”¹⁹³, que será sempre reforçada e quase nunca superada “porque a ambigüidade inicial da existência se encontra agora agravada pela ambigüidade do comportamento, tanto perante as pessoas que os cercam, como perante os representantes da autoridade da Igreja”¹⁹⁴.

Por causa dessa solidão, o clérigo desenvolve e reforça uma angústia existencial que fará com que a inseguridade ontológica da infância ressurgir, um pouco modificada, mas com a mesma força, trazendo todos os sofrimentos novamente à tona, argumenta Drewermann.

Para ele, essa situação negativa é evidenciada a partir da cisão existente entre o que é aprendido no seminário, na Teologia, as regras e dogmas, e o que são os verdadeiros sentimentos, as vontades, o conteúdo psíquico de cada clérigo. Essa cisão é vista em todos os aspectos da vida do clérigo, causando-lhe a impessoalidade do encontro humano, despersonalização e frieza nos contatos com as pessoas. Assim é a personalidade do “eleito”, de acordo com o autor.

¹⁹¹ Jean BERGERET, *A personalidade normal e patológica*, p. 67.

¹⁹² Cf. Everton BOOTZ, “*Consultei a Deus, ele me respondeu, e me livrou de todos os temores*”, p. 95.

¹⁹³ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 149.

¹⁹⁴ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 149.

Então, são essas as características básicas do modo de viver e da personalidade do clérigo, de acordo com Eugen Drewermann. Depois desse panorama geral, o objetivo é compreender a forma como o autor trabalha a relação dos conselhos evangélicos com a Psicologia Profunda.

2.3- Os conselhos evangélicos e sua relação com as fases da organização da libido

Como foi afirmado na introdução deste trabalho, quando um jovem opta pela vida religiosa, ele precisa fazer três votos: pobreza, obediência e castidade. Drewermann acredita que antes mesmo de encaminhar-se para o seminário ou o convento, o jovem já conhece essas regras e mobiliza-se no sentido de viver esses conselhos durante a sua formação vocacional.

Então, para Drewermann, somente o jovem que teve experiências, desde a primeira infância, no sentido de compensar o sentimento de insegurança ontológica por meios de reparações é que será “chamado” à vida religiosa. Viu-se essa hipótese ser apontada no primeiro capítulo, porém, ao analisar os três votos monásticos, Drewermann irá relacioná-los às três fases do desenvolvimento humano apontadas por Freud.

Estas são as fases oral, anal e genital. Cada um dos votos terá relação direta com uma dessas fases. Optou-se por explicar cada uma delas posteriormente, no momento em que for esmiuçada a relação que Drewermann faz de cada voto com a fase de desenvolvimento propriamente dita.

O autor salienta que, dependendo das circunstâncias vividas na infância, o jovem se sentirá mais propenso a viver de acordo com a pobreza exigida pela ICAR, ou mais tocado pela questão da obediência à hierarquia, ou mais voltado para a renúncia às pulsões sexuais. Todas essas escolhas dependerão, de maneira direta, das experiências que o jovem vivenciou durante as citadas fases do desenvolvimento humano.

Drewermann tem o intuito de explicar por quê um jovem vê os conselhos evangélicos como essenciais na sua vida. E para isso, o uso da Psicanálise torna-se essencial. Porém, como mesmo afirma o autor, um estudo desse teor pode provocar medo e indignação por parte daqueles que fazem parte do clero católico.

Defendendo nós que a “decisão” de seguir a vida eclesiástica se procede sob uma enorme pressão interior, como se de um chamamento divino se tratasse, e salientando ao mesmo tempo a enorme disponibilidade de identificação dos eclesiásticos com a “dignidade” do “ministério”, é de compreender o receio e a atitude de resistência, o medo e a hesitação da maior parte dos eclesiásticos em relação à Psicanálise.¹⁹⁵

O modelo de Jesus Cristo é utilizado para fundamentar as bases teológicas dos conselhos evangélicos. A imitação de sua vida e de suas atitudes é a base do comportamento dos clérigos. O autor salienta também que a origem do monaquismo, ou seja, “a prática da abdicação dos objectivos comuns dos homens em prol da prática religiosa”¹⁹⁶, deu-se na vivência de um mundo reconhecidamente marcado pela finitude e pelo sofrimento e por isso “haverá que superar com meios espirituais o cativo da criatura, restituindo-lhe interiormente aquela independência de que exteriormente cada vez mais sente a falta; trata-se de superar a angústia perante os flagelos inevitáveis da existência terrestre”¹⁹⁷.

Com o intuito de amenizar a angústia frente à finitude da vida, os meios espirituais foram ganhando espaço na busca por uma vida voltada para o interior do ser humano. O mundo externo foi considerado como um mundo de aparências, e o isolamento, recomendado pelo monaquismo, era uma maneira de vida aceita como positiva, afirma o autor.

Para Drewermann, o Budismo é a única forma de religião que se fundamenta, até hoje, totalmente na ideia dos conselhos evangélicos. Siddhartha Gautama defendeu que é, no equilíbrio entre viver uma vida interior voltada para si e entregar-se aos prazeres do mundo exterior, o grande segredo da vida¹⁹⁸.

Drewermann salienta que a grande diferença entre a ICAR e o Budismo, no que diz respeito aos conselhos evangélicos, é que o monge budista participa de sua comunidade como um cidadão comum e tem a flexibilidade de experimentar como será sua vida de monge antes de tomar sua decisão. Já na ICAR, o clero é considerado como algo separado da sociedade, é uma casta distinta das pessoas comuns e não existe a flexibilidade citada no Budismo.

Para o autor, quanto mais as pessoas reconhecem sua limitação enquanto ser humano, mais buscam formas de apaziguar a angústia inerente a este estado. E a vida

¹⁹⁵ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 198.

¹⁹⁶ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Monachismo>. Acesso em: 12 de abril de 2010.

¹⁹⁷ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 203.

¹⁹⁸ Cf. Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 203.

religiosa, com todas as suas renúncias, torna-se um atrativo muito interessante para alguns indivíduos.

Porém, ele critica que a instituição dos conselhos evangélicos não leva em consideração a personalidade individual de cada um dos que vão viver de acordo com o que a ICAR pede. Os conselhos são especificados de forma geral, e cabe a todos os que escolhem a vida religiosa como ideal. Esse quadro leva à funcionalização do ideal clerical e a uma verdadeira exteriorização da vida do clérigo.

Dentro de tal esquema de pensamento, a única questão que se põe é a de saber como é que uma certa e determinada forma de vida, em que o ego foi previamente adaptado o mais perfeitamente possível à pressão das disposições institucionais, poderá ser durável e eficazmente garantida; mas não se põe a questão de saber [...] como é que a pessoa individual poderá chegar, por si mesma, a aceitar e assumir um determinado esquema de vida. E se aquilo que só pode ser vivido como atitude espiritual e pessoal se transforma numa função institucionalizada desse tal “existir para os outros” [...], os “conselhos evangélicos” tornam-se um sistema coercivo de direcção espiritual operada de fora, e de despersonalização.¹⁹⁹

A falta de flexibilidade na vivência do dia-a-dia, de acordo com Drewermann, é a responsável pela desvalorização do papel da subjetividade do clérigo. O tudo ou nada, a renúncia ou a incapacidade de fazer parte do clero é o motivo pelo qual o clérigo sente-se pressionado, sem a possibilidade de fazer escolhas. “Ora isto mostra como o funcionamento das suas instituições é para ela [ICAR] mais importante do que a vida concreta das pessoas, e demonstra ainda o seu medo enorme perante a liberdade humana, enquanto não estiver limitada dentro do estreito sistema das suas leis e regulamentos”²⁰⁰.

2.3.1- O voto da pobreza e sua relação direta com a fase oral

Segundo o autor, o voto da pobreza é o menos comentado nos círculos dos clérigos. Não se tem empenho em discutir sobre ele. O que reina é, “ao invés de uma espiritualidade da verdadeira pobreza, trata-se então do ‘espírito’ da pobreza”²⁰¹.

Como Jesus Cristo é modelo para os sacerdotes, em relação à pobreza sua vida também deve ser imitada. Porém, para Drewermann, essa imitação nunca poderá ser

¹⁹⁹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 210.

²⁰⁰ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 211.

²⁰¹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 216.

conseguida, por tratar-se de um “modelo infinito”²⁰², ocasionando sentimentos de culpa, de responsabilidade pelos outros e sacrifício.

Por isso, para o autor, moldar-se na figura de Cristo, que é um modelo idealizado, só fará com que o ser humano sintam-se incapaz e com mais angústias, pois nunca conseguirá atingi-lo. Os efeitos psicológicos de tal obrigação tão sublime não são reconhecidos, podendo levar os que tentam segui-lo a consequências desastrosas, como sentimentos de inferioridade e de incapacidade.

De acordo com Drewermann, o voto da pobreza não é trabalhado a partir da vida autêntica daquele que o assume, mas seu objetivo é fixar um estilo de vida totalmente dependente e sem sentimentos de valorização pessoal. Por isso, esse voto irá seduzir justamente aquele jovem que já se sente desvalorizado, sentindo-se como um peso sem valor, como já foi analisado no primeiro capítulo.

A pobreza torna-se a meta de aspirações e esforços infinitos, mas a impossibilidade de atingir essa meta faz parte dos pressupostos desse mesmo esquema. Resulta deste modo uma interiorização da atitude moral, não já como expressão mas como sobrecarga da existência pessoal, num estado de compulsão interiorizada, em que o ego é exortado a fazer algo que não pode, e a ser algo que não é; resulta assim uma forma de ‘pobreza’ que não é uma vivência libertadora de largueza e felicidade, senão precisamente o contrário, ou seja, a constante derrota moral de uma incapacidade que se apresenta constantemente em atitude ‘penitente’. A inversão dos valores é evidente: não é atitude de pobreza que fornece a base para o ideal da forma de vida, mas é um ideal imposto do exterior – porque exteriormente compreendido – que violenta o ego a ponto de o tornar verdadeiramente “pobre de espírito”.²⁰³

E, dessa forma, Drewermann ressalta que é preciso se aprofundar no entendimento da psicologia da posse e do dinheiro, compreendendo como o fato de possuir algo pode livrar a pessoa da angústia, restituindo-lhe sentimentos de segurança, de autoestima e poder. Para isso, e para se entender a questão psicológica que envolve o voto da pobreza, é necessário voltar-se às relações iniciais da criança com seus pais, principalmente com a mãe. Para Drewermann, a Psicanálise ajuda nesse sentido.

A questão que se põe do ponto de vista psicanalítico é evidentemente a de descobrir o pano de fundo, quer dizer, as condições que tornam possível a disponibilidade e o desejo de se assumir esta forma da santa pobreza – esta forma mesmo, o que significa o desejo de entrega da pessoa individual a uma comunidade que recompensa a renúncia absoluta com a assistência em

²⁰² Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 217.

²⁰³ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 220.

todos os domínios da vida, e isto pelo preço de uma disponibilidade total e de uma submissão também total às decisões superiores. Como é isso possível, e o que é necessário ter acontecido, para que um ser humano queira formalmente renunciar ao seu desejo e vontade, entregando “livremente” todo o seu ser, em vez de viver a sua própria vida, imaginando-se culpado se não seguir esse tal modelo de Jesus Cristo? Bastar-nos-á substituir na experiência da primeira infância o modelo de “Jesus Cristo” pelo modelo da mãe, e encontraremos psicanaliticamente o caminho que dará resposta à questão.²⁰⁴

Novamente a importância da mãe na vida do futuro clérigo é vista e exaltada pelo autor. Para ele, a criança que não podia nomear um único desejo e que, por isso, a mãe escolhia tudo o que ela precisava, transformou-se, fundamentalmente, em um “pobre de espírito”²⁰⁵, ou no futuro clérigo. Quando jovem, ele irá buscar na ICAR toda a estrutura já pronta para que possa continuar sendo “pobre”, sem necessidade de nada possuir interiormente, agora se agarrando à “mãe” Igreja, que tudo sabe do que ele precisa pra viver.

A inibição oral devida ao medo de reclamar qualquer coisa é sempre acompanhada da capacidade de ler os pensamentos de pessoas estranhas. Num mundo de inibição oral só seria possível esperar um pouco de felicidade, havendo uma espécie de comunicação telepática que permitisse um entendimento sem palavras, numa espécie de harmonia pré-estabelecida que fizesse desaparecer os conflitos da miséria, da competição, e da alternativa de vida ou morte, que é a do “ou tu ou eu” na luta pela subsistência.²⁰⁶

Essa passagem exprime o que Drewermann entende da relação da mãe com o filho. É ela quem consegue entender o que o filho necessita. Este não precisa preocupar-se com suas próprias vontades. Tudo já vem pronto, a partir do olhar da mãe. “Não formular um único desejo – eis a primeira forma de interiorizar psiquicamente a pobreza”²⁰⁷. A mãe sempre descobre do que o filho necessita. Para isso, basta um olhar dele para a sua mãe.

O filho, não formulando um único desejo, uma única vontade irá ser “comido” pela mãe, sendo através dessa ponte que Drewermann relaciona a pobreza com a fase oral, que é justamente a fase onde “o prazer sexual está predominantemente ligado à excitação da cavidade bucal e dos lábios que acompanha a alimentação. A atividade de nutrição fornece as significações eletivas pelas quais se exprime e se organiza a relação

²⁰⁴ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 223, 224.

²⁰⁵ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 220.

²⁰⁶ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 231.

²⁰⁷ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 232.

de objeto; por exemplo, a relação de amor com a mãe será marcada pelas significações seguintes: comer, ser comido”²⁰⁸. Essa fase ocorre a partir do momento do nascimento até por volta dos dois anos de idade da criança.

Esta disponibilidade total corresponde a uma tristeza profunda, significa a renúncia completa a qualquer forma de vida pessoal e inclui a renúncia a toda a exteriorização dos próprios sentimentos, inclusivamente o da tristeza. Verdadeira disponibilidade significa em princípio só dar mostras daqueles sentimentos que correspondem aos desejos dos outros, sem nunca causar problemas a quem quer que seja.²⁰⁹

Drewermann, no decorrer de sua prática clínica com diversos clérigos, percebeu que, já na adolescência, esses jovens não podiam ter o controle de seu dinheiro, mesmo se recebessem uma pequena mesada. Os pais os orientavam para não gastarem. Por outro lado, esses mesmos pais os supriam de tudo o que eles precisavam, desde material escolar, roupas, alimentação.

E assim o autor chega à seguinte conclusão: “dinheiro é por um lado uma coisa que não se possui e que é mesmo proibido desejar, e por outro lado é o meio com o qual a providência divina (ou materna) infalivelmente arranjará aquilo que se necessita, desde que tudo se ponha submissamente nas mãos dos outros (membros da família ou da ordem)”²¹⁰.

Drewermann lembra também daqueles clérigos que tiveram a experiência de extrema pobreza material, onde possuíam o mínimo para sobreviver. O sentimento predominante, nesses casos, é o de ser um peso para os pais, por precisarem se alimentar, enfim, precisarem sobreviver. Nesse ponto, volta-se ao que foi falado no primeiro capítulo, sobre o sacrifício feito pelo filho para não ser um tormento na vida dos pais e, conseqüentemente, de não ser rejeitado por eles.

Na via que leva à vida eclesiástica [...] em vez de revolta e luta, há a submissão e o evitar conflitos; em vez de ódio aberto, há o contínuo sentimento de culpa e as correspondentes tentativas de reparação; em vez de afirmação pessoal e liberdade, há a mentalidade do sacrifício e da dependência [...] exprime o que Freud descreveu ao falar do ‘complexo de castração’ no âmbito do conflito edipiano, mas considerando a evolução psicológica como resultado das contradições da vivência oral, e não da vivência (posterior) sexual.²¹¹

²⁰⁸ LAPLANCHE, PONTALIS, *Vocabulário da Psicanálise*, p. 184.

²⁰⁹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 233.

²¹⁰ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 224, 225.

²¹¹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 228.

O papel da mãe e de seu sacrifício são os pontos principais no que diz respeito à formação da atitude de pobreza dos clérigos. Volta-se ao que foi falado no primeiro capítulo, quanto à postura da mãe. Não é a sua maldade nem sua má vontade que será focada na formação da psique do futuro clérigo, mas sim “aquela mistura de miséria e sacrifício, pobreza e dever, impotência e tentativa de conseguir, cuja ambivalência lança sobre a criança tais sentimentos de culpa, sempre que ela procura resistir, que o caminho para a resignação de cunho religioso parece inevitavelmente marcado”²¹².

Da pobreza das condições de vida resulta, através da Teologia do Sacrifício, a pobreza do próprio ego; só quem já na primeira infância aprendeu um tal esquema de comportamento como saída única para o seu sofrimento, é que mais tarde será capaz de aceitar como santo e modelar este ensinamento da Teologia Cristã: que a missão da vida consiste em fixar definitivamente a transformação de valores de todas as aspirações infantis à felicidade, interpretando deste modo certas condições difíceis da primeira infância como sinais de providência divina e vocação.²¹³

Dessas condições surgem os sentimentos de sacrifício, fazendo com que o futuro clérigo renuncie às suas próprias vontades, renuncie ao ato de possuir em benefício de um bem maior, que é a providência divina, o próprio chamado, a própria vocação. O ato de possuir causa sentimentos de culpa, medo de perder a mãe e seu carinho, pelo fato de não precisar mais que ela descubra os seus desejos, ressalta Drewermann.

Esses sentimentos de culpa fazem com que a criança e, posteriormente, o jovem se pergunte pelo próprio direito à existência, já que ele não se sente merecedor da própria vida. E é nesse ponto que forma-se a personalidade com inclinação para a vivência de acordo com a pobreza pedida pela ICAR. Drewermann acredita que será formada a personalidade clerical quando os conteúdos do ego são totalmente idênticos aos do superego, fazendo com o que o clérigo identifique, facilmente, sua vida com as normas estabelecidas pela ICAR.

A consequência desse quadro, em relação ao voto de pobreza, é, segundo Drewermann, a chamada “inibição oral”²¹⁴ que “não consiste somente em nada se possuir, mas também em nunca se ter o direito de vir a possuir o que quer que seja, nem mesmo a sombra de um desejo de qualquer coisa própria. Ora é precisamente esta

²¹² Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 230.

²¹³ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 231.

²¹⁴ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 235.

pobreza que, no ideal eclesiástico, constitui a base de uma verdadeira imitação de Cristo”²¹⁵.

Crianças que, já durante a fase oral do seu desenvolvimento, tenham sido de tal maneira sobrecarregadas por angústias e sentimentos de culpa, que só em parte tenham podido construir o seu próprio ego, ficarão sempre presas à mãe, e não serão capazes de pronunciar um “não” sem com isso experimentarem os maiores escrúpulos. Não sendo capazes de oferecer resistência, cresce nelas a nostalgia de um refúgio paradisíaco onde não fosse mais necessário fazer a distinção entre o “eu” e o “tu”, entre o “meu” e o “teu”, e onde tudo fosse comum como num seio materno. Idéias de fusão oral que, por medo e por sentimento de culpa, prefeririam negar o natural comportamento da competição e da disputa no que respeita também à posse de bens materiais, traduzem-se aqui em idéias e sonhos de um comunismo original que, proclamado como ideologia cristã e exigido como ideal de pobreza monástica, exerce uma enorme força de atracção sobre um certo tipo de pessoas.²¹⁶

Para Drewermann, a principal característica dessa fase na vida do futuro clérigo é a “fuga radical por medo do encontro e o desejo ansioso desse mesmo encontro”²¹⁷. Essa ambivalência resulta das vivências com a mãe durante a fase oral, onde a mãe a amamentava com certo “desprezo” pelo fato da criança lhe ser um peso. A mãe tem esse gesto por simples obrigação, e não por amor ou desejo próprio. Esse sentimento é transmitido para a criança e ela não consegue compreender, tendo atitudes de destruição perante a mãe (como o morder o seio, a fase oral canibalística), porém, essa atitude cria sentimentos de culpa pelo fato da mãe lhe ser tão fundamental, suprimindo suas necessidades.

Dessa forma, acredita o autor, que a personalidade depressiva é consequência desse quadro vivido na infância, sendo esta uma característica fundamental do clérigo, fazendo com que a angústia e o sentimento de culpa tornem-se constantes para ele. Dessa maneira, será inevitável refugiar-se nas atitudes de sacrifício e de doação, com o objetivo de manter-se distante dessas consequências negativas. Everton Bootz enfatiza que, para Drewermann, o caráter depressivo tem sua origem na fase oral e que está diretamente relacionado com o “sentimento do medo culposo”²¹⁸.

A partir de tudo o que foi exposto e da situação ambivalente vivida pela criança, “começa então aquele combate de vida e morte entre mãe e filho, que mais tarde se repetirá muitas vezes. A criança aprende que tudo se estraga, se indispuser a

²¹⁵ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 235.

²¹⁶ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 239.

²¹⁷ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 243.

²¹⁸ Everton BOOTZ, “Consultei a Deus, ele me respondeu, e me livrou de todos os temores”, p. 95.

mãe [...] e este sentimento de culpa de tudo querer destruir tornar-se-á mais tarde uma obrigação: há que destruir deliberadamente as relações mais desejadas”²¹⁹.

Nesse sentido, a mãe sente-se dominando a situação, já que só ela sabe o que o filho precisa. Ela sabe que representa o abrigo e a subsistência para a criança. Dessa forma, o filho vê-se totalmente dependente da mãe, querendo-a, e não podendo distanciar-se dela. Precisando abrir mão de seus próprios desejos para não perdê-la, argumenta o autor.

Drewermann afirma que esse quadro é a causa da compulsão do clérigo de querer destruir tudo aquilo que lhe traz felicidade, não se sentindo no direito de ser feliz verdadeiramente. A possibilidade de viver o voto da pobreza nasce justamente dessa ambivalência, pois “ninguém é mais pobre do que aquele que procura constantemente fazer a sua própria infelicidade [...] foi-se eleito por Deus para enriquecer os outros, deixando-se despojar de tudo. Começa aqui o caminho dos eclesiásticos [...] dessas pessoas espiritualmente empobrecidas que fogem de si mesmas”²²⁰.

Esses “pobres” buscarão, justamente, aquelas pessoas, também psiquicamente pobres, para apaziguar sua própria pobreza interior. Dessa forma, esquecem da própria pobreza para solidarizarem-se com os outros pobres. Porém, ressalta Drewermann, que a boa vontade no trato com os leigos não irá resolver seus conflitos internos, pois “quem da sua própria necessidade faz uma virtude não será pessoa apta para diminuir objectivamente as necessidades dos outros”²²¹.

Dessa forma, o autor sugere que se deve olhar mais atentamente para a história individual daquele que busca a pobreza como ideal de vida, e não reforçar as questões que fazem com que o clérigo busque encontrar, nesse voto, uma fuga de sua própria pobreza pessoal. “Há que pôr a nu as faltas de sinceridade, as falsificações e os *clichês* de carácter neurótico que permitem continuar a agir como se fosse possível viver de verdades divinas objectivas sem as acompanhar de veracidade humana e coerência pessoal”²²².

²¹⁹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 243.

²²⁰ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 243, 244.

²²¹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 244.

²²² Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 244.

2.3.2- O voto da obediência e sua relação direta com a fase anal

Drewermann ressalta que o voto de obediência é o “aspecto exterior da pobreza”²²³ e que todos os conselhos evangélicos estão interligados entre si, não sendo possível falar de um deles sem citar os outros. A obediência resumidamente “trata-se da escamoteação da actividade individual, da eliminação de tudo o que for pessoal nos actos de alguém, e da transferência da vontade própria para a vontade de estranhos”²²⁴.

Dessa forma, o autor explica, resumidamente, a obediência, sob o ponto de vista psicanalítico, da seguinte maneira:

Trata de um sistema de direcção exercida do exterior e interiorizada depois, e dentro da qual jamais poderá considerar-se o ego como uma instância competente e normativa; o ego é indigno, pecador, inseguro e rebelde, pelo que deverá submeter-se a directivas vindas de fora: o modelo de Cristo e a direcção do Superior [...] a sede da verdade encontra-se sempre fora do indivíduo, e nunca dentro dele; e esta equiparação de tudo o que é pessoal com o que é falso, anti-cristão, e oposto mesmo a Deus, produz necessariamente uma desconfiança constante perante a própria pessoa, assim como a desesperada tendência para procurar alcançar a salvação por meio da direcção operada pelos outros. Tomando à letra esta incitação à “humildade”, forma-se uma escala de valores segundo a qual tudo o que é pessoal se considera errado, simplesmente por ser pessoal, e tudo o que é estranho necessariamente surge como certo, precisamente porque vem de fora.²²⁵

Drewermann salienta que as diretivas vindas de fora é que têm o valor necessário para o clérigo. Tudo o que acontece é considerado como de ordem espiritual, sendo valorizado o grupo e não a pessoa individualmente. O coletivo ganha uma força extrema, não sendo viável a contestação ou o questionamento de suas determinações.

Toda a tensão da busca da verdade entre o individual e o comunitário, a dialéctica e a dinâmica do diálogo e do esforço pela realização da missão divina, é delegada deste modo para a substancialidade da Igreja – que está na posse plena da verdade, enquanto que a pessoa individual representa (por ser individual) a ausência da verdade. Entre o objectivo e o subjectivo não há pois outra mediação a não ser a da submissão total – da obediência, do rebaixamento, da exterminação da vontade própria, a favor do monopólio absoluto da verdade a que o grupo se julga com direito.²²⁶

²²³ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 245.

²²⁴ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 245.

²²⁵ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 246.

²²⁶ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 247.

A obediência ressalta a falta de vontade própria, o nada querer, somente o interesse por aquilo que é imposto e mandado. Em seu oposto, Drewermann defende a obediência em relação ao Cristo (eu) interior e não ao Cristo identificado como o superior, o reitor, o bispo ou o papa. Para ele, a vontade do clérigo de união com Cristo nada mais é do que a vontade de união com seu verdadeiro eu, ou seja, com o que há de mais pessoal dentro dele. Somente olhando as próprias vontades e se autoconhecendo, é possível a verdadeira união com Deus, com o eu interior, acredita o autor.

Para que uma pessoa siga as diretrizes da obediência pedida pela ICAR, é necessário que, já desde criança, tenha vivenciado momentos de resignação pessoal, não podendo exprimir suas vontades e desejos. Estes sempre eram do outro (principalmente da mãe). Dessa forma, esse indivíduo desenvolveu, de acordo com o pensamento de Drewermann, o medo da liberdade humana, onde há o predomínio do medo do pensar, do querer, da vontade pessoal.

Resulta assim psicologicamente uma estrutura de constrangimento interiorizado, na medida em que o ego não é conduzido à religião católica através de maturidade, opinião pessoal, capacidade de julgar e ressonância afectiva, mas sim através de ordens e directivas, assim como do sentimento de culpa, por cada vez que se afaste dos regulamentos prescritos; o resultado é uma má consciência permanente por se ter vontade própria, mesmo que essa má consciência se manifeste somente no desejo humilde e obediente de eliminar toda a vontade pessoal.²²⁷

Drewermann vê como causas fundamentais para a escolha da obediência como forma de vida “a intimidação autoritária, a identificação com o respectivo modelo, e o abalo da capacidade pessoal de julgamento”²²⁸. Essas características influenciam-se mutuamente o tempo todo, sendo de fundamental importância para o entendimento do voto da pobreza como vocação.

Só quando a consciência do valor pessoal, sob a intimidação constante da autoridade paterna, tiver sido destruída ao ponto de a pessoa precisar da autoridade que a destrói [...] só então é que se forma a atitude de uma obediência necessariamente incondicional. Não se pode mais viver sem dizer que sim a quem nos diz que não. Só nessa altura a obediência se transforma em libertação, ou até mesmo em “graça divina”.²²⁹

O autor relaciona a capacidade de viver a experiência da obediência com a fase anal do desenvolvimento humano. Para Freud, essa fase ocorre entre os dois e os quatro

²²⁷ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 257.

²²⁸ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 259.

²²⁹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 259.

anos de idade e é a responsável por inculcar noções e “valores simbólicos de dádiva e recusa”²³⁰. Através dos movimentos de expulsão e retenção das fezes, a criança trabalha a questão de como relacionar-se com a repressão externa, com as ordens recebidas pelos pais²³¹.

Drewermann lembra que, nessa etapa, o ego já está formado e capacitado para fazer valer as suas próprias vontades. Porém, a criança necessita saber se sua posição é certa ou errada, se a sua vontade pessoal é viável. Por isso, o autor ressalta a importância da criança ter uma autoridade que lhe indique o que deve ou não fazer, sentindo-se, com isso, protegida.

Porém, o que chama a atenção em um futuro clérigo, é o fato de que ele necessitou o tempo todo de diretivas vindas do exterior, entendendo como sagradas as ordens de outra pessoa. Dessa forma, não há o desenvolvimento pessoal, reforçando apenas o ego da autoridade dos pais ou de quem ocupa esse lugar, sustenta Drewermann.

A criança, ao mesmo tempo em que percebe que tem direito a ter vontade própria, percebe também que esta pode ser totalmente eliminada por causa de certas atitudes dos pais. Esse quadro é desenhado, pelo autor, mostrando que a situação clássica onde pode nascer uma personalidade clerical é na família onde a mãe, predominantemente, apresenta atitude de angústia frente às tendências autoritárias do pai.

Para Drewermann, uma mãe frágil, e conseqüentemente depressiva, espera que o marido a proteja, sendo ele apenas aparentemente forte e protegido pelo seu superego autoritário, mas que, ao mesmo tempo, também possui um ego frágil. Esse pai mostra-se como a autoridade que deve ser obedecida. Um filho desse casamento aprende, desde cedo, que se deve obedecer ao mais forte e não pode colocar suas vontades em primeiro plano. Dessa forma, de acordo com o autor,

só podemos compreender o radicalismo da exigência da obediência, formalizado e aplicado depois às necessidades da função eclesiástica, se o considerarmos como conseqüência de uma “castração” operada durante a fase anal do desenvolvimento psíquico, ou então, o que vem a dar no mesmo: quem presta a um ser humano aquela obediência que é devida a Deus está simplesmente a repetir uma determinada situação da infância, quando o pai surgia como monarca absoluto, cujas ordens tinham o poder divino de decidir sobre o bem e o mal. Não é a capacidade pessoal de

²³⁰ LAPLANCHE, PONTALIS, *Vocabulário da psicanálise*, p. 186.

²³¹ Cf. Álvaro CABRAL, Eva NICK, *Dicionário técnico de psicologia*, p. 14.

juízo que decide o que se deve fazer ou não, mas somente a palavra do pai.²³²

Somente a obediência ao pai não é o suficiente para determinar a vocação religiosa, segundo o autor. Necessário também é como a mãe reage às diretivas do marido, e como o filho entende essas reações. A atitude autoritária do pai será mais explicitamente vista a partir de uma mãe fragilizada, que aceita as ordens dadas pelo marido. A educação transmitida por essa mãe será, constantemente, marcada pela angústia, e não pela confiança em si mesmo. Sua atitude perante o filho será sempre de máxima proteção e, por outro lado, de apreensão.

A obediência não é só entendida como direta ao pai, mas mostra uma identificação do filho com a obediência que a mãe demonstra às ordens dadas pelo pai. O filho sente-se protegido identificando-se com a mãe, com aquele que é o seu modelo amado. A mãe torna-se para o filho o modelo mais suave, mais ideal a ser seguido. E esse comportamento torna-se um projeto a ser buscado por este filho.

Dentro dessa perspectiva, Drewermann entende essas atitudes dos pais como sendo formas de castração, pois elas reforçam o desprezo pelo sentido do valor pessoal do próprio filho. Por isso, o autor antecipa o desenvolvimento do valor da obediência para antes do Complexo de Édipo, pois “todos esses conflitos existem já na fase anal do desenvolvimento psíquico, e [...] eles se podem perfeitamente analisar sem ser preciso recorrer às complicações do complexo de Édipo”²³³.

De acordo com as questões que foram expostas por Drewermann que dizem respeito aos conflitos pré-edípicos, o autor não explica a relação do filho com a sua mãe através do complexo de Édipo. Para isso, ele utiliza-se da seguinte explicação para mostrar porque é a figura da mãe (ou do que se submete à ordem de outro) que é entendida como a que se deve seguir:

A imagem da mãe poderá ser elevada a nível de divino, se na atitude dessa mãe transparecer algo de semelhante a uma relação transcendente; a obediência da mãe surge à criança como uma obediência divina, na medida em que a própria mãe der a entender pelo seu comportamento que ela não quereria nem poderia aceitar uma tal obediência, se não houvesse atrás dela uma pessoa absoluta exigindo-lhe essa atitude e dando-lhe a força necessária para a assumir [...] a transcendência vivida por aquela pessoa (pai ou mãe) que fornece a norma e que surge como sendo o exemplo a seguir leva facilmente a criança à tendência de a ver envolvida na luz em que ela diz viver; o componente da transcendência na vida da “mãe”

²³² Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 262.

²³³ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 268.

favorece na criança a idealização da imagem materna, elevada à transcendência, e implantando nela uma espécie de “mistério” ao qual se sentirá ligada a vida inteira.²³⁴

Drewermann ressalta que a negação da realidade pode ser uma constante na vida do futuro clérigo. Ele não pode conhecer a verdadeira história familiar e seus pais fazem de tudo para que ele não a conheça, mostrando-lhe um mundo de faz-de-conta, onde os conflitos entre os pais não existem. Laplanche e Pontalis conceituam da seguinte forma o termo negação utilizado na literatura psicanalítica: “Processo pelo qual o sujeito, embora formulando um dos seus desejos, pensamentos ou sentimentos até então recalcado, continua a defender dele negando que lhe pertença”²³⁵.

Para Drewermann, esse tipo de negação fará com que o jovem torne-se apto a praticar a obediência exigida pela ICAR. “Fechou-se o círculo da eliminação de tudo o que é pessoal dentro do indivíduo, em proveito do mecanismo que permite a continuidade do sistema”²³⁶. Somente os pais é que sabem o que é bom para o jovem, sendo permitido a ele obedecer e ser satisfeito e agradável.

A partir desse quadro de negação da realidade e fixação na fase anal, o jovem torna-se apto a desenvolver a neurose obsessiva. Esse tipo de neurose é visto, por Drewermann, como um quadro comum entre os clérigos da ICAR. E, por esse motivo, o autor defende que,

Evidentemente que esta maneira de alguém permanentemente se censurar, esta perturbação do pensamento, este deslocamento da agressividade para si própria, esta transferência dos sentimentos de ambivalência em relação à mãe [...] esta sensação de os outros determinarem sempre o que se tem a fazer são tudo factores que, vistos estruturalmente, revelam uma neurose obsessiva proveniente da fase anal. É necessário sublinhar que a “obediência” nem sempre provém do constrangimento provocado pela autoridade, ou do conflito da sujeição da vontade própria a uma vontade estranha segundo o modelo de um dos pais, mas também, como acontece aqui, pode ser o resultado “sublimado” de mentiras existenciais por parte dos pais, impondo-se como verdades necessárias que é preciso admitir, e que se tornaram para a criança uma condição de sobrevivência. Só partindo de abalos da capacidade pessoal de pensar e julgar, e de tal forma que deixe de ser possível ou permitido a uma pessoa saber qual a atitude que deverá tomar perante a sua própria percepção das coisas, é que se compreende como alguém pode chegar a classificar a sua própria maneira de ver como sendo uma extravagância, e a sua vontade pessoal como sendo um capricho,

²³⁴ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 268.

²³⁵ LAPLANCHE, PONTALIS, *Vocabulário da psicanálise*, p. 293.

²³⁶ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 271.

até chegar ao ponto de precisar da opinião alheia como selo de garantia da verdade.²³⁷

Laplanche e Pontalis mostram que Freud identifica a existência da neurose obsessiva já na fase anal e a conceitua como uma “relação sadomasoquista interiorizada sob a forma da tensão entre o ego e um superego particularmente cruel”²³⁸. Drewermann também entende essa classe de neurose da mesma forma.

Portanto, a neurose obsessiva, de acordo com Drewermann, surge exatamente no momento que a criança precisa expor suas vontades, ou seja, durante a fase anal, fase marcada pela atividade-passividade perante as pessoas de sua convivência. Como já foi visto, no caso do futuro clérigo, ele não tem permissão de exteriorizar seus desejos, devendo a mãe escolher tudo em seu lugar. A criança, então, entende que precisa ser perfeita, sem defeitos e conseguir total êxito em todos os seus afazeres²³⁹.

Drewermann acredita que mais tarde, já como clérigo, ele não consegue dar significado algum aos seus próprios sentimentos, somente consegue repetir o que a ICAR coloca como verdadeiro e bom. A única coisa que lhe transmite valor é aquilo que é confirmado pelas autoridades, elevando as suas próprias necessidades a nível sobrenatural e fazendo das ordens da ICAR seu intuito de vida. Vivendo dessa forma, explicita a neurose obsessiva, precisando repetir sempre o que a hierarquia da ICAR propõe como certo e verdadeiro.

Dentro desta perspectiva, Drewermann alerta que não é por má vontade ou por maldade que essas pessoas agem dessa forma. A vontade própria lhes falta desde a infância e, por isso, eles comportam com os outros da mesma forma como consigo mesmas, ou seja, de acordo com as regras. E, assim, Drewermann defende que

O seu próprio ego entregaram-no a “Cristo”, tendo perdido a capacidade estrutural de notar que aquele que em nome de Deus se recusa a viver a sua própria vida faz da mensagem de Jesus (que era a mensagem da liberdade humana) o programa tirânico de uma constante censura do pensamento e da consciência. É assim que entre os obedientes de hoje se recrutam os chefes eclesiásticos de amanhã.²⁴⁰

²³⁷ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 271.

²³⁸ LAPLANCHE, PONTALIS, *Vocabulário da psicanálise*, p. 313.

²³⁹ Cf. Everton BOOTZ, “*Consultei a Deus, ele me respondeu, e me livrou de todos os temores*”, p. 95.

²⁴⁰ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 272, 273.

2.3.3- O voto da castidade e sua relação direta com a fase fálica ou edipiana

Da mesma forma que fez com os outros dois votos, Drewermann faz a relação do voto de castidade com as fases da evolução libidinal, situando-o na fase do complexo de Édipo, portanto, na fase fálica.

Freud situou o complexo de Édipo por volta dos três e cinco anos de idade da criança, onde ela desenvolve um amor pelo progenitor do sexo oposto, desejando o desaparecimento do progenitor do mesmo sexo. Essa situação é revivida na puberdade, quando ocorre a escolha do objeto de amor. Para Freud, o complexo de Édipo é o grande momento em que se dá a estruturação da personalidade do indivíduo, sendo de essencial importância o seu desenvolvimento.

Para Drewermann, assim como nos outros votos, a vivência da castidade também é interpretada de acordo com o que o jovem viveu durante a sua infância. E a base para essa interpretação está na forma de como os pais viveram seu casamento e o transmitiram para os filhos, chamado pelo autor de “o bom casamento católico”²⁴¹.

Drewermann constata que, nesse tipo de casamento, a palavra é, na maioria das vezes, proibida. Dessa forma, não é permitido que os filhos façam perguntas em relação ao próprio corpo ou à sexualidade de uma forma geral. Tudo é considerado feio, sujo. As sensações percebidas no corpo não são explicadas, sendo compreendidas como pecado.

A transmissão de como foi a concepção e a gravidez do próprio filho já indica como será a sua educação sexual. Drewermann, mais uma vez, foca no período pré-edipiano para entender como é transmitida a moral sexual no seio familiar, mostrando que “o que importa aqui são as complicações no desenvolvimento da sexualidade anteriores à fase do complexo de Édipo, visto que só assim se pode compreender a influência do ‘clima’ católico sobre a psicogênese de uma futura personalidade de eclesiástico”²⁴².

Durante a gravidez, a mulher carrega a prova de que praticou o ato sexual e seu ventre fica completamente exposto. Geralmente essa parte do corpo era a mais sagrada, e por isso, a que deveria ser escondida, segundo Drewermann. Pelo fato da mulher ter uma visão hostil do seu próprio corpo, ela pode sentir-se mal ou mesmo ter vergonha de estar grávida.

²⁴¹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 297.

²⁴² Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 302.

Depois do nascimento do filho, ela também não consegue ter, espontaneamente, atitudes afetivas positivas em relação ao recém-nascido, como, por exemplo, no momento da amamentação. Ela sente-se mal por ter sensações boas pelo fato de o bebê sugar seu seio. Então, dessa forma, salienta Drewermann que, pela moral sexual rígida que a mãe possui, não lhe é permitida sentir prazer ao amamentar o filho, causando-lhe, com isso, uma enorme angústia, que é transmitida para o bebê.

Por causa da falta de orientação materna, é passada para a criança uma série de pistas mostrando, em relação ao seu próprio corpo, o que é bom e o que é ruim, o que é saudável e o que não é. Isso é feito quando a mãe dá-lhe banho, troca-lhe as fraldas, acaricia-o. A linguagem materna irá mostrar e ensinar para a criança somente os conceitos considerados certos e decentes para a mãe. E, dessa forma, será incentivado conhecer o mundo somente através dos olhos da mãe, fazendo com que a criança restrinja seus horizontes e não formule nada do que seja pessoal, do que seja do seu próprio interesse.

Por isso, Drewermann ressalta que essas influências é que farão com que seja “decisivo no caminho que conduz à vida eclesialística [...] a circunstância de na Igreja Católica intervir um sistema de valores que interpreta estas formas de inibição como uma forma ideal de pureza, e até mesmo como um primeiro sinal de uma possível ‘vocação’ de sacerdote ou religiosa”²⁴³.

Esse quadro é descrito por Drewermann como sendo a “falsificação de neurose em santidade”²⁴⁴, ou seja, acredita o autor que aquilo que para a psicologia é visto como patológico é reconhecido pelo jovem como sinal da vocação religiosa. A divisão entre pensar e sentir, achar e conhecer o que se passa com seu corpo, é vivenciado como uma pressão que obriga o clérigo a “reconhecer a realidade do seu corpo apenas do exterior, a reconhecer a realidade das suas sensações apenas em pensamentos, e a reconhecer a experiência dos seus sonhos apenas em conceitos deduzidos”²⁴⁵.

Todas essas diretivas, vindas desde a infância, impedem que o jovem tenha confiança em si mesmo, não conseguindo ter um relacionamento com o sexo oposto de maneira natural e livre. O rapaz, vivendo nesse clima de opressão, volta-se contra a própria masculinidade, pois acredita que o pai fez mal à mãe, obrigando-a ao ato sexual.

²⁴³ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 305.

²⁴⁴ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 306.

²⁴⁵ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 306.

Toda a coragem masculina se dispõe deste modo na luta contra a própria virilidade, consistindo o programa de vida de um futuro eclesiástico em levar até ao fim, por meios ideológicos e de ascese, esta cruzada contra o [...] próprio pai da sua infância, e contra as tendências viris do seu próprio coração. Estará sempre em jogo a pureza imaculada da mulher, da única amada, da própria mãe, que é necessário preservar e libertar das perseguições do monstro (o próprio pai) [...] Aquilo que é intocável no espírito de um eclesiástico é a imagem da sua própria mãe que, sendo embora mulher, paira acima de qualquer suspeita de ter podido conhecer qualquer pulsão de ordem sexual.²⁴⁶

A relação, na juventude, com os amigos da mesma idade também se torna problemática. Os amigos podem e fazem tudo aquilo que para o jovem “eleito” é proibido. Porém, o futuro clérigo escolhe agradar a Deus e prefere manter-se distante de seus companheiros. O que ocorre nas relações humanas desses jovens, segundo Drewermann, é o mesmo que ocorre em relação ao pensamento clerical, ou seja, ocorre uma clivagem entre o ser e o sentir, entre o que é considerado certo e o que é olhado como pecado e errado.

Uma “abstração missionária”²⁴⁷ e uma “pregação despersonalizada”²⁴⁸ fazem com que o relacionamento com as outras pessoas seja sempre intermediado pela função, pelo aspecto exterior, e nunca ocorra de forma natural e espontânea. Assim, fica nítida uma total impessoalidade nos encontros humanos, reconhecendo como pecador aquele que vive segundo suas vontades e desejos. Esse quadro sintetiza o que Drewermann entende sobre o ódio à própria masculinidade no clérigo.

O ódio contra o próprio pai por ser homem, o ódio à própria virilidade, o ódio a tudo o que é masculino manifesta-se agora na idéia de salvar o mundo – o que corresponde ao ideal materno da pureza, do amor e da doação de si mesmo em obras de verdadeira caridade. Mas será quase impossível encontrar um eclesiástico que seja capaz de confessar, a si mesmo e aos outros, quanto há de vingança nas idéias da moral sexual católica, pelas humilhações sofridas na juventude.²⁴⁹

Para Drewermann, é justamente nessa situação que o futuro clérigo reconhece sua vocação religiosa. É uma pessoa diferente das outras, daquelas que são pecadoras. Como “eleito”, quer agradar a Deus, sendo bom e protegendo aqueles que pecam. E essa dinâmica ocorre também com as vocacionadas do sexo feminino.

²⁴⁶ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 308.

²⁴⁷ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 309.

²⁴⁸ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 309.

²⁴⁹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 309.

Tal como aos eclesiásticos do sexo masculino foi inculcado desde a infância que as mulheres (se forem como a mãe deles) não podem ter desejos sexuais, e que só “o” fazem por amor dos maridos, assim também muitas religiosas aprenderam já de meninas que deverão desconfiar permanentemente dos homens, mantendo sempre o controle da situação, tal como foi outrora inculcado à mãe, num legado sagrado que se transmite de geração em geração.²⁵⁰

Drewermann deixa clara a sua intenção de compreender as motivações para a vivência da castidade em afirmações como a seguir:

Aqui trata-se de um objectivo muito específico: primeiro, compreendermos as estruturas espirituais onde se estabelecem as polaridades onde se transformam em verdadeiras neuroses obsessivas, as quais determinam todo o pensamento clerical em matéria de sexualidade, e prendem igualmente o âmbito da vida sentimental em constantes duplicidades, críspações e sentimentos de culpa. O paradoxo é que a Igreja Católica, dois mil anos depois de Cristo, se conserva ainda na sua atitude de medo e desconfiança perante tudo o que é “natural”, declarando como ideal, embora (já) não como obrigação, o sacrifício, a repressão e a crucificação da vivência pulsional, em vez de procurar antes integrá-la.²⁵¹

Apesar de não ter o objetivo de aprofundar no estudo da Mariologia, Drewermann sustenta sua interpretação utilizando a figura da Mãe de Deus, Maria. Para ele, a devoção mariana, por parte dos clérigos, tem a seguinte interpretação: “veneração da Senhora, exigência de castidade, autocastração e fixação na mãe”²⁵². Essa veneração seria diretamente influenciada pelo tipo de relação vivida entre a mãe e a criança, o futuro clérigo. E ele a explica da seguinte forma:

Em consequência da intensificação do desejo fervente de união e fusão com a Mãe do Céu, manifestado na acumulação de conotações sexuais que as palavras da oração só dificilmente sublimam, cresce também a defesa da parte psíquica recalcada, forçando o homem que reza a assumir uma atitude infantil e a definir-se perante essa Mãe como uma criança inocente, assexuada, longe ainda da puberdade, para não ver como os seus entusiasmos traduzem os seus próprios desejos masculinos em frente a uma mulher.²⁵³

Essa passagem sugere a necessidade do clérigo de sentir-se amado “maternalmente”, sendo esta a grande nostalgia de sua vida. Pelo fato de não ter sido amado enquanto criança, ele entende que, por ter escutado o chamado de Deus e ter se tornado tão especial, ele será amado pela mãe para sempre, desde então. Drewermann

²⁵⁰ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 310, 311.

²⁵¹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 285.

²⁵² Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 287.

²⁵³ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 288.

vai ainda mais longe, afirmando que a fixação do clérigo na imagem da mãe pode ser entendida como

o desejo inaudito de possuir a Virgem como homem; e a constante acentuação da eterna virgindade da Senhora tem por fim confirmar o tabu da virgindade, sempre que surja o desejo de virilmente o quebrar. Assim, a veneração da Virgem-Mãe reúne em si duas coisas: a fixação da ligação edipiana à mãe dos dias da infância, e a revivificação regressiva desta ligação, para fugir ao desejo sexual adulto; mas ao mesmo tempo dá-se um extremo deslocamento do desejo original, no sentido do sadismo: a alegria transforma-se em sofrimento, e o acto da procriação transforma-se num acto letal. Nossa Senhora da Igreja Católica surge como uma figura de substituição, de carácter ascético, mas impondo apesar de tudo as tendências sexuais originalmente recalcadas, o que trouxe como resultado uma forte infantilização da afectividade, uma enorme acumulação de angústias da puberdade, e uma excessiva actividade da fantasia oscilando constantemente entre o ideal da Mãe toda pura e o medo de obsessões sadistas.²⁵⁴

Drewermann expõe, na citação acima, sua concepção de como se dá a necessidade de viver o voto da castidade e sua relação com a fase fálica. Por não poder envolver-se sexualmente com a mãe, o futuro vocacionado precisa ser castrado, no que diz respeito a esse desejo. A partir da castração, o rapaz procurará sempre ligar-se a mãe, de qualquer maneira. Através do reconhecimento da vocação religiosa, ele irá buscar o refúgio na “santa mãe-Igreja”, onde se sentirá amado e protegido pela vida afora.

Além da presença fundamental da mãe na formação da personalidade clerical, Drewermann ressalta que, já durante a formação religiosa do futuro clérigo, são três os fatores que incidem diretamente na problemática da sexualidade na ICAR:

O centralismo autoritário do poder paterno, uma severidade restritiva nas determinações da moral sexual, e a espalhada veneração da “Virgem-Mãe”. Em linguagem psicanalítica isto significa com toda a evidência uma forma do complexo de Édipo projectada a nível colectivo e ampliada socialmente, composta do destaque religioso da autoridade paterna, da ameaça de castração daí resultante, e da fixação neurótica de tendências libidinosas dirigidas para a mãe – tudo em pessoas que são literalmente impedidas, por amor do reino dos céus, de poderem tornar-se outra coisa, a não ser crianças bem educadas, obedientes, dependentes das directivas que lhes são impostas, inseguras, e sem direito a poderem ser aquilo a que, segundo a exigência cristã, teriam todo o direito: personalidades livres, confiantes em si, capazes de amor, adultas.²⁵⁵

²⁵⁴ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 289, 290.

²⁵⁵ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 291.

O autor salienta que a partir daí, instala-se um verdadeiro círculo vicioso, partindo do medo da sexualidade, onde o clérigo refugia-se na “Virgem mãe-Igreja” a fim de obter o apaziguamento da angústia. Esta “mãe-Igreja”, que tudo dá, mas que também tudo tira. É amorosa e protetora por um lado, mas, por outro, castra e retira tudo o que pode trazer felicidade pessoal ao seu “filho”.

Drewermann enfatiza que Freud, em *Mal Estar na Civilização*, já sustentava que conhecer a forma como a pessoa ama e trabalha é fundamental, pois somente conhecendo como uma pessoa lida com sua vida pessoal é possível analisar sua saúde mental. “A verdade do seu ego transparece na maneira como ela vive a sua sexualidade, visto a sexualidade englobar todas as outras pulsões”²⁵⁶.

Amputando a sexualidade de alguém, não somente se lhe envenena a fonte das suas pulsões, como se lhe perturba também a clareza do seu pensamento, a pureza das suas percepções, e a sensibilidade das suas aspirações. Na preocupação de se adaptar às restrições das suas inibições, o ego depressa se vê obrigado a mobilizar todo o seu pensamento, a fim de justificar aquilo que de todo parecia fora de justiça. É esta lógica de inversão que determina o pensamento e a vida dos eclesiásticos [...] a melhor maneira de reconhecer o grau de maturidade espiritual de um eclesiástico é observar a maneira como essa pessoa, se for padre, se comporta para com as mulheres e, se for religiosa, se comporta para com os homens; a angústia, a críspação, o à-vontade de aparência, a atitude de evitar isto ou aquilo, a profissionalização das relações, ou então, inversamente, a cordialidade, a abertura, a receptividade, a sensibilidade em relação à pessoa que está na sua frente, são os cartões de visita do coração.²⁵⁷

Drewermann cita que, durante as sessões de psicoterapia de muitos clérigos, é comum perceber que o início de sua vida sexual deu-se de forma problemática e confusa. A masturbação é uma das práticas mais comuns e vivenciada com muita culpa por esses jovens.

O verdadeiro mal da problemática da masturbação consiste na ruína da confiança que a pessoa deposita em si, assim como na ruína da sua função de pensar. Ninguém pode manter a estima por si próprio, sendo constantemente incitado a fazer aquilo que não pode. O ideal católico de pureza, com a proibição de todo e qualquer prazer sexual voluntário fora do casamento, obriga os “crentes”, desde o princípio da puberdade, a porem todas as suas forças morais na repressão de determinados pensamentos e actos [...] Segundo a opinião da Igreja Católica, o prazer sexual não tem

²⁵⁶ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 295.

²⁵⁷ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 295, 296.

valor em si. A Igreja procura inculcar aos jovens, tanto quanto possível, o velho medo secular perante o próprio corpo, instintos e sentimentos.²⁵⁸

O autor lembra que uma das ferramentas utilizadas, tanto nos seminários como nos conventos, é a fuga para outras atitudes que façam com que o candidato venha a esquecer os próprios desejos sexuais. Uma dessas ferramentas é a oração. Com isso, uma verdadeira fuga de si mesmo é instalada, com consequências desastrosas citadas pelo autor, como “o masoquismo da sexualidade recalcada, o ódio ao próprio corpo e aos próprios sentimentos, a prática do sofrimento e da expiação, e finalmente ainda, a reafirmação de ideais que, longe de servirem a vida, não fazem senão reforçar os sentimentos de culpa”²⁵⁹.

Quando alguém, sob pressão moral, se vê obrigado a classificar realidades absolutamente naturais como se fossem vícios, não resta ao ego outra possibilidade, senão a de mais cedo ou mais tarde se sentir viciado e, a partir de um certo grau de neurose, de verdadeiramente o ser. É um círculo vicioso que assim se produz, na medida em que continua a girar a espiral da angústia, do sentimento de culpa, da impotência e da queda no pecado, acompanhada de todos os esforços possíveis de ascese, de controle, de reacções desesperadas de fuga, e do bom propósito do “nunca mais”. No total, um crescente sentimento de inferioridade, um ego cada vez mais atrofiado, e o crescente enfraquecimento daquelas forças que tão necessárias seriam para uma conduta moral autônoma. Na problemática da masturbação cria-se um círculo vicioso de excessivo esforço moral, frustração, sentimentos de inferioridade, e depois, por reacção, uma exigência moral cada vez mais exacerbada [...] uma espécie de neurose obsessiva, que conduz a um processo de desgaste, em que o ego é triturado entre duas pedras de moer [...] O sentido da masturbação não consiste numa descarga por assim dizer biológica de energias sexuais, mas é uma desesperada tentativa de alguém provar a si mesmo que é digno de amor, não obstante a solidão a que moralmente se foi forçado, feita de autodesconfiança, angústia, sentimentos de inferioridade e sentimentos de culpa.²⁶⁰

Drewermann defende que, em um mundo onde não é possível viver livremente e experimentar os próprios desejos, a masturbação torna-se um meio possível de descarregar as tensões. Com todas as cobranças e normas impostas pela ICAR, o autor afirma que “se forma deste modo uma ditadura do superego, não sendo possível um verdadeiro desenvolvimento do ego [...] cujo fim principal é antes de mais a adaptação da pessoa, não às necessidades reais dos outros, mas às do seu próprio superego”²⁶¹. A partir daí, um círculo vicioso instala-se. O superego exerce uma força violenta sobre a

²⁵⁸ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 316.

²⁵⁹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 316.

²⁶⁰ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 316, 317.

²⁶¹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 319.

psique do clérigo, causando o narcisismo, ou seja, um olhar para si mesmo, que teria o único objetivo de autodefesa perante a angústia causada pelas normas da instituição.

Em sua obra *Psicoanálisis y Teología Moral II: Caminos y Rodeos del Amor*, Drewermann analisa a masturbação, sob o ponto de vista psicanalítico, e defende que a teologia moral católica coloca como pecado grave a sua prática. Dessa forma, a masturbação causa fortes sentimentos de culpa e a ideia de quem a pratica é de que está envolvido em grave ato pecaminoso, ocasionando, por isso, conflitos diversos.

O jovem passa a desenvolver sentimentos de menos valia e, com isso, sentimentos masoquistas de culpa, sentindo-se vazio e confuso. A energia libidinal que poderia ser utilizada em outros aspectos é desperdiçada, voltando-se para si mesmo e fazendo com que apareçam sentimentos de culpa e vergonha, inaugurando, assim, um ciclo vicioso sem fim²⁶².

Atrás desta maneira de ver encontra-se sem dúvida a permanente angústia perante o caos interior; e os “conselhos evangélicos”, assim compreendidos, representam um meio extremo de disciplina em face à ameaça do estado de abandono espiritual; ou então, exprimindo em linguagem psicanalítica, temos aqui uma mentalidade em que o ego, fugindo das aspirações recalçadas e deformadas do id, se refugia no superego, para escapar ao perigo de rupturas pulsionais de carácter associal. Racionaliza-se assim o próprio recalçamento, estabiliza-se a instância que recalca, ou seja, o superego, e predispõe-se o ego à fuga (baseada na angústia) para uma vida institucionalmente organizada segundo os “conselhos evangélicos”.²⁶³

Outro ponto analisado por Drewermann, dentro do voto da castidade, é a questão da homossexualidade existente no clero católico. Ele enfatiza que, do mesmo modo como a estrutura institucional reforça a necessidade da masturbação como prática comum do clérigo, também favorece a homossexualidade entre seus vocacionados.

A crítica do autor, de que a ICAR condena com toda a sua força a homossexualidade, faz referência também à relação que ele encontra entre a homossexualidade e o reforço que a própria ICAR dá a ela. Para Drewermann “no fundo há uma espécie de secreta cumplicidade entre a Igreja Católica e certas formas de homossexualidade”²⁶⁴.

A nostalgia da mãe perdida, o desejo de um mundo mais suave, mais sensível à bondade e mais feminino, a aspiração à harmonia e à paz para lá

²⁶² Cf. Eugen DREWERMANN, *Psicoanálisis y teología moral II*, p. 186-193.

²⁶³ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 276.

²⁶⁴ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 324.

das agressões e dos conflitos da realidade ditada pelos homens – todas estas idéias cristãs sobre o reino de Deus se fundem numa imagem repassada de feminilidade e de homossexualidade, onde ao mesmo tempo se exprimem as inibições agressivas, as angústias sexuais, e os sentimentos de culpa.²⁶⁵

Aquele ódio à virilidade, comentado há pouco, faz com que os homens que buscam o caminho do sacerdócio mostrem-se mais doces e acolhedores às mulheres. Drewermann chama de “fluido homossexual”²⁶⁶ a esse chamarisco dos clérigos, que tanto agrada as mulheres.

Somando a todas essas características, existe, na psique clerical, o papel da mãe e sua influência direta em todos os aspectos da vida do clérigo, de acordo com Drewermann. As suas exigências e, ao mesmo tempo, seus cuidados excessivos, deixam uma marca que não pode ser retirada da personalidade do clérigo.

Como já foram analisadas, as atitudes de sacrifício e de excesso de responsabilidade da personalidade clerical nada mais são do que a necessidade de reencontrar essa mãe e de inserir-se em uma família perfeita, onde esse ideal possa ser vivido. Procurando a mãe que tanto lhe faz falta, o clérigo refugia-se na ICAR, a “Santa Mãe”. Dessa forma, “a vocação do eclesiástico surge como uma grandiosa tentativa que visa estabilizar antiqüíssimas angústias típicas da puberdade, fixando assim o factor homossexual latente do desenvolvimento pulsional”²⁶⁷.

Nesse ponto, Drewermann afirma que a proibição das amizades privadas também tem o objetivo de mostrar aos membros da instituição vocacional que todos ali são irmãos, e não amigos. Frisando o papel de irmão, tem-se dificuldade de favorecer desejos sexuais homossexuais entre os vocacionados, acredita o autor.

Há razões para crer que nos grupos só de homens e só de mulheres que são as ordens religiosas, se perpetua afinal de contas esta psicologia de adolescentes no fim da puberdade: as pessoas recusam-se a perder a inocência da infância, não querendo abandonar o feliz estado em que não se conhecia ainda o pecado do sexo; encontram refúgio na observância de uma obediência infantil; e fazem voto de se entregar para sempre e sem restrição, com tudo o que possuem, à comunidade da “horda”.²⁶⁸

Drewermann contradiz a teoria da homossexualidade de Freud, afirmando que é a mãe quem tem o papel fundamental na castração do filho. Para Freud, o menino vê o pai como seu principal rival, já que se sente atraído sexualmente pela mãe. A castração,

²⁶⁵ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 324.

²⁶⁶ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 324.

²⁶⁷ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 327.

²⁶⁸ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 327.

então, seria a ameaça do pai frente ao desejo incestuoso do filho²⁶⁹. Já para Drewermann, a mãe castra o próprio filho, deixando-o assexuado, a fim de colocá-lo no lugar daquele pai tão frio e desprezível e, dessa forma, aliviar suas próprias angústias sexuais causadas pelo marido.

Outra questão referente à sexualidade no contexto da ICAR, que é analisada por Drewermann, é a pedofilia. Para ele, por causa das pressões para que ocorra a repressão das tendências homossexuais, “a angústia cristaliza estas primeiras experiências amorosas numa forma de nostalgia radiosa. Por conseguinte, na vida dos sacerdotes homossexuais, muito mais tarde, terão lugar relações amorosas com crianças ou jovens que correspondam à idade em que eles tiveram essas suas primeiras ‘experiências’ de amor que imediatamente foram obrigados a reprimir”²⁷⁰.

Para Drewermann, a busca pela eterna juventude faz com que ocorra a fixação homossexual na idade juvenil. O pedófilo recusa-se a envelhecer, a desenvolver-se e procura refúgio na juventude. Geralmente, para aqueles que cresceram em circunstâncias analisadas por Drewermann, tendo a insegurança ontológica como realidade existencial, a primeira amizade sincera ocorre na fase da adolescência. Então, dessa forma, o pedófilo, mesmo mais velho, busca sempre reviver estes momentos amistosos e agradáveis, sendo atraído por aqueles jovens que estão na faixa etária onde ocorreram essas amizades importantes, enfatiza o autor.

Conversar sobre sexualidade ainda é um grande tabu, mesmo no século XXI, e, ainda mais levando-se em consideração uma instituição como a ICAR, as barreiras são ainda mais rígidas, lembra Drewermann. A Psicanálise faz uma leitura da sexualidade colocando-a como função própria do ser humano, desde seus primeiros momentos de vida. Freud mostrou que a sexualidade ocupa um amplo lugar na vida humana, e por isso, deveria ser entendida como algo natural.

Infelizmente, vê-se que a ICAR ainda não se abre para a discussão de forma a ajudar aqueles que optam por viver a vocação religiosa, e, dessa forma, acaba por auxiliar que tantas pessoas sofram e encontrem refúgio no isolamento, na tristeza, nos vícios. Drewermann propõe uma abertura a essas questões, de forma que os clérigos possam viver sua sexualidade de forma mais natural e mais humana. Mais um tema para o próximo capítulo.

²⁶⁹ Cf. LAPLANCHE, PONTALIS, *Vocabulário da psicanálise*, p. 72-76.

²⁷⁰ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 330.

Conclusão

Neste capítulo, pretendeu-se trazer as características pessoais do clérigo, da forma como Drewermann as vê, a partir do momento que ele entende-se como um “eleito” e opta por entrar, como vocacionado à vida religiosa, na ICAR. Conforme apresentado, o autor utiliza sempre a figura da mãe como central na relação da criança, desde seus primeiros momentos de vida.

Essa relação, que foi fundamental e já analisada no primeiro capítulo, retorna com força total, nas vivências do jovem dentro do seminário ou do convento. Os superiores, de alguma forma, recriam todo aquele ambiente vivido na infância e, mesmo inconscientemente, reforçam a necessidade do extremo cuidado materno, que agora é trocado pela “mãe-Igreja”.

O sentimento de ser eleito para uma grande missão, que é o ser clérigo, é todo baseado e compensado pela insegurança ontológica. Dessa forma, o clérigo sente-se seguro através das diretivas que vêm do exterior e que são: ao ver-se vestido pela batina ou pelo hábito, no momento de oração, através da leitura do breviário, através da confissão dos seus pecados, ao não poder desenvolver amizades pessoais verdadeiras, ao largar pai, mãe e irmãos para se inserir na instituição, ao jurar fidelidade eterna à ICAR, ao refugiar-se no trabalho administrativo da paróquia.

Drewermann acredita que todas essas vivências são responsáveis por lançar ares de tranquilidade para a vida clerical, fazendo com que a forma de pensar e viver do clérigo seja automática, fria e já pronta. A identificação da sua vida pessoal com a função que exerce todos os dias irá acalmar, superficialmente, a insegurança ontológica, trazida desde a infância.

Já em relação à vivência dos votos pedida pela ICAR, nota-se que, a partir das fases do desenvolvimento libidinal propostas por Freud, Drewermann traça as características psicológicas do clérigo. Dessa forma, ele demonstra o porquê da necessidade do jovem em buscar os conselhos evangélicos da pobreza, da obediência e da castidade como ideais de vida.

Toda a estrutura psíquica clerical é esmiuçada e interpretada a partir daí e consegue-se entender a tese central da obra *Funcionários de Deus*, que pode ser simplificada na seguinte fórmula:

Frágil estruturação do ego → Identificação com seu cargo → Pouco seguro de si nas relações pessoais → “chamado divino” → Busca de realização na vida religiosa proposta pela ICAR → Facilidade e necessidade em viver os conselhos evangélicos.

Somente por ter passado pela total despersonalização, desde a infância, que o clérigo consegue refugiar-se nos esquemas impostos pela ICAR, através da vivência dos conselhos evangélicos, afirma o autor.

A pobreza, entendida através da relação com a fase oral do desenvolvimento humano, busca recuperar a simbiose com a mãe, agora representada pela ICAR. A obediência, e sua relação direta com a fase anal, vivenciada através de o nada querer e da exigência pessoal pelas ordens vindas dos superiores. E a castidade, em relação com a fase edípica, demonstra a inibição na área sexual que o clérigo precisa viver.

A partir desse esquema, Drewermann propõe uma releitura das formas atuais de vida propostas pela ICAR. Ele não nega a vivência dos conselhos evangélicos, mas sugere que essa vivência seja entendida a partir da subjetividade de cada clérigo, de uma forma natural. Essas propostas serão discutidas no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3 – EUGEN DREWERMANN E SUAS CONSIDERAÇÕES E PROPOSTAS DE TERAPIA ÀQUELE QUE OPTA PELA VIDA RELIGIOSA

Chega-se ao ponto do trabalho onde compreende-se que Drewermann acredita que todos os problemas citados anteriormente são frutos, também, da atual estrutura que a ICAR propõe para a vida religiosa. A psicodinâmica causada por todas as renúncias feitas pelos clérigos faz com que eles vivam de forma superficial, sem o direito ao autoconhecimento e incapazes de fazerem escolhas particulares.

Aliada a essa estrutura deficitária está a já formada e também desestruturada personalidade do clérigo, que foi tecida desde a mais tenra idade. Dessa forma, enquanto o estilo de vida clerical estiver vinculado aos ideais tradicionais propostos pela ICAR, os clérigos serão pessoas infelizes e não realizadas, defende Drewermann.

As principais preocupações e críticas do autor são em relação aos conselhos evangélicos da pobreza, obediência e castidade. Para ele, a vivência destes, na forma atual definida pela ICAR, não faz com que o clérigo tenha uma vida salutar, no que diz respeito ao seu desenvolvimento pessoal.

Em primeiro lugar, de acordo com Drewermann, deve-se redescobrir o valor e a grandeza da própria personalidade, para depois viver o que se pede nos conselhos evangélicos. “Ou os conselhos evangélicos se fundamentam na própria existência humana, ou eles são literalmente desprovidos de fundamento”²⁷¹.

As consequências dessa forma de vida normatizada pela ICAR trazem maneiras destrutivas de viver, que ficam claras nas seguintes palavras de Drewermann:

A deformação da abertura humana característica de Jesus, invertida agora num sistema sufocante de regras de vida neuróticas e neurasténizantes; a exteriorização da religiosidade feita por meio de uma regulamentação rígida que, organizando totalmente a vida, acaba por mecanizá-la; o alheamento da sensibilidade individual, conseguido por meio da colectivização do indivíduo, e forçando-o a formas repetitivas da expressão do sentimento religioso; a inversão de comportamentos humanos úteis e cheios de sentido, constringidos agora numa vida abstracta de comunidade e tida por

²⁷¹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 367.

sobrenaturalmente santa; a fixação moral da personalidade através de um sistema de promessas de fidelidade fundado sobre o juramento; a destruição, ou antes, a deformação dos impulsos naturais, a favor da exploração total de todas as forças psíquicas e físicas do indivíduo [...] a finalidade oposta entre meta e resultado, devido à clivagem entre consciente e inconsciente, vontade e motivação, comportamento e atitude interior; numa palavra: a completa falta de crédito no discurso sobre Deus, tal como esse discurso é formulado dentro do quadro de um sistema desumano, onde a direcção vem de fora, e a decisão tomada é uma decisão alheia.²⁷²

Segundo Drewermann, a ICAR utiliza o “medo da auto-realização”²⁷³, renegando as descobertas da Psicanálise e a força do inconsciente, para que o clérigo não tenha a possibilidade de trabalhar suas angústias e seus medos e, assim, sentir e acreditar que sua vida, fundamentada nos moldes atuais dos conselhos evangélicos, faz todo o sentido. Renegar a Psicanálise, para ao autor, é descredenciar o seu convite à realização pessoal.

Dessa forma, o autor pergunta como a ICAR continuaria mantendo-se, caso aceitasse as afirmações da Psicanálise, no que diz respeito à realização pessoal e, dessa maneira, deixasse de basear a existência dos conselhos evangélicos a partir da necessidade do sofrimento.

A redenção do mundo não consiste em sacrificar o ego individual, antes pelo contrário, consiste em investi-lo dos seus direitos e liberdades, e em equipá-lo com as virtudes da independência, da abertura e da firmeza [...] Longe de renegar a cruz de Cristo, a Psicanálise revela precisamente em que consiste a sua importância redentora. Tudo o que não seja interpretado e compreendido a partir do interior da alma humana, não liberta nem redime, mas destrói.²⁷⁴

Para Drewermann, os conselhos evangélicos, entendidos na sua forma atual, não fazem mais do que aumentar a angústia inerente do clérigo, fazendo com que ele volte-se para o sacrifício e doação para os outros, como forma de diminuir o sentimento de culpa. Não permitem o autoconhecimento. Dessa forma, o autor salienta que as questões humanas mais sérias não podem ser tratadas através de um enfoque moral, mas é necessário dar liberdade ao indivíduo para que ele elabore suas próprias demandas.

A Psicanálise presta-se especialmente a demonstrar que a angústia é aquilo de que os homens primeira e essencialmente terão que ser redimidos, por meio de uma confiança tornada possível através da pessoa de Jesus; só

²⁷² Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 358, 359.

²⁷³ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 362.

²⁷⁴ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 368.

assim se libertarão da ausência de graça e do estado de alheamento que existe nesse campo “para lá do Éden”, reencontrando-se a si próprios e a Deus [...] os homens necessitam de ser redimidos, mas sim da angústia – essa angústia que, enquanto durar, continuará sempre a provocar funestos sintomas a todos os níveis da existência pessoal e da história humana.²⁷⁵

Drewermann sempre lembra a figura de Jesus Cristo. O autor defende que Jesus apresentou comportamentos demasiadamente humanos durante sua vida na Terra, o que fez com que Ele tivesse uma vida plenamente salutar. Essa humanidade é que deveria ser o exemplo e modelo a ser seguido pelos clérigos da ICAR, já que o seguimento de Jesus é o que norteia a vocação religiosa. Por isso, a principal pergunta feita pelo autor neste ponto da pesquisa é: “em que medida se poderá hoje seguir a vida de sacerdote ou de religiosa, sem se cair em toda uma rede de angústias, resignações, sentimentos de culpa e renúncias de carácter neurótico?”²⁷⁶.

Segundo Drewermann, a ICAR não se preocupa em compreender o homem, como fez Jesus Cristo. A sua função é somente administrar o “saber divino”, impondo leis morais que nada mais fazem do que impedir os homens de conhecerem suas verdadeiras aspirações pessoais. Para o autor, somente aquelas pessoas que se conhecem profundamente são capazes de conhecerem a mensagem de Jesus²⁷⁷.

Para Drewermann, é urgente que se pense na possível humanização dos conselhos evangélicos para que não seja mais a funcionalização do clero o principal objetivo. Da forma atual, o clérigo é visto somente como um funcionário da ICAR, submetendo-se ao sacrifício como forma de apaziguamento da angústia.

Portanto, é urgente redirecionar a vida clerical para a busca de seus valores pessoais e para a descoberta do prazer da realização pessoal. O autor acredita que “não é possível realizar o que quer que seja de libertação e ‘redenção’ humana, enquanto se for puro funcionário, interiormente não redimido”²⁷⁸.

Por esse motivo, Drewermann propôs algumas soluções para a ICAR, denominado-as de “propostas de terapia”²⁷⁹, onde ele procura focar na possível vivência dos três conselhos evangélicos, porém de uma forma mais humana, que leve em conta a dinâmica psicológica de cada clérigo.

²⁷⁵ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 366.

²⁷⁶ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 361.

²⁷⁷ Cf. Eugen DREWERMANN, *Dios inmediato*, p. 22-42.

²⁷⁸ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 366.

²⁷⁹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 355.

O presente capítulo tem o objetivo de compreender e analisar essas propostas, unindo a Drewermann outros autores preocupados com esse tema e que também propuseram ideias à ICAR, enfatizando uma vida mais próspera e feliz para os clérigos.

3.1- A pobreza libertadora

Para Drewermann, a maior das pobreza experimentada pelo ser humano é “não se ter direito aos próprios desejos, ser-se obrigado a adaptar os próprios sentimentos de acordo com as conveniências da clientela, nunca se ter sido guiado a poder sentir a liberdade pessoal, e entrar por fim numa congregação religiosa como se entra numa empresa que apenas prolonga as formas do alheamento existentes já na casa paterna, de uma maneira mais sistemática ainda e mais organizada”²⁸⁰.

Drewermann centra a pobreza, assim como os outros dois conselhos evangélicos, na experiência da angústia que, para ele, é o problema central de toda a existência humana, em todas as fases e idades na vida do homem. Somente uma verdadeira confiança em Deus fará com que o dinheiro e os bens materiais não se tornem uma “tábua de salvação” para a angústia.

A riqueza não deverá interpor-se entre Deus e o homem, não deverá transformar-se naquilo que só Deus pode ser: a última segurança contra a angústia. Não é possível fechar os olhos a este pano de fundo que é a angústia existencial, se quisermos compreender que “pobreza”, no sentido de Jesus, terá que ser necessariamente uma expressão de redenção para cada um de nós. A experiência decisiva é esta: eu posso ser pobre; e não: eu sou obrigado a dar tudo aos outros.²⁸¹

O teólogo católico e psicoterapeuta Carlos Domínguez Morano, em seu livro *Crer depois de Freud*, explica a relação com o dinheiro e com as posses, de um modo geral, como sendo construída a partir da relação afetiva do ser humano. Esta também é considerada já nas primeiras relações da criança com os outros, sendo localizada pelo autor, como “no âmbito pré-genital”²⁸². E se a relação com o dinheiro é vista como problemática, significa que a afetividade dessa pessoa não foi desenvolvida de forma saudável.

²⁸⁰ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 369.

²⁸¹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 371.

²⁸² Carlos Domínguez MORANO, *Crer depois de Freud*, p. 240.

O amor ao dinheiro, portanto, quando se impõe para além de suas funções de adaptação à realidade, expressa uma dimensão infantil da afetividade [...] Do ponto de vista psicanalítico, isso significa uma posição em que predomina o narcisismo e na qual não foi alcançado um pleno desenvolvimento da afetividade, isto é, a plena capacidade de amar (ou odiar), a superação da ambivalência, o auto respeito e a consideração pelos outros, a capacidade de sublimação no manejo das emoções etc. No amor perverso ao dinheiro não se trata mais de “ter algo”, mas de “ter a si mesmo”, numa dinâmica de orientação marcadamente centrípeta. Trata-se de encerrar-se em si mesmo numa totalidade que quer negar sua referência ao exterior. Com isso o sujeito pretende encobrir uma carência interna e conquistar segurança.²⁸³

Em relação ao como ser pobre de uma forma salutar, Morano ressalta que “não é feliz quem se agarra ao dinheiro pensando que assim agrada e robustece seu próprio eu, mas sim aquele que escolhe ser pobre, porque dessa maneira experimenta e expressa que sua segurança está em Deus e que sua felicidade não consiste em ter, mas em se dar. É uma aposta que se propõe a todo seguidor de Jesus”²⁸⁴.

Através desses apontamentos, pode-se traçar um paralelo entre Morano e Drewermann, no sentido de perceber que os dois tratam a posse de bens materiais em relação com a maturidade afetiva do indivíduo e de como este pode ter a necessidade do “possuir” para se autoafirmar, para sentir-se valorizado perante os outros. Somente a confiança em Deus é a solução, para ambos os autores, na busca de um equilíbrio entre o possuir e o ser.

Diante dessa problemática, Drewermann coloca a questão da percepção da finitude do homem. A morte é sempre uma companheira, que está observando todas as pessoas de perto. A qualquer momento, a vida pode acabar. E enquanto se estiver vivo, é preciso ser querido e amado por todos, ressalta o autor. Por isso, a carência também se torna um grande peso, pois é necessário ter valor aos olhos dos outros para sentir-se bem. E uma das formas encontradas para ser amado é ser rico, acredita Drewermann. Então,

“rico” [...] não é aquele que muito possui, mas aquele que tem que possuir, para com isso poder acalmar a angústia de não ser suficientemente bom, capaz, considerado, útil, perfeito e forte, de modo a poder existir com segurança e tranqüilidade. Só quando dinheiro e bens materiais houverem de responder a questões às quais, por princípio, não podem responder, é que o possuidor se torna prisioneiro, o dinheiro se torna feitiço, e os bens materiais se tornam empobrecimento do ser.²⁸⁵

²⁸³ Carlos Domínguez MORANO, *Crer depois de Freud*, p. 240.

²⁸⁴ Carlos Domínguez MORANO, *Crer depois de Freud*, p. 247.

²⁸⁵ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 371.

Fundamentar a pobreza, no sentido em que a ICAR entende, somente no sentido material, já não é possível, de acordo com Drewermann. A própria ICAR possui muitos bens materiais, os clérigos têm seus salários, sua casa, seu carro. Isso é visível para todos e não seria esse tipo de pobreza, o de abrir mão dessas necessidades fundamentais, que deveria direcionar a vida clerical.

Para Drewermann, não é necessário possuir um fundamento religioso para viver a verdadeira pobreza. “É que, tratando-se da pobreza existencial, tratando-se do vazio que a angústia deixa ficar quando nos encontramos conosco, aí só a religião pode dar uma resposta, e aí se funda, na sua essência, a exigência da pobreza na mensagem bíblica”²⁸⁶. Porém, não será com exigências e leis que haverá a justificativa para a vivência da pobreza. O essencial, para o autor, é mostrar que a pobreza recomendada no Evangelho não é tão simples de viver.

Para aqueles que vivem uma pobreza existencial, mesmo vivendo no meio da riqueza material, o necessário é fazer com que essa pessoa sinta a necessidade de desejar e de buscar aquilo que quer possuir. O essencial é fortalecer a pessoa para que ela seja capaz de lutar contra os sentimentos de inferioridade, pois, segundo Drewermann, o “ter que possuir” afasta a pessoa dela mesma, impedindo-a de conhecer-se interiormente. “É por vezes imprescindível começar por libertar uma pessoa da riqueza narcísica da sua própria pobreza, encorajando-a aceitar uma relação ‘normal’ perante bens e haveres, antes de se capacitar a tornar-se ‘pobre’ no sentido do Evangelho”²⁸⁷.

Sob o ponto de vista psicanalítico, não há qualquer forma fidedigna de pobreza evangélica que não tenha encontrado o seu caminho através do respectivo fortalecimento do próprio ego; a dificuldade consiste em fortalecer a pessoa contra dúvidas e sentimentos de inferioridade, de modo a ousar assumir-se a si mesma tal como é, em vez de, através da posse do que quer que seja, cada vez mais se afastar de si própria. Mas para lá chegar há que ter reconsiderado primeiro as limitações impostas ao ego pelo superego, as quais desde a infância bloquearam uma sã relação com o conceito de posse. Assim, antes de se começar a tratar adequadamente o tema da pobreza, é necessário muitas vezes praticar primeiro certas formas de uma verdadeira posse [...] Ensinar uma pessoa a ser capaz de possuir, para depois chegar a ser capaz de viver sem possuir – eis o caminho frequente de uma psicoterapia feita com eclesiásticos. Só que a “ausência de posse” nunca será a meta ou o prêmio através do qual, como através de um atalho que encurta o caminho, fosse por assim dizer viável passar da neurose à santidade – será quando muito o resultado de uma bem sucedida terapia a um ego que a si próprio se encontrou, e mais nada; será a ‘obra’ de

²⁸⁶ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 372.

²⁸⁷ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 372.

uma autêntica confiança em Deus, a qual aquieta e sossega aquele que, com todas as suas limitações e falhas, receia não ter o direito de existir sobre a terra.²⁸⁸

Como foi feito, desde o começo, Drewermann retoma a história pessoal do clérigo para demonstrar que essa “pobreza” já estava evidente em sua rotina desde a infância. A pobreza afetiva, onde aquela criança precisava sempre sobressair-se em alguma questão para receber o mínimo de atenção dos pais, sempre foi vivida das formas mais dolorosas possíveis. Por isso, é necessário um longo caminho terapêutico para que o clérigo consiga dar conta de que não é necessário possuir para ser amado. O importante é ser, salienta o autor.

A autêntica confiança em Deus é a única forma de fazer com que a pessoa sinta-se merecedora de uma vida feliz e tranquila, mesmo com todas as suas limitações e erros. Dessa forma, a pobreza não será vista como um obstáculo a temer, “mas sim como libertação redentora, como chegada ao ponto vital, como reaquisição de tudo o que literalmente havia sido roubado ao ego – juventude, vitalidade, independência e auto-confiança – e que só penosamente fora substituído em tentativas compensatórias por meio da posse de bens exteriores”²⁸⁹.

Para Drewermann, o papel e a postura do psicanalista responsável pelo tratamento de clérigos são de fundamental importância. Ele deve, primeiramente, saber lidar com a posse de bens materiais e não julgar moralmente aqueles que possuem ou não possuem bens. “O essencial é que o terapeuta ponha de parte os juízos de valor da sua mundividência própria, procurando ver através dos olhos da sua paciente [...] Terá que tornar-se literalmente pobre, se quiser ser capaz de libertar e curar”²⁹⁰.

A expressão “pobre”, aqui, refere-se ao fato de que, para Drewermann, o terapeuta deve ser capaz de libertar-se de seus próprios valores e referências para abrir-se ao mundo do paciente. Não deve receitar fórmulas prontas nem ver-se como autoridade ou superior, mas colocar-se ao lado de seu paciente e aprender com ele, levando-o a redescobrir os verdadeiros valores da vida.

Por isso, o autor acredita que a pobreza, também, deve ser vivida pelo terapeuta, pois ela “conferir-lhe-á a serenidade de não ter que ser mais do que realmente é, de não ter que saber mais do que realmente sabe, de não ter que fazer mais do que

²⁸⁸ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 372, 373.

²⁸⁹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 373.

²⁹⁰ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 373, 374.

realmente pode. O terapeuta será capaz de viver com os seus próprios limites, confiando que a vida do paciente seja algo de valor autêntico; e esta confiança possibilitar-lhe-á viver com as suas próprias fraquezas e carências, sem nelas se perder”²⁹¹.

Drewermann pretende mostrar que, enquanto a pobreza pedida aos clérigos for vivida no sentido material, muitos problemas continuarão a ser vistos e conhecidos no clero. Se continuarem a viver sob a proteção do superego, os clérigos nunca poderão ser verdadeiramente pobres, no sentido existencial da palavra.

Só agora se torna bem claro que estruturalmente, com todo o seu discurso sobre a pobreza, os eclesiásticos não podem senão recusar-se a ser pobres; e que essa incapacidade se relaciona com a sua dependência do superego, da qual, em nome da própria pobreza, se deveriam libertar. Os eclesiásticos dispõem de muitas coisas que os impedem de se aceitarem a eles próprios na sua pobreza; e até mesmo a inevitável estreiteza do seu ego é ainda uma protecção contra a verdadeira pobreza do seu ser. Em vez de viverem eles mesmos, possuem a sua função [...] enquanto se entender por “pobreza” o sacrifício e a entrega do próprio ego, tanto mais brutalmente, no verso de um amarfanhamento masoquista, surgirá a reivindicação à posse e ao prestígio. “Pobreza” significa viver realmente a fraqueza do próprio ego sem subterfúgios nem escusas, confiando em Deus; mais não possuímos a não ser aquilo que somos, porque Deus no-lo concedeu quando nos criou, e não há que possuir mais do que isso. Tudo o que pretende ir mais além desnatura o nosso ser e impede o nosso acesso ao humano. A verdadeira forma da pobreza não começa com a meritória obra de dar, mas com a confiança de podermos ser nós sem restrições.²⁹²

3.2- A obediência sublime

A obediência é vivenciada pelo clérigo desde o momento da ordenação sacerdotal, onde o novo sacerdote promete a seu bispo, e conseqüentemente ao papa, radical obediência. Como já foi explicado, há a necessidade do juramento, onde o clérigo promete total lealdade à ICAR a partir daquele momento. Drewermann defende que, nessa perspectiva, ser cristão significa ser obediente somente ao papa é às suas diretrizes²⁹³.

Como já foi esmiuçado, Drewermann estabelece uma relação entre o voto de obediência e as vivências da fase anal por parte do futuro clérigo. E, por esse motivo, o terapeuta que cuida de clérigos deve “insistir antes de mais na necessidade de os libertar

²⁹¹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 374.

²⁹² Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 374, 375.

²⁹³ Cf. Eugen DREWERMANN, *Dios inmediato*, p. 52.

das inibições anais e do complexo de Édipo, que lhes tolhem o desenvolvimento da personalidade. Só depois é que poderá haver tempo e vagar para se considerar que o conselho evangélico da obediência ‘em si’ deverá ser compreendido de uma maneira totalmente diferente daquela que é e sempre foi”²⁹⁴.

Drewermann enfatiza, novamente, a pessoa de Jesus, que segundo ele teve “a coragem da desobediência pessoal, mesmo perante as autoridades eclesiásticas”²⁹⁵. O autor acredita que Jesus afrontou os teólogos e as autoridades de seu tempo, mostrando a incompatibilidade de relacionar o voto de obediência com a pessoa de Jesus. A busca da identidade pessoal estaria no centro da vida de Jesus e seu intuito era passar isso aos homens.

De opinião bem parecida, encontra-se novamente Morano, que também acredita na desobediência de Jesus em relação a muitas leis judaicas e tradições de seu tempo²⁹⁶. Para ele, “devemos entender, portanto, que a suprema obediência que Jesus devotou ao Pai o conduziu a ser e a aparecer como um desobediente religioso, e que essa mesma atitude deve ser a mais coerente para aqueles que o seguem [...] Jesus foi modelo no exercício da autoridade como serviço autêntico, procurando não mandar nos homens, mas propiciando sua liberdade”²⁹⁷.

Para Morano, a época atual está propiciando a consciência do “sentido da autonomia pessoal”²⁹⁸, onde as instituições, como a família e o estado, lutam pela busca de uma igualdade entre seus membros, rejeitando toda forma de autoritarismo e dominação. Infelizmente, para esse autor, a ICAR ainda não abriu os olhos para essa nova realidade, reforçando suas normas e leis cada vez mais rígidas, e não sinalizando uma abertura nesse sentido, em um futuro próximo. Morano, nesse ponto, deixa clara sua concordância com Drewermann.

Em contraposição aos modos patogênicos de praticar a obediência e a autoridade, se deveria insistir na necessidade do exercício de uma lealdade e de uma disponibilidade que não engendram súditos, mas pessoas responsáveis e autônomas. E também recuperar – nisso damos razão a Drewermann – uma “teologia da desobediência”, fundada na atitude de Cristo com relação às autoridades religiosas, em contraponto com sua obediência a Deus, alcançada no discernimento da consciência. Negar essa

²⁹⁴ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 376.

²⁹⁵ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 377.

²⁹⁶ Cf. Carlos Dominguez MORANO, *Crer depois de Freud*, p. 224-226.

²⁹⁷ Carlos Dominguez MORANO, *Crer depois de Freud*, p. 224, 225.

²⁹⁸ Carlos Dominguez MORANO, *Crer depois de Freud*, p. 226.

possibilidade acarretaria uma infidelidade à totalidade dos dados que o Novo Testamento nos oferece.²⁹⁹

Em relação à obediência pretendida pela ICAR, Drewermann pergunta: “Que Deus é esse, que não cessa de querer a felicidade dos outros, mas que condena como socialmente prejudicial que uma pessoa queira ser feliz ela mesma?”³⁰⁰. Por esse motivo, Drewermann propõe que se deixe de impor essa visão de obediência cega, pois a partir dela há a estabilização do superego, do pensamento rígido e não o aprofundamento e conhecimento da própria pessoa. Para o autor, a imagem que a ICAR passa é que Deus não quer e não aceita o desenvolvimento pessoal.

Para Drewermann, somente levando-se em conta o inconsciente, ou seja, a partir do autoconhecimento, é que a pessoa poderá interagir livremente consigo mesmo e descobrir Deus no seu próprio interior. Servir à própria humanidade e à própria verdade pessoal, parece ser esta a ideia central de todo o pensamento de Drewermann³⁰¹.

Para ele, o autoconhecimento não é, de forma alguma, rival de Deus. Pelo contrário, “ninguém se torna mais descrente por se conhecer a si mesmo [...] se torna mais livre, mais aberto, mais receptivo, mais apto a ouvir, mais sensível – em resumo, mais ‘piedoso’, se não dermos a esta palavra o sentismo do velho bigotismo”³⁰².

Para Drewermann, “escutar a Deus” significa escutar a si mesmo, o que diz o seu coração e o seu próprio interior, conseqüentemente sendo obediente aos seus desejos e àquilo que Deus quer falar. Só assim é possível escutar o que Deus quer de cada um. E essa escuta só é possível a partir de uma verdadeira integração do inconsciente, a partir do autoconhecimento, enfatiza o autor.

Só quem deste modo tiver aprendido a escutar-se a si mesmo é que será capaz de escutar alguém, de modo que seja Deus a falar-lhe [...] é preciso ter experimentado na própria alma o que se espera poder compreender da alma dos outros; e há razões para pensar que a nossa cultura ainda está bastante longe dessa sensibilidade apta a escutar o que os outros sentem [...] “Obediência” quer dizer, em reivindicação psicanalítica, seguir as palavras ouvidas, e fazê-lo de forma mais corajosa, amigável, séria, serena, rigorosa e paciente, mais ainda do que se atreve a fazê-lo quem as pronuncia; “obediência” quer dizer dar conta das configurações, experiências e cenas compridas que essas palavras encerram, para depois tornar a pessoa

²⁹⁹ Carlos Dominguez MORANO, *Crer depois de Freud*, p. 228.

³⁰⁰ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 377.

³⁰¹ Cf. Eugen DREWERMANN, *Dios inmediato*, p. 54, 55.

³⁰² Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 380.

consciente das rupturas e contradições entre o pensar e o sentir, fazendo-lhe ver as suas próprias sensações em imagens feitas à semelhança dos seus próprios sonhos, ou a eles se antecipando.³⁰³

A Psicanálise, para o autor, foi responsável por trazer a importância do escutar, fazendo assim com que as relações interpessoais tornassem-se relações humanas mais profundas. Ela postula que, por trás daquilo que é falado, há também muitos conteúdos inconscientes, que na maioria das vezes não vão ser conhecidos.

Segundo Drewermann, Freud teve o mérito de criar um espaço onde as pessoas conseguem conhecer a si mesmas, podendo trabalhar suas limitações. Para isso, o analista precisa escutar atentamente, deixando seus pacientes livres para falarem sobre eles, sem censura, medo ou vergonha. Talvez, dentro de uma relação analista – paciente, seja a primeira vez em que o indivíduo consiga falar e pensar sobre ele mesmo, sem a intervenção de normas e regras sociais ou institucionais.

Para o autor, a escuta do psicanalista torna-se importante na medida em que traz à tona, para o analisando, conhecimentos de seu eu que ficariam ocultos se não fosse a intervenção dos métodos da Psicanálise. Ele faz um paralelo desse objetivo com a importância do autoconhecimento em termos religiosos, já que esse conteúdo que vai sendo descoberto equivale àquilo que Deus quer falar com a pessoa, e que só é possível através dessa viagem ao mais profundo do ser.

De acordo com Drewermann, Deus não é algo que está fora da realidade da pessoa, mas sim aquele que está dentro, fazendo parte do mais íntimo do ser humano. Por isso, essa necessidade de se autoconhecer para conhecer a Deus. A importância desse escutar reflete uma disponibilidade total que não tem o objetivo de rotular nem direcionar o comportamento da pessoa, mas que permite que ela seja somente ela mesma e aceite-se e realize-se como tal.

Por esse motivo, lembra Drewermann, é imprescindível que a postura do analista responsável pelo atendimento dos clérigos seja observada. Lembrando que não somente esse analista especificamente, mas também todos aqueles que buscam a formação psicanalítica. Essa postura exige total abertura à escuta, livre de preconceitos e de censuras. Um escutar direcionado somente à aceitação de todos os conteúdos revelados pelo analisando, para que seja feito, posteriormente, um trabalho de integração dos materiais inconscientes.

³⁰³ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 382, 383.

Para dizer e explicar sobre a necessidade dessa forma de escutar, Drewermann utiliza uma linguagem bastante romantizada, poética até, ao demonstrar a necessidade dessa abertura por parte do analista. Esse tipo de linguagem fica exposto em vários trechos da sua obra, como no que se segue:

Um escutar que não tem em vista “fazer” de alguém o que quer que seja, mas que é pura disponibilidade, nada mais pretende senão deixar que essa pessoa seja ela mesma e que como tal se realize. Esse escutar consiste em apercebermo-nos da palavra criadora que Deus pronunciou sobre a existência dela, ao chamá-lo à vida [...] Trata-se, neste “escutar”, de uma verdadeira “forma de arte” do encontro humano, próxima da poesia, da pintura, das artes plásticas e da música, que, longe de qualquer aproveitamento funcional, extrai da pessoa a palavra, a imagem, a forma e o tom com que ela em mais harmonia entoia o seu cântico da vida. Esse escutar fica, em princípio, para lá do mundo das finalidades políticas; é uma forma de libertar o homem.³⁰⁴

A importância de nomear todas as coisas, dando a elas um significado, também é uma das necessidades que Drewermann coloca para a questão da vivência da obediência de uma forma benéfica. Ele lembra a passagem bíblica que fala do momento da construção da Torre de Babel (Gn 11, 1-9).

Utilizando-se desse trecho bíblico, Drewermann explica que, quando as pessoas foram expulsas do Jardim do Éden, elas ficaram receosas de perderem-se e dispersarem-se. Foi quando houve a ideia da construção da torre, com a finalidade de uni-las e de chegarem ao céu. Porém, Deus vendo a ganância para serem famosas, fez questão de confundi-las, misturando as línguas faladas pelas comunidades diferentes. Para o autor, fica claro, nessa passagem, que a falta de comunicação foi um entrave e fez com que aquelas pessoas dispersassem-se, pois não conseguiam mais se entender.

Nesse exemplo, Drewermann salienta que “pessoas que nunca aprenderam a ser elas mesmas e a escutar-se a si mesmas, darão às palavras um sentido diferente do que elas têm, e entenderão as palavras dos outros em sentido diferente do que lhes foi dado”³⁰⁵. Por isso, a obediência não conseguirá ser vivida de forma salutar enquanto os clérigos não possuírem um conhecimento de si mesmo. Não conseguirão dar nome às emoções sentidas, aos desejos de seu coração, acreditando somente nas regras já prontas e vindas das autoridades.

³⁰⁴ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 383, 384.

³⁰⁵ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 384.

Vistas as coisas sob o ponto de vista religioso, o que é preciso na construção de uma vida é saber se alguém se aceita a si mesmo, a sua pequenez e os seus limites, ou se está sempre com necessidade de dominar arbitrariamente à sua volta, apenas para evitar não ser ninguém. A questão central de humildade (ou melhor, de uma honesta obediência ao próprio ser, de uma forma tranqüila da aceitação de si próprio) não é por conseguinte: como e a quem e com que poderei eu ser prestável [...] Só quem, confiando em Deus, tiver esclarecido esta questão, é que em breve descobrirá que, através da sua própria serenidade, é capaz de exercer sobre os outros uma influência beneficentemente pacificadora e apaziguadora. Pessoas destas não se interpõem entre Deus e os homens; não molestam, nem se põem em evidência, são elas pura e simplesmente, e assim fazem com que os outros ao seu lado sejam igualmente eles mesmos. Não têm nem querem o poder; por isso mesmo a sua influência pode ser tão salutar e tão forte. Já não têm necessidade de se fazer valer; tanto mais claro brilha, por isso mesmo, o seu verdadeiro ser. Não se põem nas pontas dos pés; pelo que a sua grandeza humana eleva os outros.³⁰⁶

Drewermann acredita que a atual forma do catolicismo é formada por estruturas muito arcaicas, como as que Freud demonstrou em *Totem e Tabu*. Haveria um pai ou “animal alfa” poderoso que é morto pela rebelião feita pela horda de irmãos. Porém, no caso da ICAR, ressalta Drewermann, essa rebelião nunca poderia ser feita, tamanho o medo existente entre os “irmãos” ou os clérigos para destronar o “pai”.

Por esse motivo, toda a agressividade deverá ser desviada para o exterior, perfazendo, então, a atual forma de administração da ICAR. Por isso, Drewermann enfatiza que esta usa do poder e da hierarquia para firmar-se na história, colocando-se como infalível. Dessa forma, quem poderá rebelar-se contra ela? Por esse motivo, Drewermann enfatiza:

A própria Igreja Católica, como se sabe, é infalível e santa, é revelação máxima de Deus no seu Filho Jesus Cristo, que na sua Igreja continua misteriosamente a viver, como sinal de salvação dos povos, até aos fins dos tempos [...] E assim tem mesmo que exigir obediência, para poder manter, vigorosa e unida, esta luta decisiva da História, com as armas do espírito contra a descrença e a imoralidade, contra a injustiça e a desumanidade.³⁰⁷

“Obediência absoluta no sentido evangélico só a Deus é devida [...] Tornar-se alguém obediente é abandonar os seus próprios planos, e ser verdadeiro e transparente no recolhimento silencioso da presença de Deus”³⁰⁸. Para o autor, é a angústia que fundamenta o poder e sua raiz encontra-se nos sentimentos de inferioridade e

³⁰⁶ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 386.

³⁰⁷ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 387.

³⁰⁸ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 387, 388.

impotência. E para isentar-se deles, só a confiança em si mesmo e, conseqüentemente, em Deus. Dessa forma, a obediência será devida à própria voz que emana do coração daquele que sabe escutar-se.

Esse tipo de compreensão da obediência faria bem à própria ICAR, como um todo. Os clérigos, sentindo-se confiantes e felizes, transmitiriam essa harmonia para os fiéis, que acreditariam, realmente, numa Igreja santa e cristã, seguidora dos mandamentos de Jesus Cristo, acredita Drewermann.

3.3- O amor que faz sonhar

Drewermann afirma que o conselho evangélico da castidade é o mais polêmico, pois hoje os jovens já não acreditam e não buscam uma vida casta e virginal. É até motivo de piada um jovem que se mantém virgem passados alguns anos de sua adolescência. Manter a castidade, para Drewermann, hoje não é mais valorizado pelos jovens como sinal de santidade, mas sim como marca de imaturidade.

O autor preocupa-se com os jovens que mantêm o estado de celibatário não como uma opção pessoal de vida, mas sim como uma fuga da realidade, como uma maneira de diminuir as frustrações decorrentes de uma vivência da sexualidade insatisfatória, desde a infância. Preocupa-se com aqueles que utilizam desse estado para sentirem-se em posição superior às pessoas casadas, acreditando que o celibato os faça melhores ao olhar dos que não optaram por essa condição.

Projetar no divino as frustrações e falta de realizações de uma vida insatisfeita para justificar uma missão especial na terra demonstra que a pessoa possui algo com que não conseguiu lidar bem no plano afetivo, salienta Drewermann. Diferente daquela outra que assume que não quer casar-se por vontade própria, por ter vivido intimidado e, por isso, não teve oportunidades de desenvolver-se afetivamente.

“Psicologicamente falando, já não é possível continuar a defender a existência de uma classe sagrada de celibatários por obrigatoriedade [...] digna de crédito só pode ser a pessoa. Certa e determinada forma de vida não adquire o valor por si própria, mas apenas pelo modo como ela é pessoalmente vivida”³⁰⁹. Nesse ponto, Drewermann sinaliza a possibilidade do celibato opcional, onde o próprio clérigo, através do seu autoconhecimento, reconhece se tem ou não o dom do celibato.

³⁰⁹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 393.

Ser-se obrigado a ficar celibatário, e na medida em que essa obrigatoriedade resulta da psicodinâmica pessoal, não é nenhum sinal de mais forte amor, mas sim de mais fortes restrições e inibições de amor, mais fortes em todo o caso do que as restrições e inibições do meio cultural. Não possui o celibato manifesta vantagem sobre o casamento, nem psíquica nem moral; quando muito, baseia-se psiquicamente em complicações e riscos cuja socialização exige um alto contrapeso de compensações.³¹⁰

Para Drewermann, o próprio clérigo deveria ter a resposta à questão se necessita de uma companheira para ser feliz ou se está disposto a ser solteiro, sem que isso prejudique sua integridade psicológica. A partir daí, ele teria total autonomia na escolha da sua vida pessoal. “A questão a pôr já não é se alguém vive casado ou celibatário, mas por que razão vive ou deverá viver desta ou daquela maneira”³¹¹.

Muitos autores vêm tratando do assunto do celibato opcional. Um dos que mais se aproxima de Drewermann, no que diz respeito à abertura para o celibato opcional, é o padre americano Donald Cozzens. Em seu mais recente livro, *Liberar o Celibato*³¹², ele traça uma linha histórica a respeito do celibato obrigatório, demonstrando que este só serviu de alimento de poder para a hierarquia da ICAR e que a manutenção dessa obrigatoriedade não se coaduna com a mensagem evangélica de Jesus.

Para ele, “o celibato carismático permanecerá como um grande dom para a Igreja. O celibato imposto por obrigação aguarda ser abolido”³¹³. Cozzens acredita que o celibato é um carisma, um dom e como tal é “livremente concedido por Deus a uma pessoa ou comunidade para o bem e o serviço em favor dos outros na missão de realizar o Reino de Deus”³¹⁴. O padre acredita que esse dom só é possível para poucas pessoas, homens e mulheres, mas que deve ser vivido com maturidade psíquica.

E, equivalente à Drewermann, Cozzens ressalta o que seria um verdadeiro testemunho de vida de pregação e ministério:

O ideal é que o clero cumpra a missão de atendimento pastoral da Igreja vivendo as bem-aventuranças, cuidando dos mais humildes entre eles, pregando a palavra libertadora de Deus, abraçando a humildade dos seus antepassados na comunhão dos santos e procurando viver como os mais

³¹⁰ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 393.

³¹¹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 393.

³¹² O padre Donald Cozzens é teólogo, psicólogo, escritor, conferencista, ex reitor e professor de seminário e completou cinquenta anos de sacerdócio na época do lançamento desse livro. A partir de sua própria experiência, que é a opção pela vida no celibato, enfatiza a crença de que existem muitos os que são chamados para a vida sacerdotal, mas nem todos para o celibato. A partir dessa ideia, é um ferrenho defensor do celibato opcional, amparado pelas experiências do clero casado das Igrejas Orientais.

³¹³ Donald COZZENS, *Liberar o celibato*, p. 106.

³¹⁴ Donald COZZENS, *Liberar o celibato*, p. 31.

humildes dos discípulos de Cristo. Em uma palavra: que se esforcem por viver uma vida de *simplicidade evangélica*. Na medida em que os sacerdotes e bispos abraçarem a simplicidade de vida, a pobreza de espírito e a humildade de coração, o clericalismo acabará sendo abolido, a integridade do clero será reabilitada e sua credibilidade restaurada. Este seria, verdadeiramente, um testemunho radical, um anseio digno do idealismo seminarístico [...] estou convencido de que o convite radical do evangelho a um novo modo de vida é fonte de nossa salvação e de nossa libertação.³¹⁵

Um grande expoente do clero católico brasileiro, Dom Clemente Isnard, já com mais de noventa anos de idade atualmente, também refletiu³¹⁶ sobre possíveis mudanças na atual estrutura da ICAR, e um desses temas foi o celibato obrigatório. Para ele, a ICAR nunca permitiu um grande debate sobre o assunto, somente impondo normas e regras rígidas em relação ao não casamento dos padres.

Dom Isnard lembra que muitos discípulos de Jesus poderiam ter sido casados, como no caso de São Pedro que, segundo os relatos bíblicos, tinha uma sogra. Mostra também a Igreja Católica Oriental, onde somente os bispos são obrigados a manter o celibato, não os padres. Estes podem constituir família³¹⁷. Dessa forma, o bispo sinaliza a defesa de um possível celibato opcional em citações como a seguir:

Fala-se tanto na falta de sacerdotes, nas paróquias sem padres, nos padres que se secularizam deixando o ministério. E não se pensa nos padres de valor e que se casaram e que poderiam ter continuado no ministério se a Igreja lhes tivesse concedido o matrimônio. Em Igrejas orientais os padres podem se casar. Por que não na Igreja Latina? Se o povo cristão é indulgente com o padre que vive mal seu celibato, por que não aceitaria o padre legitimamente casado na Igreja? [...] Por que não modificar o processo de dispensa do celibato sacerdotal dando permissão de continuar o ministério? [...] A Igreja faz atualmente um esforço tão grande para abrir e manter seminários com resultados por vezes decepcionantes. Por que tantos seminaristas deixam o seminário antes da ordenação? Não poucos por causa do celibato.³¹⁸

Retornando à Drewermann, mais uma vez ele, lembrando a figura de Jesus Cristo, afirma que, no Novo Testamento, não há uma palavra sequer a respeito da sua

³¹⁵ Donald COZZENS, *Liberar o celibato*, p. 112, 113.

³¹⁶ Dom Clemente publicou um pequeno livro com o título de *Reflexões de um bispo sobre as instituições eclesiais atuais* no ano de 2008. Apresentou-o à editora Vozes, que não teve o interesse de publicá-lo, por tratar de questões consideradas críticas da ICAR. A editora Olho D'água foi quem assumiu a publicação.

³¹⁷ Cf. Dom Clemente ISNARD, *Reflexões de um bispo sobre as instituições eclesiais atuais*, p. 23-27.

³¹⁸ Dom Clemente ISNARD, *Reflexões de um bispo sobre as instituições eclesiais atuais*, p. 26, 27.

vida particular. “A questão do casamento ou do celibato em relação à vida de Jesus é de tão somenos importância que parece não existir a mínima necessidade de esclarecimento sobre o estado social de Jesus [...] Quer dizer que tudo isto, aos olhos de Deus, não é o importante, o especial, o exemplar, mas sim o não significativo e o secundário”³¹⁹.

De acordo com o autor, Jesus viveu o amor independente do casamento ou da vida monástica. Não teve a necessidade de dividir o amor entre casado, solteiro e celibatário. A fórmula exposta por Drewermann da seguinte forma: “amor = sexualidade = posse = família”³²⁰ parece não ter tido nenhum sentido para Jesus. Para o autor, o objetivo principal da vinda de Jesus ao mundo foi o de mostrar aos homens a importância das relações entre as pessoas, relações estas focadas no amor e na verdadeira amizade, independente do sexo. Nessas relações, cada pessoa envolvida pode agir de forma natural e espontânea, sendo verdadeiramente elas mesmas, sem máscaras.

Com a mesma opinião, encontra-se Morano também defendendo que “um dado tão relevante como o celibato de Jesus nem sequer é constatado de forma explícita em nenhum escrito do Novo Testamento [...] Ao mesmo tempo, tampouco nos é oferecida uma informação precisa sobre o estado de vida dos seguidores de Jesus [...] uma questão à qual os autores do Novo Testamento não parecem conceder atenção especial”³²¹.

Se esse tipo de atenção não foi dispensado à vida de Jesus, porque o tema do celibato sacerdotal é tão importante na vida do clérigo? Parece ser essa a preocupação de Morano ao citar a vida pessoal de Cristo. “São muitas as questões em torno da sexualidade que preocupam muito a maioria dos cristãos e sobre as quais não ouvimos nem uma palavra vinda da boca de Jesus”³²².

Um relacionamento salutar e verdadeiramente humano seria o grande receio da ICAR, de acordo com Drewermann. Seu objetivo, diante dessa realidade, é dividir o amor entre os casados e os celibatários, colocando os primeiros em situação desfavorável, se comparados com os segundos. “Ninguém se aproxima de Deus afastando-se dos homens; ninguém eleva a sua existência a Deus, recusando-a aos seus semelhantes; e ninguém se dá, reservando-se para Deus. Por que motivo nos teria ele então oferecido o amor?”³²³.

³¹⁹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 394.

³²⁰ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 396.

³²¹ Carlos Dominguez MORANO, *Crer depois de Freud*, p. 178.

³²² Carlos Dominguez MORANO, *Crer depois de Freud*, p. 178.

³²³ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 395.

Cozzens também trabalha essa questão, refletindo sobre a necessidade da existência das amizades verdadeiras do clérigo, principalmente entre os sexos opostos. Para ele, verdadeiras amizades fazem com que o clérigo aproxime-se de Deus. Diz ele sobre esta questão:

O que está faltando para muitos sacerdotes, acredito eu, é a experiência da união, da intimidade de uma comunhão santa com alguns bons amigos. Por si só, sem uma profunda e autêntica amizade humana, a intimidade com Deus experimentada na oração, nos sacramentos e nas práticas devocionais deixa o espírito ligeiramente fora de equilíbrio. Com o passar do tempo, alguns vêm a compreender que seu amor por Deus é de fato aprofundado e fortalecido por amizades celibatárias e íntimas com outros – amizades que vão além de seu amor ministerial pelos paroquianos como paroquianos.³²⁴

Para Cozzens, o grande problema a ser superado pelo clérigo é a falta de intimidade e de transcendência. O teólogo utiliza esses termos querendo demonstrar com eles o significado de união. Intimidade significando união com o outro e transcendência união com Deus. “Esse desejo de intimidade e transcendência, acredito, é universal. Se não preenchido, não só o caminho para Deus é obstruído como também um grave prejuízo espiritual e psicológico resulta para o indivíduo frustrado”³²⁵.

Cozzens acredita que “experiências de intimidade e transcendência são momentos de verdadeiro êxtase espiritual. Na alegria da amizade íntima, o sacerdote experimenta uma união sagrada. Nesses momentos abençoados de união e comunhão, a riqueza e o estupendo sentido do sacerdócio são inquestionáveis”³²⁶.

Morano também apresenta a amizade como o lugar onde o clérigo encontraria grande satisfação para suas angústias frente à sexualidade.

Talvez a amizade seja o único tipo de relação humana que não está sob legislação. É legislado o amor dos esposos, a relação entre pais e filhos, dos irmãos e dos parentes. Na relação de amizade, a relação é mantida ou rompida por pura e simples obra de uma decisão livre que brota da própria pessoa, e que se justifica no contexto da própria amizade. É um amor que brota da liberdade, cresce pela livre atração e se mantém até o fim apenas pela força de uma fidelidade livremente aceita e outorgada a qualquer um que se sinta vinculado por essa forma exemplar de relação humana. É um amor gratuito; por isso, “ninguém tem maior amor que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15, 13). O cúmulo do amor coincide com o cúmulo da liberdade.³²⁷

³²⁴ Donald COZZENS, *A face mutante do sacerdócio*, p. 47.

³²⁵ Donald COZZENS, *A face mutante do sacerdócio*, p. 50.

³²⁶ Donald COZZENS, *A face mutante do sacerdócio*, p. 58.

³²⁷ Carlos Dominguez MORANO, *Crer depois de Freud*, p. 188, 189.

Diante do quadro desenhado pelos próprios teólogos citados, vê-se que Drewermann também percebe a atualidade do tema do celibato para a vida sacerdotal. Dessa forma, o que ele propõe aos clérigos é, assim como diante da crítica aos outros votos, o uso da Psicanálise, através de uma boa análise com um profissional adequado e que tenha uma postura específica para o atendimento aos clérigos da ICAR.

Ele cita a “Regra de Abstinência”, proposta por Freud, como parâmetro a ser utilizado pelo analista dos clérigos. Essa regra está relacionada “ao sentimento de discreta delicadeza entre o terapeuta e a cliente (ou entre a terapeuta e o cliente)”³²⁸.

Freud postulou que a relação terapêutica deveria ser um lugar onde o analisando não conseguisse fazer de seu analista um substitutivo para suas angústias e seus sintomas. Em outras palavras, o analista deve impedir qualquer tentativa do seu paciente de colocá-lo no lugar que este deseja. O analista não deve satisfazer as vontades pessoais do analisando. Deve ser uma relação onde há uma neutralidade evidente entre as duas partes³²⁹.

Essa neutralidade pode ser reconhecida no seguinte fator que Drewermann defende: “Há uma espécie de relação emocional que não ‘quer’ absolutamente nada da outra pessoa, mas que ao mesmo tempo tem o máximo interesse no seu amadurecimento e crescimento”³³⁰. Seria essa a função da regra de abstinência, quando aplicada concretamente na relação terapêutica. Relação esta calcada na confiança e compreensão, acredita o autor.

Dessa forma, Drewermann vai ainda mais longe quando acredita que essa regra deve ser aplicada tanto na análise quanto nas relações entre os clérigos e seus amigos ou pessoas de seu relacionamento, não importando se estas sejam homens ou mulheres. Os clérigos deveriam construir relações humanas onde o foco fosse o desenvolvimento pessoal, tanto deles quanto das outras pessoas envolvidas. Relacionamentos onde eles pudessem se entregar sem máscaras, podendo mostrar verdadeiramente seus sentimentos, desejos e vontades, afirma o autor.

Essa seria verdadeiramente uma relação casta, de acordo com Drewermann. “Uma atitude assim é no verdadeiro sentido da palavra ‘pobre’ bastante e ‘obediente’ bastante para não humilhar nem deformar, e é ‘casta’ bastante para não inquietar nem

³²⁸ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 398.

³²⁹ Cf. LAPLANCHE, PONTALIS, *Vocabulário da psicanálise*, p. 3, 4.

³³⁰ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 399.

magoar”³³¹. Uma relação onde o desinteresse pessoal reina, mas o interesse em ajudar, em ser útil, em prestar auxílio desinteressado é o verdadeiro objetivo. Estender a mão, guiar e levar ao autoconhecimento são funções de uma terapia psicanalítica, no entendimento do autor.

Para Drewermann, somente os terapeutas, e também os poetas e artistas, é que conseguem desenvolver relacionamentos assim. Por esse motivo, “o terapeuta psicanalista tem de comum com a atitude do poeta, do músico e do pintor, o facto de não lhe pertencer aquilo que do mais fundo de si mesmo foi capaz de criar”³³². O total desprendimento, o não querer ser possuidor daquilo que ajudou a criar é compreendido pelo autor como sendo a verdadeira castidade.

“Castidade” significa aqui qualquer coisa como: pressentir a verdadeira essência da alma de alguém e, como o esmero de um restaurador de quadros, libertá-la de pinturas estranhas e do efeito do tempo, tornando-a visível; significa desenhar as linhas do carácter onde o seu ego com maior beleza se exprime; significa captar de tal maneira a imagem do seu sorriso e os traços da sua tristeza, que nessas imagens momentâneas transpareça clara a verdade da sua personalidade; significa de sob os escombros das esperanças destruídas, dos gestos contorcidos e dos pensamentos ocultos, atrair de novo à luz do dia a alma de alguém, para reintegrá-la depois e fazê-la florir nas zonas destruídas, queimadas, estioladas ou regeladas pela angústia; é o constante esforço por libertar o corpo das cadeias de uma falsa vergonha, restituindo-lhe a sua beleza e inocência originais. Nenhuma outra das relações humanas se aproxima tanto do mistério da criação – existencial versão poética da palavra divina que chamou essa criatura à vida, imitação do gesto das suas mãos gravado na matéria passageira, composição sobre o tema que Deus suavemente lhe gravou na alma. “Castidade” significa aqui ternura desinteressada, poesia criadora, dedicação artística, paciente busca do verdadeiro ser, grata alegria ao serviço de um reino ainda oculto [...] é magia e realismo, religiosidade e prosaísmo, liberdade e compromisso, sono e vigília, sentimento e acção; é a perfeita unidade entre corpo e alma.³³³

Dessa forma, Drewermann acredita que a castidade para os clérigos deveria possuir as características citadas acima. Ela só poderia ser vivenciada quando o clérigo fosse capaz de reconhecer-se maduro psicologicamente, não necessitando mais de respaldos, como a castidade obrigatória, para conviver com a sua angústia existencial. Dessa forma, ele conseguiria relacionar-se com os outros de forma confiante e honesta.

Drewermann não concorda com a divisão de pessoas em categorias, como entre solteiras e casadas. Para ele, pessoas devem ser vistas e entendidas como um todo. “E o

³³¹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 399.

³³² Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 400.

³³³ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 399, 400.

mais belo de todos será talvez o amor em que alguém possa ser tudo para o outro: médico e pastor de almas, poeta e sacerdote, amigo e amante, mãe e filho, irmã e irmão – um pedaço de céu reflectindo-se nos olhos iluminados da ansiedade da espera e da felicidade da realização”³³⁴.

O amor é a grande realização humana, de acordo com o autor. Para ele, somente relações baseadas nesse importante sentimento são responsáveis pelo descobrimento de Deus. Os amantes, termo usado pelo autor para frisar a existência do amor entre duas pessoas, através do relacionamento sustentado por esse sentimento, adquirem o autoconhecimento e, por conseguinte, o conhecimento do que é Deus. “Não só não existe antagonismo entre o amor por uma mulher ou por um homem, e o amor que se deve a Deus, mas é precisamente o amor entre o homem e a mulher que representa o lugar onde se experimenta e onde se avista o divino”³³⁵.

Para Drewermann “nunca uma pessoa capaz de se entregar inteiramente de corpo e alma será obstáculo para se chegar a Deus; pelo contrário, são precisamente estas pessoas que são capazes de nos transmitir alguma coisa sobre a natureza de Deus [...] A pessoa amada não nos veda o acesso a Deus, mas vai-nos buscar, pelo simples facto de existir, um pedaço de céu sobre a terra”³³⁶.

Os poetas são, para Drewermann, quem melhor se enquadram nessa posição em relação ao sentimento do amor. Somente aos poetas “é permitido comprometer-se sem compromisso, contratar sem contrato, desposar a felicidade sem casamento”³³⁷. Somente eles que não se utilizam das regras sociais para entregarem-se de corpo e alma aos seus projetos. Somente eles produzem e empenham-se nas suas obras sem a pretensão de agradar ou satisfazer o gosto de alguém. Por isso, somente os poetas têm o que Drewermann chama de “largueza de alma e liberalidade de ânimo”³³⁸.

O comportamento citado acima é o que mais se aproxima do próprio comportamento de Jesus Cristo, segundo o autor. Jesus foi aquele que conseguiu vislumbrar, na prática do dia-a-dia, a vivência do verdadeiro amor a Deus e aos homens. “A sua vida provinha de uma liberdade que com toda a naturalidade lhe permitia atravessar ‘portas fechadas’, e que pelos vistos não necessitava da alternativa

³³⁴ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 402.

³³⁵ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 397.

³³⁶ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 395.

³³⁷ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 396.

³³⁸ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 396.

‘casamento ou convento’ para, como homem, se sentir ‘seguro’ perante o mundo das mulheres”³³⁹.

Dessa forma, Drewermann acredita que somente é possível falar de castidade na ICAR através da linguagem da poesia, dos poetas e do autoconhecimento. Por isso, defende a necessidade do resgate do elemento poético e, conseqüentemente, do elemento terapêutico na ICAR, o que vai ser analisado no próximo tópico. Por hora, o autor termina defendendo a castidade da seguinte forma:

Não se trata de menos castidade, mas de um maior grau de maturidade e de um menor grau de necessidade de autoconfirmação e narcisismo ascético; trata-se da abertura perante pessoas que urge transportar algum tempo no caminho da vida, por elas simplesmente terem deixado de poder andar. Nestas zonas-limite do humanitarismo não há regras nem directivas; há a confiança que prescinde de fundamentos, exigindo-se apenas isto: o máximo de honestidade pessoal.³⁴⁰

3.4- A formação ideal para os futuros clérigos, segundo Drewermann

Para Drewermann, a formação que prepara o jovem para tornar-se clérigo deve ser repensada. Os seminários e conventos devem ter a preocupação de fazer com que o vocacionado, durante o tempo que passa nesses lugares, tome conhecimento de si mesmo, de seus desejos e aspirações. Dessa forma, ele poderá entender o verdadeiro sentido da sua vocação. O “chamado” será mais bem interpretado.

Para isso, duas atitudes devem ser fundamentais na busca do autoconhecimento e do verdadeiro significado da vocação religiosa, defende Drewermann. Elas são: a busca pela mística da natureza e a busca pelo caráter subjetivo da fé.

3.4.1- A busca pela mística da natureza

Diante de toda análise desenvolvida de como vivenciar, de forma saudável, os conselhos evangélicos, percebe-se que, para Drewermann, o poeta e o psicoterapeuta é que deveriam ser os modelos para todo clérigo. Esse tipo de argumentação pode parecer um tanto estranha para a ICAR, acredita o autor. Porém, ele defende que diante da descrença e desconfiança que atualmente a sociedade deposita nos clérigos, há a necessidade de uma alteração drástica na formação daqueles que serão ordenados pela

³³⁹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 396.

³⁴⁰ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 402.

ICAR. E uma das mudanças seria a busca pelo que a natureza tem a oferecer, no que diz respeito à mística.

Para Drewermann, todas as religiões passam atualmente por uma grande crise, considerando as descobertas das ciências, no que diz respeito à força da natureza na vida como um todo. Hoje já não se considera as catástrofes naturais como intervenção divina, sendo provada a atuação da própria natureza nesses episódios³⁴¹. Por isso, resta atualmente às religiões a tentativa de mostrar aos crentes a sua importância, no que diz respeito à contribuição na maturidade humana, no respeito às individualidades e na busca de uma confiança em Deus.

Já não existe hoje forma fidedigna de religião, se não for capaz de resistir aos critérios destes dois pontos da crítica: num mundo tornado relativamente familiar graças à ciência e à técnica, há que mostrar qual a contribuição prestada pela religião no sentido de, através de uma mística de concreta poesia, reintegrar a pessoa humana, considerada na sua diversidade e individualidade, na natureza que a cerca. E haveria que mostrar que a religião não reflecte um estado de consciência que se manteve infantil, alheado de si mesmo e tiranizado pelo superego, mas que, pelo contrário, representa uma função autêntica do ego.³⁴²

O propósito do autor, ao falar do resgate da mística da natureza, é demonstrar que o homem faz parte dela e não é um ser isolado desse quadro ou não possuidor de nenhuma relação direta com ela. Para Drewermann, o reconhecimento do homem como parte direta da natureza seria um grande passo que a ICAR daria, no sentido de valorizar a subjetividade humana como algo natural e inerente ao indivíduo. Dessa forma, o objetivo é “reintegrar o homem na natureza dentro do âmbito de uma interpretação integral do mundo, em vez de o opor a ela como seu soberano, ponto máximo e inultrapassável de tudo o que tem vida”³⁴³.

Hoje em dia somos testemunhas da profunda e dramática transformação que está sendo operada em nossa concepção de mundo. Tudo se baseia, particularmente, no desenvolvimento de uma epistemologia evolutiva e na nova configuração da física clássica – causal, redutiva, objetivista – que dá lugar a um sistema de modelos teóricos que abarcam a biologia, a química e a própria física. Assistimos ao nascimento de um modo de pensar que supera as oposições entre homem e natureza, entre idealismo e materialismo, entre espírito e matéria; um conceito unitário que, ao que parece, pode ser aplicado tanto à organização autônoma da matéria, no

³⁴¹ Cf. Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 404.

³⁴² Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 404.

³⁴³ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 405.

âmbito inorgânico, como ao supremo estágio de desenvolvimento das sociedades e culturas que atravessam a história da humanidade.³⁴⁴

Tirar da natureza muitos ensinamentos, inserindo na formação religiosa questões das ciências naturais, seria uma estratégia essencial para que os jovens seminaristas, desde o início da sua formação, entendessem o lugar do homem numa relação globalizada com a ordem natural das coisas. É nesse ponto que Drewermann traz à tona a questão da valorização dos mitos.

Para ele, os mitos guardam imagens arquetípicas da religiosidade universal. E somente a Psicologia Profunda tem embasamento para entender e interpretar essas imagens. A função do mito é relembrar acontecimentos passados e fazer uma relação direta com eventos do presente, fazendo com que estes sejam entendidos e interpretados no seu contexto atual. O símbolo arquetípico está sempre presente no mito e ele é utilizado para o entendimento do significado que este possui³⁴⁵.

Esse entendimento dos mitos, como possuidores de conteúdos arquetípicos, apresenta um viés junguiano na teoria de Drewermann. Foi Jung quem postulou que os arquétipos são imagens universais que fazem parte do inconsciente coletivo desde os tempos mais antigos³⁴⁶.

Portanto, Jung acredita na existência de um inconsciente onde “as suas características formais não são individuais, mas universais, ou em todo caso relativas a um grupo inteiro [...] enquanto suas assim chamadas ‘informações’ se verificam na linguagem típica do mito e da psicologia ‘primitiva’”³⁴⁷. Diante disso, Drewermann entende que, através da linguagem dos mitos, o inconsciente coletivo pode ser explorado por todas as pessoas, em qualquer época da humanidade.

O autor tira dessa interpretação a noção de que os mitos trazem para a época e para o homem atual uma compreensão da vida de maneira profunda. Sabendo-se aproveitar e valorizar esses textos, o indivíduo e toda a sociedade podem e conseguem

³⁴⁴ “Hoy día somos testigos de la profunda y dramática transformación que se está operando en nuestra concepción del mundo. Todo se basa, en particular, en el desarrollo de una epistemología evolutiva y en la nueva configuración de la física clásica – causal, reductiva, objetivista – que da lugar a un sistema de modelos teóricos que abarcan la biología, la química y la propia física. Asistimos al nacimiento de un modo de pensar que supera las oposiciones entre hombre y naturaleza, entre idealismo y materialismo, entre espíritu y materia; un concepto unitario que, al parecer, se puede aplicar tanto a la organización autónoma de la materia, en el ámbito inorgánico, como al supremo estadio de desarrollo de las sociedades y de las culturas que atraviesan la historia de la humanidad.” In: Eugen DREWERMANN, *Clérigos*, p. 775. Tradução livre da autora.

³⁴⁵ Cf. Everton BOOTZ, “*Consultei a Deus, ele me respondeu, e me livrou de todos os temores*”, p. 81-87.

³⁴⁶ Cf. Paolo Francesco PIERI, *Dicionário junguiano*, p. 43-53.

³⁴⁷ Paolo Francesco PIERI, *Dicionário junguiano*, p. 245.

lançar luzes sobre um melhor entendimento da complexidade e profundidade da vida humana.

Dessa maneira, Bootz interpretou a valorização dos mitos, por parte de Drewermann, da seguinte forma: “No arquétipo condensam-se tanto os sentidos para a pessoa quanto para o coletivo. É uma forma poética de espelhar o cotidiano de maneira simbólica. O mito tem sempre algo a dizer para o presente. Neste sentido, o mito relaciona-se com a história”³⁴⁸.

A interpretação da Bíblia, a Exegese, é um campo amplo que deveria levar em consideração a valorização dos mitos, pois, segundo Drewermann, os textos bíblicos possuem suas raízes nas imagens arquetípicas. A Psicologia Profunda, então, consegue interpretar, de forma sensata e voltada para o lado psicológico e humano, a Bíblia. A respeito desse ponto, defende Drewermann:

Mas há agora outro passo bem mais importante a dar, e que continua a tardar: pôr de parte na Exegese Bíblica o ideal unilateral de objectividade, a favor de processos de interpretação que, baseados na Psicologia das Profundidades, possam trazer a lume a quota parte de verdade humana que cabe às diferentes formas das narrativas bíblicas, segundo se trate de lendas heróicas ou sagradas, mitos, visões, etc. O carácter simbólico e poético das narrativas bíblicas, bem pouco elucidativas sob o ponto de vista histórico em passos decisivos sob o ponto de vista religioso, só pode verdadeiramente compreender-se, buscando as suas raízes, não nos condicionalismos históricos, mas nas camadas profundas do espírito humano. A sua veracidade não reside essencialmente nos acontecimentos exteriores, mas nas experiências interiores.³⁴⁹

Drewermann, então, defende que “uma religião que quer contribuir para a redenção do homem necessita de tais imagens e sacramentos, visto estarem profundamente arraigados no espírito humano. Mas então é imprescindível começar por considerar a figura do sacerdote, partindo da sua inserção na natureza”³⁵⁰.

O autor entende a figura do sacerdote como um ser humano integral, que conhece a existência da polaridade consciente-inconsciente dentro do seu ser e que lida, de forma madura e saudável, com esse fato. Jesus Cristo, para o autor, seria o grande exemplo de sacerdote, pois conseguiu vivenciar essa maturidade de forma esplêndida. Só torna-se bom sacerdote aquele que se realiza enquanto pessoa humana, defende Drewermann.

³⁴⁸ Everton BOOTZ, “*Consultei a Deus, ele me respondeu, e me livrou de todos os temores*”, p. 84, 85.

³⁴⁹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 410.

³⁵⁰ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 406.

Para isso, a formação na ICAR deveria oferecer meios para que os jovens vocacionados pudessem descobrir e analisar essas polaridades, exterior-interior, consciente-inconsciente. Para Drewermann, a formação correta e saudável seria da seguinte forma:

Para a formação de um sacerdote da Igreja católica deveria ser essencial imprimir na alma de alguém, enquanto ela se mantivesse suficientemente maleável e receptiva, o sentido da grandeza e da beleza do mundo, e de tal modo que a base natural do seu pensamento e da sua sensibilidade pudesse chegar a ser: um profundo respeito pela vida, um inteiro reconhecimento da sua diversidade e da sua ordem sagrada, e uma sensibilidade poética para o sentido e o simbolismo de todas as coisas. Exprimindo isto paradoxalmente, diríamos que o esforço da Igreja se deveria fazer, não no sentido de formar sacerdotes, mas no de promover nos jovens candidatos, o mais intensamente possível, o elemento sacerdotal [...] Não é tarefa da Igreja moldar sacerdotes; idealmente, deveria mesmo desabituar-se da idéia de contar com determinadas pessoas como futuros sacerdotes para os seus projectos [...] Não a conservação das instituições, mas a verdade da pessoa humana – eis o que deveria constituir o máximo fim em vista de toda a educação eclesiástica; mas isso pressupõe uma total mudança de atitude por parte da Igreja Católica.³⁵¹

A formação deveria levar em conta o que o jovem aspira como possível seguidor de Jesus Cristo. Valorizar os seus sonhos, tudo aquilo que ele imaginou quando se sentiu chamado por Deus a seguir o caminho sacerdotal. A capacidade de amar deveria ser reforçada, mostrando que o que mais Jesus fez na Terra foi demonstrar esse sentimento.

A sexualidade seria outra área mais bem entendida, levando em consideração o fato de o homem pertencer à natureza. Ela seria olhada de forma mais natural e, por isso, não caberiam mais normas tão arcaicas e rígidas de como amar e de como compreender o próprio corpo. O ato sexual não teria mais somente o objetivo da reprodução, mas sim seria compreendido como o ato maior de ternura e amor entre dois seres humanos, unidos pelo desejo.

Dessa maneira, acabaria a distinção entre homens e mulheres, no que diz respeito, principalmente, aos trabalhos que exercem na ICAR. A ordenação de mulheres seria uma consequência positiva dessa visão, levando em conta que a formação religiosa não faria a distinção de sexos, mas teria a função de uma formação holística, onde o foco fossem os ensinamentos de Jesus a todos os seres humanos.

³⁵¹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 406.

Para Drewermann, a formação que abrangeria toda a pessoa humana e que seria a ideal para que a ICAR tivesse clérigos mais humanos e mais voltados para o seu autoconhecimento, teria a seguinte função:

A essas pessoas haverá que ensinar antes de mais uma forma de arte de viver o amor, não só o amor do além, angélico e místico, mas o amor cem por cento real e terrestre. Tratar-se-á de cultivar uma religiosidade que ultrapasse as antigas barreiras que separam hoje ainda a alma e o corpo, a sensibilidade e a afectividade, o amor e o desejo, a mulher e o homem, o solteiro e o casado, o eclesiástico e o leigo, e finalmente Deus e o mundo [...] Mas uma coisa há, que não só se poderia, como também se deveria fazer, e sem restrição: definir claramente uma Pedagogia que deixe de destruir sentimentos, aspirações e sensações, e que permita reencontrar aquela unidade original de religiosidade, poesia e terapia.³⁵²

Com todas essas ideias e orientações, Drewermann quer chamar a atenção para a necessidade de “um aprofundamento essencial da existência religiosa, onde a integração da natureza interior (o inconsciente) se processa de mãos dadas com a integração do homem na natureza exterior”³⁵³. O autor promove um olhar para o que ele chama de “símbolos naturais”³⁵⁴, essenciais para que haja uma verdadeira tomada de consciência na ICAR.

Levando em consideração essas orientações no que diz respeito à valorização e recuperação dos elementos da natureza para a formação na ICAR, o autor acredita que “a ‘palavra’ da religião só atinge a sua própria altura quando, tal como a poesia, for capaz de evocar no homem as eternas imagens de Deus, ligando-as em cada época com a forçada existência individual”³⁵⁵.

A nova conceituação do que é religião ficaria, então, da seguinte forma, de acordo com as propostas sugeridas por Drewermann:

Baseia-se no fundo em duas convicções: a primeira é que a maneira mais acertada de venerar a Deus consistirá numa “poetização” da existência humana, uma poetização que faça parecer os sonhos mais reais do que os pensamentos, as instituições mais importantes do que as reflexões, e a linguagem dos anelos mais forte do que as dos factos concretos – a religião como poesia familiar do infinito longínquo, ou seja, como uma espécie de surrealismo do infinito oculto, o que tem como conseqüência a segunda convicção, isto é, que a natureza terá de ser reconquistada como um lugar autóctone da experiência do divino. Haverá que superar a dor do homem

³⁵² Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 408, 409.

³⁵³ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 412.

³⁵⁴ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 412.

³⁵⁵ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 412.

separado da natureza, o que se conseguirá pela reconciliação com a beleza do mundo, que na riqueza das suas cifras e símbolos surge como uma ponte que liga ao infinito.³⁵⁶

3.4.2- A busca pelo carácter subjetivo da fé

“Regressar à natureza e prestar atenção à pessoa humana são duas atitudes paralelas que, desde o advento da Era Moderna, se transformaram num postulado indispensável a qualquer forma de estrutura religiosa que pretenda ser considerada como digna de crédito”³⁵⁷. Para Drewermann, a estrutura atual apresentada pelo Catolicismo está longe de ser entendida como valorizadora da pessoa humana. O inconsciente, como força impulsionadora do indivíduo, não sendo reconhecido pela ICAR, promove o distanciamento entre homem, natureza, humanidade. A verdade, para o autor, não está em uma única forma de religião, mas encontra-se “unicamente no todo humano”³⁵⁸.

Como foi visto, Drewermann acredita na inutilidade de tentar identificar a pessoa do clérigo diretamente com a função exercida por ele. Por causa dessa tentativa de identificação é que houve a clivagem entre clérigos e leigos, consciente e inconsciente, mundo divino e mundo humano.

O clérigo, na atual estrutura da ICAR, tem “o dever de renegar a sua própria pessoa por amor da causa de Cristo, tal como essa causa lhe é apresentada pela Igreja como sendo a verdade objectiva; pelo que o fim em vista [...] não é o desenvolvimento da personalidade, mas sim a eliminação das particularidades individuais. Se a função é que é a verdade, há que reconhecer como não-verdade tudo o que for pessoal”³⁵⁹.

Por esse motivo, Drewermann acredita que, enquanto a fé não for entendida como experiência subjetiva e esta não for considerada e valorizada, a vida clerical na ICAR continuará sendo tomada pela angústia, pelo medo da autorrealização, pelo não reconhecimento do valor humano. A fé, para o autor, é algo pessoal e não pode ser embasada por leis ou obrigações institucionais.

³⁵⁶ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 409.

³⁵⁷ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 413.

³⁵⁸ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 413.

³⁵⁹ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 414, 415.

Everton Bootz acredita que Drewermann propõe que a teologia ensine “a fé e não a moralidade”³⁶⁰ e sintetiza da seguinte forma a ideia do autor alemão em relação ao possível objetivo da teologia:

A tarefa da teologia, neste sentido, é a de apoiar a pessoa, permitindo-lhe um espaço para o encontro consigo e com as demandas nele presente, a fim de alcançar sua maturidade particular em Deus. Na medida em que a sociedade for formada por pessoas congruentes, ela alcançará maior estatura do que se procurar manter todos sob uma mesma norma moral [...] A moral de Deus, segundo Drewermann, é perdão para aquele que confessa sua fé perante ele. A graça situa-se antes de qualquer moralidade e somente ela basta ao ser humano (2 Cor 12.9). A única ação possível ao ser humano está em voltar-se a Deus.³⁶¹

Levando em consideração essa proposta de Drewermann para a teologia atual, ele sugere que a formação nos seminários e conventos para os futuros clérigos deveria funcionar da seguinte forma:

Em vez de os impelir a uma função, deveria ela ensinar aos das suas fileiras essa “pequena pobreza” que os deixa a cada um em posse das suas particularidades, fazendo com que essas particularidades lhes transmitam a certeza de se sentirem necessários. Deveria lançar mão de métodos de formação que, intensificando a descoberta pessoal e o processo de maturação, correspondessem à auto-análise que, na especialização em Psicologia das Profundidades, se prolonga por vezes durante anos. Mas há que acabar com a formação de pastores de almas obrigados a sacrificar a sua própria alma, em vez de aprenderem a conhecê-la; e há que acabar com a formação de religiosos obrigados a servir suas ordens, em vez de antes de mais se porem em ordem com eles mesmos. É este o ponto decisivo em que a Igreja católica tem que mudar, para não vir brevemente a reconhecer que o tempo a terá ultrapassado.³⁶²

Dessa forma, Drewermann propõe, para os dias atuais, uma mudança radical na formação oferecida aos jovens que optam pela vocação religiosa. Experiências desse tipo já podem ser vistas há algum tempo, por padres que desafiaram a estrutura da ICAR e implantaram mudanças, levando em conta a valorização pessoal e humana do futuro clérigo.

Experiência muito parecida com a proposta de Drewermann (apesar do autor não tê-la citado em *Funcionários de Deus*) foi implantada no México pelo padre Grégoire Lemerrier. No livro intitulado *Psicanálise e Religião*, o padre narra a

³⁶⁰ Everton BOOTZ, “Consultei a Deus, ele me respondeu, e me livrou de todos os temores”, p. 111.

³⁶¹ Everton BOOTZ, “Consultei a Deus, ele me respondeu, e me livrou de todos os temores”, p. 111.

³⁶² Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 416.

experiência da implantação do uso da Psicanálise na formação dos vocacionados. Ele era o responsável pela formação dos jovens em um mosteiro de Cuernavaca e no ano de 1961, através da experiência com análise de grupo, dispôs-se a descobrir quais os dramas familiares, econômicos e sexuais que se escondiam sob as vocações religiosas.

Para isso, criou, no revolucionário mosteiro, as condições para uma experiência que ajudaria a transformar o mundo religioso. A partir da criação de oficinas de artesanato, Lemerrier proporcionou aos jovens monges mexicanos os meios necessários para uma análise de grupo. O artesanato veio a ser uma profissão para aqueles jovens que, na maioria dos casos, não possuíam alternativa, a não ser a vida monástica.

Em janeiro de 1961, o padre Grégoire Lemerrier entrou em análise individual, frequentando quatro sessões por semana. Depois disso, os quase sessenta membros do mosteiro também começaram a participar dessa experiência, porém a maioria em sessões de grupo. O tratamento era gratuito. Aos candidatos, a única obrigação pedida era que trabalhassem para cobrir as despesas. Os psicanalistas que se ocuparam dos monges eram membros da Associação Internacional com sede em Londres, e dirigentes da Confederação das Associações de Psicanálise de Grupo da América Latina. Entre eles havia uma mulher³⁶³.

Sobre a necessidade de utilizar a Psicanálise no mosteiro, o padre explica:

Na medida em que a religião é vivida como uma especialidade, à margem da vida comum e substituindo os valores humanos, toda nova insistência sobre esses valores humanos provoca o temor de uma perda de religião, como se esses valores só pudessem crescer em detrimento da própria religião. Mas, na realidade, dá-se o contrário: ambos definham juntos. Diante de tal evidência, longe de evaporar ou destruir o “religioso”, a psicanálise tende a transformá-lo através da interiorização e a amadurecê-lo numa religião que assume os valores humanos, impregnando-os cada vez mais do sentimento divino.³⁶⁴

O padre Lemerrier acreditava que a ideia fundada por Freud tinha uma importância tamanha, pois não podia-se mais viver sem levar em conta a existência do inconsciente. A partir disso, ele afirmava que a ICAR também não podia caminhar menosprezando a vida psíquica daqueles que desejavam tornar-se religiosos.

Lemerrier acreditava que certas vocações religiosas autênticas existiam realmente, porém era preciso reconhecer que ali também havia traumas, desvios psicológicos que poderiam bloquear ou perturbar a vida religiosa. “Ora, esses traumas e

³⁶³ Cf. Grégoire LEMERCIER, *Psicanálise e religião*, p. 10.

³⁶⁴ Grégoire LEMERCIER, *Psicanálise e religião*, p. 11.

desvios são perfeitamente curáveis e tal cura propicia não só o aumento da fé como também a diminuição de vocações frustradas”³⁶⁵.

A análise no mosteiro não foi imposta, ela foi apenas proposta. Os analistas tinham toda a liberdade no exercício da técnica, respeitando o analisando, que é o principal protagonista e única pessoa capaz de escolher entre fazer ou não a análise.

Uma pergunta interessante feita pelo padre Lemerrier e que está muito próximo do que Drewermann levanta como hipótese no livro *Funcionários de Deus* é: “Da mesma forma que a fé drena um fluxo de impurezas inevitáveis, será que as vocações religiosas não pressupõem sempre motivações de ordem psicológica que – em vários casos – favorecem a adaptação a uma vida ‘anormal’?”³⁶⁶. Pensa-se, sobre esse ponto, que Lemerrier também acreditava que a vocação religiosa representava o reviver de questões psicológicas vivenciadas desde a infância.

Porém, diferente da visão de Drewermann em relação à vivência das relações mãe-filho, Lemerrier acreditava “que a origem da neurose dos jovens é quase sempre o fracasso da relação pai-filho. Não é plausível acreditar que essas relações nefastas podem ser compensadas e vividas até o fim, no seu objetivo pleno, que é o de equilibrar o jovem no meio social através da relação estabelecida no mosteiro entre o filho e seu pai espiritual?”³⁶⁷.

Então, o mosteiro seria o lugar onde o jovem poderia reviver sua relação pai-filho, sendo a figura do pai, agora, representada pelo reitor ou pelo diretor espiritual. Para Lemerrier, a função que o mosteiro exerce para os jovens monges é a mesma que a Psicanálise tem para as pessoas que estão em análise. O mosteiro leva ao equilíbrio que é buscado pelos vocacionados, que antes viviam de forma desequilibrada psiquicamente.

“Hoje os mosteiros acolhem os que fogem de si mesmos e de uma sociedade hostil; os que, embora tenham abrigo, sentem falta de um lar e precisam mendigar o amor que não receberam na adolescência. Para esses, uma vida monástica simples será o convite a uma conversão que os permitirá deixar o mundo e se refugiar no mosteiro”³⁶⁸, já acreditava o padre Lemerrier na década de 60, reforçando a tese de que o vocacionado busca refúgio na ICAR por querer encontrar o amor e a segurança que não lhe foram dados na infância.

³⁶⁵ Grégoire LEMERCIER, *Psicanálise e religião*, p. 12.

³⁶⁶ Grégoire LEMERCIER, *Psicanálise e religião*, p. 14.

³⁶⁷ Grégoire LEMERCIER, *Psicanálise e religião*, p. 22.

³⁶⁸ Grégoire LEMERCIER, *Psicanálise e religião*, p. 22, 23.

E, para tentar fugir do fracasso, a psicoterapia monástica revelou-se como uma ferramenta das mais úteis para o padre. Ele ainda cita o exemplo de Jesus, que mesmo tomando suas precauções na escolha de seus discípulos, ainda assim errou com Judas. A psicoterapia não era a garantia de nunca errar, mas de tentar acertar mais vezes.

O uso da Psicanálise, no mosteiro, teve o objetivo de dar aos futuros monges uma segurança interna que lhes permitiria cumprir sua missão de forma realizada e humana. Ela não toma o lugar da vida monástica e, sim, a ajuda. Ao tomar conhecimento dessa experiência, imagina-se que o padre Lemercier, já na década de 60, antecipou o que Drewermann viria a propor recentemente³⁶⁹.

Outro tipo de experiência com a psicologia na formação para a vida religiosa é a do padre jesuíta Antonius Benkö. Ele viveu no Brasil até a década de 70 e pode ser considerado um dos primeiros a atentar para o uso de ferramentas psicológicas para a admissão e orientação do candidato ao sacerdócio em nosso país. Ele acreditava que, em certas profissões, como a do psicólogo ou do religioso, o candidato precisa apresentar uma postura madura, confiável, pois a própria sociedade espera essas características do profissional. Por esse motivo, faz-se necessário submeter o candidato à vida religiosa aos testes necessários, para que seja atestada sua perfeita adequação àquela escolha de vida³⁷⁰.

De acordo com Benkö, para que o uso de testes na instituição católica seja feito, é necessário frisar as suas finalidades e os seus objetivos. Deixar clara a questão ética que envolve os testes, as entrevistas, é dever do profissional responsável. Se o uso dos resultados for utilizado, também, depois da seleção, durante a jornada do jovem dentro da instituição, isso deve ficar esclarecido.

Porém, Benkö ressalta que a motivação principal de um candidato à vida religiosa vem direta de Deus. Para ele, o fator sobrenatural existente na vocação religiosa fala mais alto no momento da escolha. E é justamente essa dimensão que não é visível e não cabe à psicologia medir e observar.

Dessa forma, igualmente a Drewermann, que não teve o objetivo de esmiuçar as motivações sobrenaturais inerentes à vocação religiosa, Benkö esclareceu que a parte

³⁶⁹ Após dois anos do início da terapia no mosteiro, o padre Lemercier e mais “quarenta religiosos abandonaram o hábito. A experiência foi condenada por Paulo VI, que fechou o mosteiro”. Disponível em: http://www.estadosgerais.org/atividades_atuais/telles-pedofilia.shtml. Acesso em: 14 de junho de 2010.

³⁷⁰ Cf. Antonius BENKÖ, *Aspectos psicológicos da vocação religiosa e sacerdotal*, p. 769-772.

divina da vocação, ou seja, a influência direta de Deus na vida de quem se julga eleito, não seria analisada pela teoria psicológica utilizada por ele.

Em relação ao entendimento que a própria ICAR tem do uso da psicologia na formação religiosa, recentemente, em junho de 2008, o papa Bento XVI publicou o documento intitulado *Orientações para a Utilização das Competências Psicológicas na Admissão e na Formação dos Candidatos ao Sacerdócio*, favorecendo a atuação de psicólogos diretamente nos seminários e congregações religiosas. Nesse documento, há o cuidado com o reconhecimento da dimensão humana na vocação sacerdotal. Por esse motivo, o Papa recomenda o uso de técnicas psicológicas para dar sustentação psíquica aos jovens vocacionados.

Como fruto de um particular dom de Deus, a vocação para o sacerdócio e o seu discernimento extrapolam o âmbito estreito da psicologia. Todavia, para uma avaliação mais segura da situação psíquica do candidato, das suas atitudes humanas na resposta ao chamamento divino, e para um auxílio posterior no seu crescimento humano, pode ser útil nalguns casos o recurso a especialistas em ciências psicológicas. Eles podem oferecer aos formadores não somente um parecer sobre a diagnose e a eventual terapia dos distúrbios psíquicos, mas também dar um contributo no apoio para o desenvolvimento das qualidades humanas, sobretudo requeridas pelo exercício do ministério, sugerindo itinerários aptos para favorecer uma resposta vocacional mais livre.³⁷¹

Porém, pode-se perceber pela parte acima citada, que o uso da psicologia deve ser levado em consideração somente nos casos onde há um desequilíbrio mais sério, que não pode ser resolvido pelo clérigo responsável pela formação. Diante de tantos escândalos vividos pela ICAR, sobretudo sobre os casos de pedofilia que se alastram pelo mundo, parece que o atual papa percebe a pertinência das técnicas psicológicas para a adequação e aceitação das normas da instituição católica por parte dos vocacionados.

Já no Brasil, não são poucos os estudiosos que propõem uma mudança, também, na formação nos seminários e conventos. A CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) criou a OSIB (Organização dos Seminários e Institutos do Brasil) no intuito de promover um olhar mais acurado sobre a formação religiosa brasileira. A psicologia tem um lugar de destaque, sendo, atualmente, valorizada e exigida na maioria das casas de formação brasileiras.

³⁷¹ Congregação para a Educação Católica, *Orientações para a utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio*, p. 3.

Cursos, formação frequente, retiros, publicações são propostos para os formadores das casas religiosas e também para os psicólogos que prestam serviços à ICAR. Existe, nesses encontros, a preocupação para que a formação sacerdotal leve em conta o caráter humano e afetivo do futuro clérigo, elevando a psicologia como ciência auxiliar no processo formativo³⁷².

William Castilho implantou, na Arquidiocese de Belo Horizonte, o Núcleo de Apoio e Atendimento do Ser (NATUS), um programa que favorece o atendimento psicológico dos clérigos e oferece, também, um lugar apropriado onde eles podem buscar aprofundamento na área espiritual, cultural e humano. Castilho percebeu que a maioria dos clérigos apresenta sintomas como estresse, depressão, ansiedade, desencantamento vocacional, tristeza, isolamento social, desgaste físico e afetivo, transtornos de adicção englobando o que ele nomeou de “Síndrome do Bom Samaritano Desiludido”³⁷³.

Para Castilho, com o desgaste da motivação vocacional, o clérigo só poderá recuperar a energia para a continuação do seu trabalho através da busca de uma vida mais voltada para os afetos da amizade e do cuidado com a própria existência. Ele também chama a atenção para a busca por uma “mística, hoje resignificada, principalmente dentro de um princípio que chamamos de resiliência. O que é a resiliência? Os indivíduos têm potencialidades muitas vezes escondidas e recalçadas, por medo e até mesmo por uma questão de tabu. Quando tocadas e mexidas, essas potencialidades vêm à tona e podem dar uma vitalidade maior à profissão”³⁷⁴.

Esse quadro, atualmente desenhado, de como está a preocupação em relação à vocação religiosa, e citado nesta pesquisa, reflete uma busca de melhorias no que diz respeito à formação religiosa, estando, ainda, necessitando de muita evolução. Porém, pode-se perceber que a proposta que Drewermann sugere pode ser, aos poucos, vista na prática cotidiana nos seminários e conventos da ICAR.

Para que essa abertura aconteça na ICAR, a postura de Drewermann é radical quanto à necessidade de dar voz aos conteúdos inconscientes, fazendo com que o jovem conheça-se e tome as rédeas da sua vida. Não há nenhum mal em se tornar clérigo. O

³⁷² Disponível em: <http://www.osib.org.br>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2010.

³⁷³ Disponível em: <http://revistaparoquias.com.br/index.php/2009/09/sindrome-do-bom-samaritano-desiludido>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2010.

³⁷⁴ Disponível em: <http://revistaparoquias.com.br/index.php/2009/09/sindrome-do-bom-samaritano-desiludido>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2010.

mal está na postura desse clérigo enquanto ser que busca comunhão somente com as regras impostas de fora, frisa o autor.

Para que uma realidade mais humana e mais fiel às motivações pessoais seja o verdadeiro objetivo, é necessário que a ICAR rodeie-se de bons profissionais na área da Psicanálise, argumenta Drewermann. O ideal é, também, que esses profissionais façam da pobreza, da obediência e da castidade, na forma proposta pelo autor, seus ideais de vida. Dessa forma, o que Drewermann propõe pode vir a tornar-se realidade: “Trata-se de conseguir, por meio de métodos psicanalíticos, que se tome consciência do que é um determinado sistema de normas religiosas, de modo que a todo aquele que tem a sua vida regulamentada até aos últimos detalhes por esse sistema seja restituído o seu direito vital a poder pensar, sentir e actuar livremente”³⁷⁵.

³⁷⁵ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 199.

Conclusão

Findando o último capítulo deste trabalho, fica-se com a sensação de que Drewermann realmente preocupa-se com a situação atual instalada na formação para os futuros clérigos e também para aqueles que já receberam a Ordenação. Por esse motivo, ele faz essas propostas de terapia para que haja uma extensa modificação na estrutura formativa da ICAR.

Na última parte da sua análise em *Funcionários de Deus*, o autor procura amparar-se diretamente nas diretrizes da Psicologia Profunda, favorecendo uma preocupação e valorização da subjetividade, do ser humano integrado, conhecedor de suas vontades e desejos.

Para isso, Drewermann acredita que uma análise psicanalítica feita pelos clérigos teria seu lugar de destaque na formação, pois, segundo o autor, somente através desse tipo de terapia é que o clérigo poderá se autoconhecer, sabendo quais os motivos inconscientes que o fizeram optar pela vocação religiosa, e através daí, fazer um verdadeiro discernimento pessoal.

Para ele, somente os psicanalistas, e também os poetas, vivem os conselhos evangélicos de forma salutar, já que possuem ferramentas que os fazem ter uma alma livre. Portanto, a presença de um psicanalista para o atendimento dos futuros clérigos é de essencial importância.

Everton Bootz entende que Drewermann “atesta que para haver uma integração saudável dos elementos do inconsciente de uma pessoa é importante a existência de um ‘outro’, de um ‘próximo’ que a escute de maneira empática, auxiliando-a na evocação do material reprimido”³⁷⁶. E é com esse mesmo objetivo que Drewermann propõe a análise com um psicanalista que possua a abertura para o verdadeiro escutar.

Compreendeu-se que Drewermann não é contra a existência dos três conselhos evangélicos, porém ele não concorda com a forma atual como está sendo exigida a sua vivência, por parte dos clérigos. Esses conselhos poderiam até continuar a serem evocados, mas com uma nova leitura, levando-se em conta o encontro com o verdadeiro eu, e em consequência, com Deus.

O que se percebe, atualmente, no cenário católico é um caminho iniciado no sentido de dar voz àquele que opta pela vocação religiosa. Diante dos exemplos citados

³⁷⁶ Everton BOOTZ, “Consultei a Deus, ele me respondeu, e me livrou de todos os temores”, p. 309.

neste capítulo, pode-se perceber que sementes estão sendo cultivadas. E, dessa maneira, quem sabe, um dia, poderão ser vistas, na prática, algumas das propostas de Drewermann?

CONCLUSÃO

Terminada a pesquisa, envereda-se agora para a sua conclusão, ciente de que o tema não se esgota aqui, mas pelo contrário, vê-se que a partir deste trabalho muitas questões precisarão ser aprofundadas. Reconhece-se que Eugen Drewermann é um autor praticamente desconhecido ao público brasileiro, o que faz com que, a partir de agora, tenha-se a esperança de que mais pesquisas ocupem-se com o seu trabalho.

Percebe-se, ao longo desta trajetória de estudo, que o tema da vocação religiosa ocupou Drewermann por muito tempo, tendo em vista a profundidade de sua obra *Funcionários de Deus* e sua própria pesquisa ao longo de seus anos de estudo, de sacerdócio e de sua prática terapêutica. Sua preocupação com a estruturação da ICAR, na época do lançamento do livro (ano de 1989), e a relação feita com a Psicologia Profunda pode ser considerada bem atual. Vê-se que muitos outros teólogos, nos dias de hoje, possuem críticas parecidas à ICAR e também levantam bandeiras pela necessidade de relacionar a Teologia com a Psicologia Profunda.

Para Drewermann, a Psicanálise teve o mérito de trazer o valor do inconsciente na vida do ser humano, mostrando que o homem não consegue utilizar-se somente da razão para fazer suas escolhas pessoais. Estas são orientadas por conteúdos muitas vezes desconhecidos, que são os conteúdos inconscientes. Esses conteúdos são elaborados desde os primeiros momentos de vida do ser humano e interferem diretamente no decorrer da existência do indivíduo.

Dessa forma, Drewermann acredita que a margem de liberdade pessoal torna-se muito pequena, tendo em vista a psicodinâmica do inconsciente. E essa conclusão também se refere à escolha da vida religiosa. Essa opção vocacional somente vai tornar-se viável levando-se em conta as questões inconscientes da vida do vocacionado, enfatiza o autor.

E é justamente nesse ponto que se deu a grande questão da vocação religiosa para Drewermann. O que leva um jovem a ser um clérigo, levando em consideração os motivos psicológicos? A novidade dessa pergunta é a suspeita de que há conteúdos inconscientes que influem nessa escolha.

Por outro lado, o autor não desacredita na possibilidade de um chamado de Deus, porém, na obra principal para esta pesquisa, o foco não está na abordagem teológica. Os aspectos psíquicos inconscientes analisados pela Psicologia Profunda que são o grande interesse do autor em sua caminhada de estudos e pesquisas.

A questão familiar é amplamente analisada por Drewermann, pelo fato dele acreditar que é nesse âmbito que se dão os primeiros passos para a vocação religiosa, levando-se em consideração os conteúdos inconscientes que são “construídos” desde a mais tenra idade. Portanto, a relação dos pais (principalmente da mãe) com o bebê é de extrema valia. Somente entendendo essa relação foi que Drewermann chegou a construir sua abordagem psicológica, acreditando que toda angústia causada por uma mãe frágil, que por sua vez, foi condicionada pelo seu contexto social, irá direcionar a vida do futuro clérigo.

Esse jovem cresce acreditando que poderá salvar a sua mãe de toda a tristeza provocada por ele mesmo, já que ele se imagina um peso na vida dela. Dessa forma, a criança forma a ideia de ser o responsável no intuito de colaborar na salvação da mãe, precisando ligar-se a uma missão para atingir êxito nesse seu objetivo.

A missão escolhida pelo jovem é vista como especial, entende Drewermann, pois já na infância essa criança viveu a experiência de ser uma exceção dentro do ambiente familiar. Dessa maneira, o autor cita que “para alguém assim totalmente se identificar com a sua tarefa, terá que, no decorrer do seu processo de evolução psíquica, ter sido já guiado para ela, como sendo a forma de identidade que a si mesmo lhe parece adequada”³⁷⁷.

Unindo-se à mãe entristecida está um pai, também problemático, no sentido de não servir como modelo de homem forte e capaz de ajudar a esposa na criação da família. Por conseguinte, esse jovem volta-se contra a figura masculina, acreditando que o pai não é competente o bastante para ser visto como figura de identificação.

Aliando-se, também, a esse quadro familiar estão os irmãos. Estes estão o tempo todo empreendendo uma luta no sentido de angariar o carinho da mãe. O melhor, mais carinhoso, mais competente será aquele que a mãe mais amará, eles acreditam. Então, como bom filho, o futuro clérigo tentará, a todo custo, personificar o “Abel” para que o amor da mãe venha todo para ele. O futuro vocacionado, então, será obrigado a

³⁷⁷ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 36.

fazer uma clivagem, mostrando somente o seu lado bom e não podendo demonstrar o lado negativo de sua personalidade.

Dessa maneira, Drewermann acredita que essa clivagem na personalidade do futuro clérigo sempre existirá, pois ele, em todo o tempo, irá ver-se dividido entre sua própria subjetividade e as normas de fora, antes da mãe e no futuro da ICAR. Toda essa situação fará com que o jovem desencadeie uma angústia frente à própria vida e uma insegurança que não lhe permitirá relacionar-se positivamente com as pessoas e consigo mesmo. Para Drewermann, esse jovem terá como grande objetivo de vida buscar uma mãe novamente, aquela que lhe dará proteção e aconchego.

Então, toda a angústia e insegurança que fez com que o jovem trilhasse o caminho da vocação religiosa, é amenizada quando ele depara-se com a grande “mãe” ICAR, acredita Drewermann. Nessa nova família, tudo já está pronto, e o jovem não precisa fazer escolhas. Todas as regras e imposições tornam-se subterfúgios contra a tristeza de não ter tido uma família assim, tão unida e poderosa. Agora o vocacionado poderá experimentar a segurança e alegria de ser aceito em um “lar”.

A forma de pensar, o vestuário, os modelos de orações, as proibições das amizades pessoais, a obrigação de ter que separar-se da família de origem, o juramento para toda uma vida são as formas que a ICAR utiliza para manter a fidelidade do clérigo, acredita Drewermann. Essas normas fazem com que o vocacionado sinta-se seguro em relação à vocação e à própria vida pessoal. Elas mantêm o clérigo protegido contra a insegurança ontológica, sentida desde a infância. Mostram a ele que, finalmente, será feliz a partir de sua escolha vocacional.

Porém, após algum tempo, toda a alegria de ter encontrado, finalmente, uma família feliz, começa a ruir. O jovem percebe que a “mãe” ICAR tão amável também é intolerante e intransigente, não aceitando que seu “filho” tenha sonhos nem pense diferentemente dela. Então, para continuar nessa família, é necessário que o vocacionado esqueça seus desejos pessoais e volte-se totalmente para a realização de todas as diretrizes impostas pela ICAR, enfatiza Drewermann. É nessa circunstância que se dá a total identificação do clérigo com a sua função, ou seja, nas palavras do autor, a identificação do ego com o superego.

Nessa questão, acredita-se que um ponto que merece destaque é sobre o conceito de superego utilizado pelo autor. Drewermann entende o superego como algo negativo à personalidade de um indivíduo, definindo-o como sendo um peso na vida do ser humano. O autor sempre associa esse conceito às regras vindas do exterior, neste

caso vindas da ICAR, sem entrar no mérito do verdadeiro conceito elaborado por Freud. Esse ponto foi bem lembrado por Morano, onde ele pontua uma crítica sobre o uso do conceito feito por Drewermann:

Sem *superego* não há discurso humano porque sem ele não há renúncia no registro do imaginário nem trânsito desde a ordem da natureza até a cultura. Enquanto o *superego* pode ser entendido, com frequência, como uma causa fundamental de conflito na dinâmica da personalidade, igualmente é certo que um déficit de *superego* constitui também um sério problema para a organização e o desenvolvimento da mesma. Mas no parecer de Drewermann, o *superego* é uma instância de caráter essencialmente negativo e a causa de toda despersonalização que o clérigo sofre. Em última análise, ele parece confundir o *superego* com ideologia institucional.³⁷⁸

Entende-se o superego como uma instância inconsciente, assim como o ego e o id, porém sem a necessidade de possuir uma conceituação boa ou ruim, mas pelo contrário, pertencente, importante e necessária a todo indivíduo durante o desenvolvimento da vida. O superego é considerado estrutura fundante do ser humano, pois é a partir dele que haverá a possibilidade de uma pessoa relacionar-se com as outras. Portanto, a necessidade de regras e interposições na vida de um indivíduo é de extrema valia para a sua própria formação pessoal e social. Por isso, acredita-se que Drewermann fez um uso próprio e específico desse conceito psicanalítico, tecendo seu próprio entendimento a respeito dele.

Os conselhos evangélicos mereceram também uma importante interpretação de Drewermann, baseada na Psicologia Profunda. O autor, ao relacionar a pobreza, a obediência e a castidade com as fases oral, anal e fálica, acredita que os clérigos já trouxeram da infância potenciais inconscientes para identificarem-se com os ideais de vida impostos pela ICAR.

Drewermann acredita que, dependendo da fase onde houve uma maior fixação, ou seja, a forma “como designando o modo de inscrição de certos conteúdos representativos (experiências, imagos, fantasias) que persistem no inconsciente de

³⁷⁸ “Sin *superyó* no hay discurso humano porque sin el no hay renuncia al registro de lo imaginario ni tránsito desde el orden de la naturaleza al de la cultura. Si bien el *superyó* puede entenderse com frecuencia como una causa fundamental de conflicto em la dinámica de la personalidad, igualmente es cierto que un déficit de *superyó* constituye también un serio problema para la organización y desarrollo de la misma. Pero al parecer de Drewermann, el *superyó* es una instancia de carácter esencialmente negativo y causa de toda la despersonalización que sufre el clérigo. Em definitiva, parece confundir sin más *superyó* con ideologia institucional”. In: José Ignacio González FAUS, Carlos Domínguez MORANO, Andrés Torres QUEIRUGA, “Clérigos” en debate, p. 88. Tradução livre da autora.

forma inalterada e aos quais a pulsão permanece ligada”³⁷⁹, o futuro clérigo será mais propenso a viver determinado voto. Por esse motivo, ele conclui que há alguns clérigos mais voltados para a questão da pobreza, outros mais propensos a lutar pela obediência e outros a fazer valer a castidade.

O autor vê na questão da vivência dos conselhos evangélicos o grande problema da atual estruturação da ICAR, pois ele defende que a instituição quer partir de um modelo de ser humano ideal, que não existe na realidade, e acreditar que todos os clérigos possam ser dessa forma. O autor postula que se a ICAR olhasse para os vocacionados, entendendo-os como indivíduos comuns, que têm desejos, que sofrem e que estão sob a regência de forças motivacionais inconscientes, muitos jovens poderiam tornar-se clérigos mais felizes e coesos consigo mesmos.

Outra questão merecedora de destaque é a generalização utilizada por Drewermann, ao defender que todos os clérigos passaram por etapas iguais durante seu desenvolvimento. Todos eles tiveram uma mãe frágil, um pai ausente ou autoritário, irmãos que competiam entre si, o que lhes rendeu uma extrema insegurança, aliada à necessidade de sacrifícios para salvar os outros e que culminou na escolha pela vocação religiosa.

Para o autor, a trajetória de vida dos vocacionados e clérigos é a base para a descoberta da vocação religiosa, a partir das experiências vividas desde o seu nascimento. Juntando-se a essa questão, a estrutura oferecida pela ICAR irá reforçar as principais características psicológicas do jovem que são a insegurança ontológica, os medos, a ideia da total responsabilidade pelos outros, o ego fragilizado, a carência afetiva.

Todo esse quadro fará com que se desenvolva a personalidade clerical descrita por Drewermann. E a partir dela, também, todas as propostas feitas à ICAR de um possível novo olhar sob toda uma estrutura. Começando pela possibilidade do autoconhecimento dos jovens vocacionados.

Apesar de Drewermann sublinhar enfaticamente, várias vezes, na sua obra a importância da valorização da pessoa, ou seja, levar em conta a subjetividade, ele não usa o conceito enfatizando a individualidade de cada ser humano, as diferenças fundamentais existentes entre as pessoas. Pelo contrário, ele parece colocar todos os

³⁷⁹ LAPLANCHE, PONTALIS, *Vocabulário da psicanálise*, p. 190.

clérigos como frutos de uma mesma estrutura de vida e, conseqüentemente, possuidores de uma mesma estrutura psíquica, que é idêntica para todos eles.

Supõe-se que o conceito de subjetividade leve em conta vários aspectos da vida humana, alguns não reconhecidos por Drewermann em *Funcionários de Deus*:

A subjetividade é o modo de ser no mundo, de se relacionar com o mundo, consigo mesmo e com as outras pessoas. A subjetividade é mutável, processual, sendo assim, está em constante transformação, não se caracteriza como um produto, algo estático, mas como movimento, algo que está em construção. A subjetividade emerge a partir de vários fatores: econômicos, sociais, políticos, culturais, religiosos, históricos e vivenciais (experiências de fé, de vida, como infância, amores, trabalho, dentre outras). A subjetividade é entrecortada pelos discursos dominantes de poder e do saber da história humana. Portanto o processo de subjetividade é um dispositivo em rede, em que vários territórios e espaços transversais vão coexistir, onde tudo enuncia e o conjunto dessas enunciações gera a produção do pensar, sentir, agir.³⁸⁰

Portanto, entende-se que Drewermann utiliza somente um tipo de história pessoal para analisar todos os clérigos e, com isso, tenta encaixar essa história psicanaliticamente, utilizando a Psicanálise de forma generalizadora. O autor não trabalha outros elementos importantes da história pessoal, como as diferenças sociais e econômicas entre as famílias, as experiências subjetivas da fé, o engajamento político do jovem, itens considerados essenciais para a elaboração de um perfil psicológico.

Outro ponto que precisa ser destacado é que o ambiente utilizado pelo autor, para a sua pesquisa, é a Igreja Católica alemã. “Drewermann tem diante dos olhos uma realidade eclesial europeia, a rigidez tremenda de uma Igreja alemã-romana”³⁸¹, lembra-nos Moreira, a respeito dessa questão.

Tendo como base esta Igreja específica, Drewermann generaliza, para todo o restante do mundo, as características estruturais da ICAR. Percebe-se que faltou ao autor uma maior consideração em relação às diferenças sociais, culturais, políticas, econômicas dos clérigos e da própria ICAR em diferentes partes do mundo. “Sem dúvida, em algumas de nossas igrejas no Brasil já se avançou bastante em determinadas coisas, como a participação nas decisões, a abertura interna e à sociedade, a inserção na realidade e a comunhão com a vida do povo, o fato de muitos clérigos e religiosos viverem do próprio trabalho”³⁸².

³⁸⁰ William Cesar Castilho PEREIRA, *Evangelização e pessoa: os desafios da subjetividade*, p. 1.

³⁸¹ Alberto MOREIRA, *Eugen Drewermann e a psicanálise da igreja clerical*, p. 402.

³⁸² Alberto MOREIRA, *Eugen Drewermann e a psicanálise da igreja clerical*, p. 402, 403.

Não é possível se se procede com rigor, reduzir a análise do sistema clerical – que tem uma presença social visível, sociológica, histórica – à análise psicológica. Para isso é preciso ir atrás de outras abordagens, outros recortes epistemológicos, sejam da economia, da história ou da política, que complementem o quadro. Se Drewermann o tem claro, isto não aparece em seu estudo.³⁸³

Importante frisar, também, que, em nenhum momento, Drewermann lança mão do conceito de sublimação como meio para uma possível canalização da vida afetiva do clérigo. Esse conceito, tão amplamente usado na Psicanálise, é conhecido como as “atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual [...] a pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo objetivo não sexual e em que visa objetos socialmente valorizados”³⁸⁴. Freud citou como atividades que propiciam a sublimação a atividade artística e a atividade intelectual.

Portanto, em nenhum momento, esse conceito é mencionado pelo autor. Acredita-se que, talvez, esta pesquisa fosse mais completa se fosse levada em consideração a possibilidade da sublimação por parte dos clérigos, através, por exemplo, da valorização de estudos específicos no seminário e depois da ordenação, da busca por uma vida de oração pessoal ou através do incentivo de produções artísticas.

Nesse ponto, concorda-se com Morano quando ele critica esse esquecimento, por parte de Drewermann, na obra *Funcionários de Deus*:

Mas na ampla análise destas situações não parece vislumbrar, no entanto, a possibilidade de uma canalização da vida afetivo-sexual através dos mecanismos da sublimação. Esta via apresenta-se, certamente, mais problemática e complexa do que o clero geralmente tende a considerar, mas, ao mesmo tempo, tem que se afirmar que constitui uma alternativa psicanaliticamente defendida tanto na teoria quanto na prática. Um estudo que pretende ser psicanalítico sobre a vida afetiva e sexual do clero e que se dispensa de um conceito como o de sublimação faz-se necessário pensar ou em um desconhecimento grosseiro da teoria psicanalítica ou em uma omissão que, conscientemente ou inconscientemente, pretende fechar a porta a qualquer possibilidade de uma opção válida para a vida casta.³⁸⁵

³⁸³ Alberto MOREIRA, *Eugen Drewermann e a psicanálise da igreja clerical*, p. 404.

³⁸⁴ LAPLANCHE, PONTALIS, *Vocabulário da psicanálise*, p. 495.

³⁸⁵ “Pero en el extendido análisis de estas situaciones no parece vislumbrar, sin embargo, la posibilidad de una canalización de la vida afectivo-sexual a través de los mecanismos de sublimación. Esta via se presenta ciertamente más problemática y compleja de lo que el clero em general tiende a considerar, pero, al mismo tiempo, hay que afirmar que constituye una alternativa psicoanalíticamente defendible tanto desde la teoría como desde la praxis. Um estudio que se pretende psicoanalítico sobre la vida afectiva y sexual del clero y que prescinde de um concepto como el de sublimación hace necesariamente pensar o em um desconhecimento grosero de la teoría psicoanalítica o en un olvido que, consciente o inconscientemente, pretende cerrar la puerta a cualquier posibilidad de una opción válida para la

Por outro lado, as propostas feitas à ICAR pelo autor são da mais extrema valia, pois se vê que essa instituição deixa mesmo pouco espaço para que os clérigos possam colocar suas opiniões pessoais. Haja vista o grande número de clérigos que estão sob penalidades e excomunhões por terem colocado a público o que pensavam.

O tema tratado e analisado por Drewermann não é novo. Porém, a coragem com que ele reflete sobre a atual estrutura da ICAR pode ser considerado inédito, tamanha a dureza de sua crítica e o aprofundamento da busca pelo entendimento das motivações inconscientes para a vida religiosa.

Pode-se considerar este um grande diferencial do autor, pois ele postula que “é doutrina teológica que Deus concede a cada um as graças necessárias para resistir às tentações do mundo. Só que uma investigação psicanalítica não pode contentar-se com um ponto de vista tão simplista; falando-se de ‘vocação’ e ‘graça’, não pode aceitar o sobrenatural como facto apodíctico”³⁸⁶.

Reconhecer a enorme erudição de Drewermann é essencial. O diálogo que ele consegue fazer, tão bem, entre Psicanálise, existencialismo, literatura, poesia é fato notável durante todo o desenvolvimento de *Funcionários de Deus*. A coragem com que lança suas ideias faz dele um autor empenhado em ver mudanças na atual estrutura da ICAR. Sua paixão em mostrar que é possível fazer essa mudança e tornar os indivíduos mais coesos com eles mesmos e, conseqüentemente, mais felizes é a tônica da última parte deste trabalho.

Frente a tantos escândalos envolvendo os clérigos, acredita-se que o autor faz críticas necessárias à atual estrutura da ICAR. Realmente é necessária uma revisão profunda e complexa sobre o papel e função do clérigo. Crê-se que essa necessidade é visualizada por muitos representantes do clero católico, porém são poucos os que ousam colocá-la tão claramente e de uma forma tão corajosa para a sociedade. Só assim, acredita-se, a figura do clérigo irá recuperar a sua credibilidade novamente.

Drewermann tem se pronunciado a respeito dos atuais casos de escândalos de pedofilia envolvendo o clero católico. A esse respeito, ele continua defendendo uma abertura maior para a discussão da sexualidade na formação religiosa da ICAR e a busca

castidad.” In: José Ignacio Gonzáles FAUS, Carlos Dominguez MORANO, Andrés Torres QUEIRUGA, “Clérigos” en debate, p. 115, 116. Tradução livre da autora.

³⁸⁶ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 16.

por um reconhecimento dos fatores psicológicos e humanos na motivação para a opção celibatária³⁸⁷.

Desde o início da obra *Funcionários de Deus*, Drewermann deixa bem clara sua intenção de ajudar e salvar aqueles que se sentem chamados. Seu objetivo é dar voz àqueles que, apesar de protegidos institucionalmente pela ICAR, sentem-se confusos e sofridos em relação à sua própria vivência pessoal. Drewermann consegue demonstrar que os dramas sacerdotais são os mesmos e equivalentes a qualquer sofrimento de um ser humano comum. Portanto, o tabu em relação à diferença sobrenatural do clérigo é quebrado, levando em consideração a obra do autor.

A possibilidade da existência da psicoterapia para todos os clérigos já parece ser uma realidade para a ICAR. Porém, para que eles possam viver de acordo com a descoberta que fazem de si mesmos, é necessário uma verdadeira reforma em muitos âmbitos da instituição. Drewermann salienta essa questão em sua obra, perguntando-se até que ponto vale a pena despertar pessoas para viverem seus desejos e suas vontades se o próprio ambiente religioso não permite que se viva desta forma.

Acredita-se que a busca pessoal aconteça não só através da análise psicanalítica, mas também através de toda uma vivência de experiências nos diversos âmbitos humanos. Não somente dentro de um consultório é que se chega ao autoconhecimento, mas também observando e vivendo as possibilidades oferecidas pela vida comum, no dia-a-dia de qualquer indivíduo, entre eles também os clérigos.

Portanto, promover meios para que os jovens vocacionados possam conhecer a sua própria trajetória e sua própria história de vida é o grande objetivo do autor. Por isso, ele frisa tanto a necessidade de toda uma reestruturação na ICAR. Diante de uma possível transformação estrutural dessa instituição, ele acredita que jovens mais coesos com sua história e mais saudáveis psicologicamente vão ser atraídos e vão poder construir uma história realmente “santa” da própria ICAR.

Após todos os apontamentos, acredita-se que os objetivos propostos para esta pesquisa foram alcançados, no sentido de apontar a existência dos conteúdos inconscientes na motivação pela vocação religiosa. Durante toda a pesquisa, deixou-se bem claro que essa é a tese central do trabalho de Drewermann em *Funcionários de Deus*. Para ele, esses conteúdos é que direcionam o jovem a optar pela vida religiosa.

³⁸⁷ Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/>. Acesso em: 02 de março de 2010.

Através dessa hipótese levantada por Drewermann, conseguiram-se responder as principais questões motivadoras para esta pesquisa, citadas na introdução deste trabalho: o que leva um jovem a buscar como ideal de vida a opção de ser sacerdote da ICAR? Quais aspectos psicológicos, no vocacionado, são incitados para que ocorra a motivação à vida religiosa?

Conclui-se apresentando, também, o mais profundo respeito e admiração por todos aqueles que optam por ingressarem na ICAR como seminaristas. Sabendo-se de todas as renúncias que a vida clerical impõe, ainda assim, jovens de bem buscam, nesse tipo de vida, a realização pessoal e fazem todo o possível para defenderem e elevarem o nome de sua Igreja. Por esse motivo, eles merecem todo o cuidado e dedicação por parte de pesquisadores interessados no tema da vocação religiosa.

Utilizando-se das palavras de Drewermann, pleiteia-se para este trabalho os mesmos objetivos que o autor demandou para o seu livro:

Se por meio deste livro fosse possível ajudar a fazer falar o que está recalcado, ajudar a vencer o isolamento, a bater as barreiras da intransigência, e a introduzir uma discussão urgente há muito, mas sempre impedida por receios e sanções de toda a espécie, e se além de tudo isto fosse possível ainda comunicar a um grande número de leitores a sensação de que, no meio das suas dificuldades e conflitos, podem ter a certeza de que são compreendidos, e não condenados e rejeitados, então sim, o nosso esforço e empenho teriam valido a pena.³⁸⁸

Termina-se com a sensação de dever cumprido, porém com a vontade e a necessidade de que este trabalho continue em outra etapa, com talvez maior aprofundamento. Leva-se, assim, o ecoar da mensagem de Drewermann para a vivência diária, acreditando que a voz de Deus está em nosso coração e a sua escuta depende, necessariamente, da boa vontade em conhecer-se a si mesmo.

³⁸⁸ Eugen DREWERMANN, *Funcionários de Deus*, p. 22.

BIBLIOGRAFIA

- BENKÖ, Antonius. Aspectos psicológicos da vocação religiosa e sacerdotal, Separata de: *Revista de Psicologia Normal e Patológica*, n. 7, 1961, p. 769-773.
- BERGERET, Jean. *A personalidade normal e patológica*. Tradução Maria Elísia Valliatti Flores. Porto Alegre: ArtMed, 1998, p. 67, 68.
- BOOTZ, Everton Ricardo. “*Consultei a Deus, ele me respondeu, e me livrou de todos os temores*”: o uso de recursos espirituais no aconselhamento pastoral. Tese de Doutorado. São Leopoldo: EST, 2003.
- BOST, Bryan Jay; PESTANA, Álvaro César. *Introdução ao estudo bíblico*. Disponível em: <<http://www.hermeneutica.com/principios/introducao.htm>>. Acesso em: 04/02/10.
- BRENNER, Charles. *Noções básicas de psicanálise: introdução à psicologia psicanalítica*. Tradução Ana Mazur Spira. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- CABRAL, Álvaro; NICK, Eva. *Dicionário técnico de psicologia*. São Paulo: Cultrix, 1974, p. 14, 93, 195.
- CNBB. *Formação dos presbíteros no Brasil: diretrizes básicas*. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 12-22.
- CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Orientações para a utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 3.
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o ministério e a vida do presbítero*. São Paulo: Loyola, 1994, p. 57-71.
- COZZENS, Donald B. *A face mutante do sacerdócio: reflexão sobre a crise de alma do sacerdote*. Tradução Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 2003.
- _____. *Liberar o celibato*. Tradução Joshuah de Bragança Soares. São Paulo: Loyola, 2008.
- DORON, Roland; PAROT, Françoise. *Dicionário de psicologia*. São Paulo: Ática, 1998, p. 630.
- DREWERMANN, Eugen. *Clérigos: psicograma de un ideal*. Traducción Dionísio Mínguez. Madrid: Editorial Trotta, 1995.
- _____. *Dios inmediato*. Tradução José Manuel Vidal. Madrid: Editorial Trotta, 1997.
- _____. *Funcionários de Deus: psicograma de un ideal*. Tradução M. C. L. da Fonseca. Lisboa: Editorial Inquérito, 1989.
- _____. *Os seminaristas fogem da sexualidade*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/>>. Acesso em: 02/03/10.
- _____. *Psicoanálisis y teología moral II : camynos e rodeos del amor*. [S.I.]: Editorial Desclée de Brouwer, 1996.
- _____. *Psicologia e teologia*. In EICHER, Peter (org.). *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. São Paulo: Paulus, 1993, p. 733- 743.

- _____. *Religião para quê?: buscando sentido numa época de ganância e sede de poder*. Em diálogo com Jürgen Hoeren. Tradução Walter Shlupp. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- EY, Henri; BERNARD, Paul; BRISSET, Charles. *Manual de psiquiatria*. São Paulo: Masson, Atheneu, [198-?], p. 43-44.
- FAUS, José Ignacio Gonzáles; MORANO, Carlos Dominguez; QUEIRUGA, Andrés Torres. *“Clérigos” en debate*. Madrid: PPC, 1996.
- FREUD, Sigmund. Totem e tabu. [1913] In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1995, v. XIII, p. 13-162.
- _____. Psicologia de grupo e a análise do ego. [1921] In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XVIII, p. 105-110.
- _____. O futuro de uma ilusão. [1927] In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas De S. Freud*. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987, v. XXI, p. 13-63.
- ISNARD, Dom Clemente. *Reflexões de um bispo sobre as instituições eclesiais atuais*. São Paulo: Olho d’Água, 2008.
- JOÃO PAULO II. Exortação apostólica pós-sinodal *Pastores dados vobis, sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 13-27.
- JUNIOR, Jovino Camargo. *Wilhelm Reich e conceitos relacionados*. Disponível em: <<http://www.artorg.com.br/metodologia/glossario2.htm#couraça>>. Acesso em: 08/09/09.
- LAPLANCHE, PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise*. Tradução Pedro Tamen. 4º Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LEMERCIER, Grégoire. *Psicanálise e religião*. Tradução Glória Villela e Luiza Barreto Leite. Rio de Janeiro: Editora Brasília/ Rio, 1977.
- LINN, Victor Waldir. *Entre o sonho e a palavra: um estudo sobre a relação da psicanálise e teologia na obra de Eugen Drewermann*. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 1999.
- _____. Teologia e psicanálise na obra de Eugen Drewermann. *Revista semestral de estudos e pesquisas em religião*, São Bernardo do Campo, ano XIII, n. 16, 1999, p. 161-175.
- LOPES, Augustus Nicodemus. *O dilema do método histórico-crítico na interpretação bíblica*. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/dilema.html>>. Acesso em: 04/02/10.
- MORANO, Carlos Domínguez. *Crer depois de Freud*. Tradução Eduardo Dias Gontijo. São Paulo: Loyola, 2003, p. 227-228.
- MOREIRA, Alberto. Eugen Drewermann e a Psicanálise da Igreja Clerical. (*Revista Eclesiástica Brasileira*), nº 218, vol. 55. Junho de 1995, Petrópolis: Vozes, p. 395-405.
- NASIO, J. D. (Dir.). *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995, p. 133-201.
- NOÉ, Sidnei Vimar (Org.). *DVD Simpósio de aconselhamento e psicologia pastoral*. Conferências do Prof. Dr. Eugen Drewermann. São Leopoldo: EST, 2005.
- OSIB. *Organização dos seminários e institutos do Brasil*. Disponível em: <<http://www.osib.org.br>>. Acesso em: 08/02/10.

- PEREIRA, William Cesar Castilho. *A formação religiosa em questão*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- PEREIRA, William Cesar Castilho (org.). *Análise institucional na vida religiosa consagrada*. Belo Horizonte: Publicações CRB, 2005.
- PIERI, Paolo Francesco (dir) *Dicionário Junguiano*. Tradução Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2002, p. 43-53.
- SOUZA, Gladstone Elias de. *Síndrome do bom samaritano desiludido*. Disponível em: <<http://revistaparoquias.com.br/index.php/2009/09/sindrome-do-bom-samaritano-desiludido>>. Acesso em: 09/02/10 e 11/02/10.
- TELLES, Sérgio. *Pensando a respeito da pedofilia (abusos sexuais infantis) e da teoria da sedução*. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/atividades_atuais/telles-pedofilia.shtml>. Acesso em: 14/06/10.